



**Politécnico  
de Viseu**

Escola Superior  
de Educação  
de Viseu

IPV-ESEV 2022

A importância da consciência histórica na formação da consciência social e política em alunos/as do 2.º Ciclo do Ensino Básico

Adriana Gomes

**A importância da consciência histórica na  
formação da consciência social e política  
em alunos/as do 2.º Ciclo do Ensino Básico**

Adriana Andreia Gomes Rodrigues

Viseu, 2022

IPV-ESEV 2022



**Politécnico  
de Viseu**

Escola Superior  
de Educação  
de Viseu

A importância da consciência histórica na formação da consciência social e política em alunos/as do 2.º Ciclo do Ensino Básico

## **A importância da consciência histórica na formação da consciência social e política em alunos/as do 2.º Ciclo do Ensino Básico**

Adriana Andreia Gomes Rodrigues





Politécnico  
de Viseu

Escola Superior  
de Educação  
de Viseu

## DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE CIENTÍFICA

Adriana Andreia Gomes Rodrigues, n.º 11361, do curso de Mestrado em Ensino do 1.º C.E.B. e Ensino de Português e História e Geografia de Portugal no 2.º C.E.B., declara sob compromisso de honra, que o Projeto Final é inédito e foi especialmente escrito para este efeito.

Viseu, 10 de janeiro de 2023

A aluna,

Adriana Gomes

## **Agradecimentos**

A concretização deste Relatório Final de Estágio contou com a disponibilidade, o apoio, e os contributos de várias pessoas que possibilitaram o meu aperfeiçoamento pessoal e académico.

### **Deste modo, agradeço:**

À Professora Doutora Liliana Castilho, orientadora deste trabalho de investigação, por todo o apoio e contributos que sempre, de boa vontade, disponibilizou, bem como pela motivação que procurou transmitir.

Aos/às professores/as da Escola Superior de Educação de Viseu por tudo o que me ensinaram, pois, com o seu apoio, aprendi a melhorar as minhas competências, percebendo que o primeiro passo para alcançar o conhecimento passa pelo questionamento.

À Professora Ana Elias Pinheiro, cooperante da Prática de Ensino Supervisionada em Português e História e Geografia de Portugal no 2.º C.E.B. II, por todo o acompanhamento e aprendizagens, as quais possibilitaram um contato mais aprofundado com a didática da História.

Às minhas amigas, Manuela Tavares e Carolina Leão, pelo apoio e pela motivação durante o processo de construção deste documento.

À minha mãe por toda a paciência e por me pressionar a finalizar esta etapa da minha vida.

Ao meu avô, que me acompanha e protege e que estará sempre presente na minha memória.

**A todos/as, o meu sincero agradecimento.**

## Resumo

O presente trabalho de investigação pretende debruçar-se sobre o papel da consciência histórica na formação da consciência social e política em alunos/as do 2.º Ciclo do Ensino Básico.

Para tal, daremos especial relevância ao período histórico do Estado Novo, em Portugal, tendo em consideração a conjuntura internacional de emergência de regimes fascistas na Europa, como forma de analisar o impacto que os factos históricos (consciência histórica) despoletam na consciência social.

Será que a sociedade de há 50 anos atrás influenciou o país em que vivemos, hoje? Não, porquê? Se sim, de que forma? Esta e outras serão algumas das questões que procuraremos desenvolver com alunos/as e que os mesmos poderão espelhar na dupla aplicação de um inquérito por questionário: no final da lecionação dos conteúdos relativos à 1ª República e no final da lecionação dos conteúdos relacionados com o Estado Novo, ou seja, antes e depois da lecionação da unidade relacionada com o Estado Novo em Portugal.

A análise comparativa dos dados obtidos, entre a primeira e a segunda aplicação do questionário, irá permitir concluir até que ponto os conhecimentos históricos desenvolvidos, tiveram reflexos nas opiniões expressas pelos/as alunos/as.

Palavras-chave: Estado Novo; Consciência Histórica; Consciência Social; Consciência Política; Alunos/as do 2.º Ciclo do Ensino Básico

## **Abstract**

This research work intends to focus on the role of historical consciousness in the formation of social and political consciousness in students of the 2nd Cycle of Basic Education. To this end, we will give special relevance to the historical period of the Estado Novo, in Portugal, even taking into account the international conjecture of the emergence of fascist regimes in Europe, as a way of analyzing the impact that historical facts (historical consciousness) trigger on the as far as social conscience is concerned. Did the society of 50 years ago influence the country we live in today? No, why? if so, in what way? This and others will be some of the questions that we will try to develop with students and that they will be able to reflect in the double application of a questionnaire survey: at the end of the teaching of contents related to the 1st Republic and at the end of the teaching of contents related to the State Young, that is, before and after teaching the unit related to the Estado Novo in Portugal.

The comparative analysis of the data obtained, between the first and the second application of the questionnaire, will allow us to conclude to what extent the historical knowledge developed had an impact on the opinions expressed by the students.

**Keywords:** New State; Historical Consciousness; Social Consciousness; Political Consciousness; Students of the 2nd Cycle of Basic Education

## Índice

Agradecimentos .....	V
Resumo.....	VI
Abstract.....	VII
Introdução Geral .....	13
Parte I – Reflexão crítica sobre as práticas em contexto .....	14
Nota Introdutória .....	15
1. Contextualização dos estágios desenvolvidos.....	17
1.1. Caraterização da Prática de Ensino Supervisionada no 1.º Ciclo do Ensino Básico (P.E.S. I e II).....	20
1.2. Caraterização da Prática de Ensino Supervisionada no 2.º Ciclo do Ensino Básico (P.E.S. I e II).....	22
2. Apreciação crítica das competências desenvolvidas na Prática de Ensino Supervisionada no 1.º Ciclo do Ensino Básico: Prática de Ensino Supervisionada I e II (P.E.S. I e II).....	24
3. Apreciação crítica das competências desenvolvidas na Prática de Ensino Supervisionada no 2.º Ciclo do Ensino Básico: Prática de Ensino Supervisionada I e II (P.E.S. I e II).....	32
4. Síntese global das práticas concretizadas, das competências e conhecimentos profissionais desenvolvidos.....	43
Parte II – Trabalho de Investigação.....	48
Nota Introdutória .....	49
1. Definição do problema e objetivos da investigação .....	50
1.1. Justificação e relevância do estudo.....	52
2. A Consciência Histórica, a Consciência Social e a Consciência Política .....	55
2.1. O que se entende por Consciência Histórica .....	55
2.2. O que se entende por Consciência Social .....	61
2.3. O que se entende por Consciência Política .....	67
3. Metodologia .....	72
3.1. Tipo de investigação.....	72
3.2. Amostra e justificação da sua escolha .....	73
3.3. Técnicas e instrumentos de recolha de dados .....	74
3.4. Procedimento .....	77



3.5. Técnicas de tratamento e análise dos dados .....	78
4. Análise dos dados .....	81
4.1. Questionários preenchidos pelos/as discentes .....	81
4.2. Análise individual dos textos elaborados pelos/as alunos/as .....	86
Conclusões do estudo .....	91
Limitações do estudo .....	93
Sugestões para futuras investigações .....	93
Conclusão geral .....	94
Referências Bibliográficas .....	97
Anexos .....	105
Anexo 1 – Plano de aula do dia 4 de Janeiro de 2021 .....	105
Anexo 2 - Plano de aula de 12 de Maio de 2021 .....	106
Anexo 3 - Plano de aula de 18 de Janeiro de 2021 .....	107
Anexo 4 - Plano de aula de 5 de Janeiro de 2021 .....	108
Anexo 5 – Excerto do plano de aula de 15 de Junho de 2021 .....	109
Anexo 6 – Excerto do plano de aula de dia 2 de Junho de 2021 .....	110
Anexo 7 – Excertos dos planos de aula de 17 de Maio e 28 de Junho de 2021 .....	111
Anexo 8 – Excerto do plano de aula de 28 de Junho de 2021 .....	112
Anexo 9 – Excerto do plano de aula de 7 de Abril de 2021 .....	113
Anexo 10 – Excerto do plano de aula de 15 de Junho de 2021 .....	114
Anexo 11 – Excerto do plano de aula de 17 de Maio de 2021 .....	115
Anexo 12 - Certificado de Formação Profissional .....	116
Anexo 13 - Link de acesso à página do Projeto Giesta .....	117
Anexo 14 - Excerto dos planos de aula de Português e de H.G.P. de 24 de maio e de 8 de junho de 2022 respetivamente. ....	118
Anexo 15 – Excertos dos relatórios de intervenção das semanas de 24 a 28 de Janeiro e de 9 a 13 de Maio de 2022 .....	119
Anexo 16 - Excerto do plano de aula de 10 de Janeiro de 2022 .....	120
Anexo 17 - Excerto do plano de aula de 14 de Janeiro de 2022 .....	121
Anexo 18 - Excerto do plano de aula de 24 de Janeiro de 2022 .....	122
Anexo 19 - Imagens da recolha de seres vivos do rio Pavia, em Viseu .....	123
Anexo 20 - Análise dos seres vivos recolhidos no rio Pavia com recurso a um fluxograma de identificação dos animais e um mapa elucidativo da (in) tolerância dos mesmos à poluição. ....	124
Anexo 21 - Excerto do plano de aula de 11 de março de 2022. ....	125

Anexo 22 - Excerto do plano de aula de 8 de junho de 2022.....	126
Anexo 23 - Excerto do plano de aula de dia 14 de Janeiro de 2022 .....	127
Anexo 24 - Excerto do plano de aula de 14 de março de 2022 .....	128
Anexo 25 - Excertos dos planos de aula de 30 de maio e de 6 de abril de 2022 .....	129
Anexo 26 - Excerto de plano de aula de 31 de Janeiro de 2022.....	130
Anexo 27 - Excerto de plano de aula de 24 de Janeiro de 2022.....	131
Anexo 28 - Excerto do plano de aula de 23 de maio de 2022.....	132
Anexo 29 - Excerto do plano de aula de 7 de junho de 2022.....	133
Anexo 30 - Excerto do plano de aula de 7 de junho de 2022.....	134
Anexo 31 - Excerto do plano de aula de 8 de junho de 2022.....	135
Anexo 32 - Excerto de plano de aula de 8 de junho de 2022.....	136
Anexo 33 - Excerto do plano de aula de 11 de março de 2022 .....	137
Anexo 34 - Excerto de plano de aula de 25 de maio de 2022.....	138
Anexo 35 - Excerto de plano de aula de 18 de maio de 2022.....	139
Anexo 36 - Excerto de plano de aula de 1 de maio de 2022.....	140
Anexo 37 - Excerto de plano de aula de 1 de maio de 2022.....	141
Anexo 38 - Excerto de plano de aula de 25 de maio de 2022.....	142
Anexo 39 - Excerto de plano de aula de 25 de maio de 2022.....	143
Anexo 40 - Excerto de plano de aula de 6 de abril de 2022 .....	144
Anexo 41 - Excerto de plano de aula de dia 7 de dezembro de 2021 .....	145
Anexo 42 - Excerto de plano de aula de 23 de maio de 2022.....	146
Anexo 43 - Excerto de plano de aula de dia 8 de Novembro de 2021 .....	147
Anexo 44 - Excerto de plano de aula de dia 29 de Novembro de 2021 .....	148
Anexo 45 - Excerto de plano de aula de 24 de maio de 2022.....	149
Anexo 46 - Excerto de plano de aula de 24 de maio de 2022.....	150
Anexo 47 - Excerto de plano de aula de 6 de junho de 2022.....	151
Anexo 48 – Excerto de plano de aula de 23 de março de 2022.....	152
Anexo 49 - Excerto do plano de aula de dia 24 de Janeiro de 2022 .....	153
Anexo 50 - Excerto de plano de aula de dia 24 de Janeiro de 2022 .....	154
Anexo 51 - Excerto de plano de aula de dia 24 de Novembro de 2021 .....	155
Anexo 52 - Excerto de plano de aula de 30 de maio de 2022.....	156
Anexo 53 - Excerto de plano de aula de 14 de março de 2022 .....	157
Anexo 54 - Excerto de ficha de avaliação.....	158
Anexo 55 – Projeto Interdisciplinar .....	160

Anexo 56 - Alguns dos desenhos finais dos/as alunos/as, no âmbito do Projeto Interdisciplinar .....	161
Anexo 57 - Cartaz divulgativo das atividades comemorativas do 25 de Abril.....	162
Anexo 58 - Partilha de testemunho de uma ex-presa política, Graça Marques.....	163
Anexo 59 - Músicas de intervenção reproduzidas na Biblioteca Escolar .....	164
Anexo 60 - Notícias e capas de jornais expostos .....	165
Anexo 61 - Listagem de obras partilhadas nas redes sociais na escola. ....	166
Anexo 62 - Certificado de participação no “I Colóquio Internacional de Teoria e Crítica Literária e II Colóquio Nacional de Literatura, Memória e Subjetividade: Deslocamentos e Identidades” .....	167
Anexo 63 – Diferenças entre respostas antes e após a lecionação dos conteúdos relacionados com o período do Estado Novo .....	168
Anexo 64 - Mapeamento das respostas dadas pelos/as alunos/as com base nas diferenças entre as respostas da 1.ª aplicação e da 2.ª aplicação do questionário. ..	182
Anexo 65 – Textos reflexivos elaborados pelos/as discentes. ....	189

## Lista de Figuras

Figura 1 – Códigos e respetivos temas da Análise Temática Reflexiva dos questionários.....	78
Figura 2 – Mudanças registadas ao nível da consciência social e política, com base nas respostas dos/as discentes dadas na 1ª e 2ª aplicação do questionário.....	81

## Lista de Abreviaturas

C.E.B. – Ciclo do Ensino Básico

E.V.T. – Educação Visual e Tecnológica

H.G.P. – História e Geografia de Portugal

O.C.D.E. – Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico

P.E.S. – Prática de Ensino Supervisionada

T.I.C. – Tecnologias de Informação e Comunicação

## **Introdução Geral**

O presente Relatório Final de Estágio foi elaborado no âmbito do Mestrado em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico (C.E.B.) e Ensino de Português e História e Geografia de Portugal no 2.º Ciclo do Ensino Básico, na Escola Superior de Educação de Viseu.

Em termos de estrutura, este documento encontra-se organizado em duas partes, sendo que a primeira diz respeito à reflexão crítica sobre as Práticas de Ensino Supervisionado (a P.E.S. I e II no 1.º C.E.B., bem como a P.E.S I e II no 2.º C.E.B.). Assim sendo, nesta primeira parte, começamos por proceder à contextualização das práticas em ambos os ciclos de ensino, de seguida, procedemos à apreciação crítica das competências desenvolvidas nas práticas relativas ao 1.º e ao 2.º C.E.B. e por fim efetuamos uma síntese global sobre as práticas concretizadas e das competências e conhecimentos profissionais desenvolvidos.

A segunda parte deste documento debruça-se sobre um estudo que pretende compreender qual o papel da consciência histórica na formação da consciência social e política em alunos/as do 2.º Ciclo do Ensino Básico. Neste sentido, apresentámos a definição do problema e dos objetivos do estudo, bem como a justificação e relevância do mesmo. Posteriormente, face à revisão da literatura, explorámos os conceitos de Consciência Histórica, Consciência Social e Consciência Política. De seguida, enunciámos a metodologia utilizada, a amostra e a justificação da sua escolha, as técnicas e instrumentos de recolha de dados, o procedimento, as técnicas de tratamento e análise dos dados, a análise dos mesmos e sua discussão. Finalmente, no que concerne à conclusão, focámo-nos em refletir sobre as questões mais marcantes deste trabalho.

## **Parte I – Reflexão crítica sobre as práticas em contexto**

## Nota Introdutória

As Práticas de Ensino Supervisionadas (P.E.S.), representam um dos momentos mais marcantes do Mestrado em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico e de Português e História e Geografia de Portugal no 2.º Ciclo do Ensino Básico, permitindo a compreensão sobre a ação docente, no sentido da melhoria do ensino-aprendizagem, por via do desenvolvimento de aprendizagens significativas, mobilizadoras de conhecimentos essenciais à formação dos alunos.

Neste sentido, findas as Práticas de Ensino Supervisionadas no 1.º e no 2.º Ciclos do Ensino Básico (C.E.B.), coloca-se a necessidade de proceder a uma reflexão crítico – reflexiva, debruçada sobre o desempenho e as práticas por mim efetuadas.

Face à conjuntura pandémica que afetou, sobretudo, as P.E.S. I e II no 1.º C.E.B., apenas foi possível interagir de forma mais efetiva com os/as alunos/as do 6.º ano, durante as P.E.S. I e II no 2.º C.E.B..

Deste modo, ao longo das Práticas de Ensino Supervisionadas I e II no 2.º C.E.B., percebi que o ensino presencial, onde os alunos desenvolvem as suas competências, juntamente com outros colegas, é fundamental para aprendizagens mais ricas, integradas e significativas. Para além disto, outro aspeto fundamental, consiste na interação, o contacto com o outro. Daí brotam aprendizagens basilares ao nível das relações e dos valores de cidadania que nenhum outro tipo de ensino substitui.

Durante o período de ensino à distância, ao qual fomos obrigados/as no auge da pandemia, uma outra reflexão emergiu: a reflexão sobre aquilo que é ser professor e qual o papel do mesmo no conteúdo escolar. Mais do que expor informação, o professor desempenha um papel insubstituível, o de orientar as aprendizagens para as aprendizagens. Numa sociedade, consideravelmente, desenvolvida em termos tecnológicos, os alunos têm a possibilidade de aceder facilmente à informação, ora, se a importância da ação de um professor se detivesse na disponibilização de informação, nos dias de hoje, os professores seriam dispensáveis. Atendendo à necessidade de uma sociedade que se pretende crítica e sustentada nos pilares da Democracia, imediatamente, compreendemos qual deverá ser a direção da intervenção dos professores, como orientadores da reflexão e educadores de sociedades livres, informadas, comprometidas com a verdade, a justiça e a solidariedade.

Neste sentido, ao longo da P.E.S. II no 1.º C.E.B. e das P.E.S. I e II no 2.º C.E.B., nos momentos que me foram possíveis lecionar, procurei convocar reflexões quotidianas, com base nos conteúdos abordados, que permitissem aos alunos questionar os comportamentos humanos, o bem e o mal, pois, de acordo com o que fui observando em alguns contextos escolares, considero que, por vezes, estas dimensões são descoradas ou pouco enfatizadas, sendo dando real enfoque às aprendizagens em torno dos conteúdos das áreas ou disciplinas de Português e Matemática, por exemplo.

Como forma de elucidar melhor as práticas, passo a referir que esta reflexão crítica sobre as práticas em contexto, encontra-se dividida em três partes: a contextualização das Práticas de Ensino Supervisionadas I e II no 1.º e no 2.º C.E.B., a caracterização do contexto das P.E.S. I e II no 1.º e no 2.º C.E.B. e as apreciações críticas das competências desenvolvidas durante a P.E.S. I e II no 1.º e no 2.º C.E.B..



## 1. Contextualização dos estágios desenvolvidos

O percurso formativo, constante, de qualquer profissional de educação, é constituído por diversas situações desafiantes, que possibilitam a evolução da experiência nesta área profissional. As Práticas de Ensino Supervisionado I e II no 1.º C.E.B. fizeram crescer os desafios, devido à pandemia, provocada pela Covid´19, que veio transformar os hábitos, as rotinas e as relações entre as pessoas. Neste seguimento, também, a Educação foi alvo de transformações limitadoras da ação e do desenvolvimento de alunos/as. Neste sentido, devido ao agravamento da pandemia, passámos do ensino presencial para o ensino à distância e mesmo depois de regressar ao ensino presencial, as limitações dentro da sala de aula marcaram o dia-a-dia dos/as alunos/as.

O contexto em que decorreram as Práticas de Ensino Supervisionadas I e II no 1.º e no 2.º C.E.B. foi o mesmo, sendo que, inicialmente, previa-se que a P.E.S. I decorresse em determinado nível de ensino e a P.E.S. II, num nível de ensino distinto do nível de ensino anterior, como forma de desenvolver as nossas competências, a partir de experiências diferentes. Consideramos importante referir que apesar não ter sido possível contactar com alunos/as de diferentes níveis de ensino, as duas turmas com as quais desenvolvemos a P.E.S. I e II em cada um dos ciclos fizeram emergir a necessidade de um trabalho atento e exigente, pelo facto de estarmos perante discentes, que entre si, apresentavam competências e dificuldades diferentes, de resto, como quaisquer outras turmas, do âmbito escolar.

A Prática de Ensino Supervisionada I e II no 2.º C.E.B. potenciou uma experiência progressivamente diferente daquela que foi vivida no ano anterior, uma vez que passámos, finalmente, a poder conhecer os alunos por via do fim da obrigatoriedade do uso das máscaras cirúrgicas na sala de aula, podendo, assim, usufruir de uma maior proximidade com os/as discentes.

Neste contexto, enquanto no ano anterior tivemos, apenas, as referências de uma única orientadora cooperante, durante as P.E.S. no 2.º C.E.B. tivemos a oportunidade de observar aulas lecionadas pelas orientadoras cooperantes de Português e de História e Geografia de Portugal, as quais se regem por visões distintas do ensino-aprendizagem, uma vez que a cooperante de Português opta, maioritariamente, pelo trabalho individual em sala de aula enquanto a cooperante de H.G.P. adota, na maior parte das vezes, metodologias colaborativas como o trabalho em grupo.

As P.E.S. no 2.º C.E.B. revelaram-se extremamente pertinentes para a minha formação, enquanto futura docente, uma vez que me permitiram contactar com alunos/as integrados/as no 6.º ano de escolaridade, dentro de um panorama mais próximo daquilo que é a realidade do ensino, relativamente a esta faixa etária. A par destas faculdades, um outro aspeto que assumiu grande relevância incidu sobre os momentos de reflexão potenciados pela elaboração de relatórios semanais de intervenção, com base nos quais repensei atividades e estratégias, no sentido de fomentar aprendizagens significativas aos/às alunos/as. De acordo com Alarcão (1996, p. 179, citado por Vaz, 2019, p. 85), o modelo reflexivo defende uma formação de professores baseada na reflexão e análise dos fenómenos educativos. Desta análise, efetuada em função da situação e dos esquemas concetuais/construtos mentais do formando, “resulta geralmente uma reorganização ou um aprofundamento do nosso conhecimento com consequências ao nível da ação” (Alarcão, 1996, p. 179, citado por Vaz, 2019, p. 85).

Na minha perspetiva, as Práticas de Ensino Supervisionadas no 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico, revelaram-se muito pertinentes, ao longo do ano, pelo acompanhamento que oferecem aos/às futuros/as professores/as, pois as mesmas estão divididas em horas de estágio, horas de orientação tutorial e horas dedicadas a seminários. Deste modo, foram várias as situações de reflexão, potenciadas por estes momentos e que se assumem indispensáveis à melhoria das práticas e das metodologias a adotar. Schon (1983, citado por Reis, 2006), ressalta que “a formação do futuro profissional deve integrar uma forte componente de reflexão, com o intuito de se enfrentar as diferentes situações do dia-a-dia que lhe surgirão na vida real e se consiga tomar as decisões adequadas”.

Para além disto, há que ressaltar, a constante supervisão das práticas, efetuadas pelos/as professores/as supervisores/as, da Escola Superior de Educação de Viseu, provenientes de diferentes áreas disciplinares, possibilitando um acompanhamento mais individualizado, o que fez com que não nos sentíssemos sozinhas nesta caminhada. De acordo com Alarcão e Tavares (1987, citados por Reis, 2006), “ao processo de supervisão, designado também por orientação da prática pedagógica, uma vez que implica uma orientação de uma acção estão subjacentes duas ideias fundamentais, a ideia de processo e a de desenvolvimento humano e profissional”.

Como forma de planificar as diversas aulas lecionadas no âmbito das P.E.S. no 1.º C.E.B. foram tidos em consideração documentos de referência do Ministério da

Educação, como é o caso do Programa e Metas Curriculares do 1.º Ciclo do Ensino Básico, direcionado para as áreas de Português, Matemática, Estudo do Meio e Educação Artística e Educação Física. No contexto das P.E.S. no 2.º C.E.B. seguimos as orientações das Aprendizagens Essenciais de Português e de História e Geografia de Portugal do 6.º ano, do Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória e da Estratégia Nacional de Educação para a Cidadania.

A aproximação aos documentos, anteriormente, mencionados permitiu um melhor entendimento sobre os conteúdos e objetivos definidos para cada nível de escolaridade, para além de auxiliarem, juntamente com as características de cada turma, no traçar das estratégias a desenvolver.

### **1.1. Caracterização da Prática de Ensino Supervisionada no 1.º Ciclo do Ensino Básico (P.E.S. I e II)**

As Práticas de Ensino Supervisionadas I e II no 1.º C.E.B. decorreram no primeiro e segundo semestres, respetivamente e tiveram lugar na mesma instituição de ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, pertencente ao Agrupamento de Escolas Grão Vasco.

Durante a P.E.S. I, previa-se que a lecionação se desenrolasse ao longo de dois dias da semana (segunda e terça-feira), o que com o confinamento geral, veio a ficar sem efeito e durante a P.E.S. II, previa-se, como veio a suceder, que a lecionação ocorresse ao longo de três dias da semana (segunda, terça e quarta-feira).

A turma envolvida frequentava o 4.º ano de escolaridade e era composta por 25 alunos/as, dos/as quais treze eram rapazes e doze eram raparigas. Em termos de idades, vinte e um dos/as alunos/as da turma detinham nove anos, dois alunos/as, dez anos e outros/as dois/duas alunos/as, mais de dez anos. Alguns destes/destas alunos/as provinham da área de residência, pertencente à escola, outros/as integraram a escola pelo facto de esta corresponder à área de trabalho dos encarregados de educação.

A turma era composta por alguns/algumas alunos/as mais desconcentrados/as e faladores/as que, de um modo geral, encaminhavam o ambiente da sala de aula para um ambiente barulhento. Apesar disto estávamos perante uma turma comunicativa, com interesses diversificados e com boas capacidades cognitivas. Os ritmos de aprendizagem dos/as alunos/as eram distintos, pelo que era necessário reformular questões, mais do que uma vez, como forma de disponibilizar apoio individualizado.

No que concerne à sala de aula, situada no segundo piso, a mesma era constituída por treze mesas, dispostas em três filas, onde os/as alunos/as se sentavam, a pares. A sala era, ainda, dotada de quatro grandes janelas que possibilitavam uma ótima luminosidade no interior da sala. Este espaço dispunha, também, de um quadro de giz, um quadro interativo, um computador e projetor com colunas de som. Freitas (2008, citado por Neves, 2014) refere que é importante a forma como se dispõem as mesmas e as cadeiras, visto que estas são fundamentais para contribuir para a aprendizagem de forma significativa. Assim, a disposição na sala de aula, devem mudar atendendo ao tipo de aula que o/a professor/a esteja a

planear, considerando aos seus objetivos e tendo em atenção a questão da interação entre os/as alunos/as e os espaços.

Relativamente à componente letiva, esta tinha início às 8 horas e 30 minutos, com o recreio a seguir-se das 9 horas e 45 minutos, às 10 horas e 30 minutos, sendo que o normal, antes do período pandémico era que a interrupção acontecesse às 10 horas, todavia, antecedeu-se este horário para que os/as alunos/as pudessem lavar as mãos e lanchar antes da saída para o exterior da sala de aula. De seguida, às 11 horas e 30 minutos procedia-se à pausa para o almoço, com a retoma marcada para as 13 horas e 15 minutos, prolongando-se o período de aulas até às 15 horas e 30 minutos, em dois dos dias da semana. Nos restantes dias, a componente letiva estendia-se até às 17 horas e 30 minutos, refletindo, na minha opinião, uma pesada carga horária escolar.

Segundo Neto (2017), as crianças passam muitas horas sentadas na escola debruçadas sobre currículos intensos e extensos. “Portugal tem as maiores cargas horárias escolares da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE). Numa grande parte dos casos, as crianças passam em média cerca de 40/45 horas semanais na escola” (Neto, 2017).

## **1.2. Caracterização da Prática de Ensino Supervisionada no 2.º Ciclo do Ensino Básico (P.E.S. I E II)**

A escola na qual teve lugar a Prática de Ensino Supervisionada I e II, direcionada ao 2.º C.E.B. pertence ao Agrupamento de Escolas Grão Vasco, inserido no concelho de Viseu.

Neste contexto, tive a oportunidade de lecionar conteúdos de Português e de História e Geografia de Portugal à turma do 6.º G, composta por 24 alunos/as, os/as quais de um modo geral, revelavam dificuldades de atenção e de concentração, problemas de organização de materiais, falta de métodos de trabalhos, tendências para comportamentos agitados e características conversadoras, para além de transparecerem dificuldades ao nível do saber escutar/estar/fazer. Por outro lado, importa, também, destacar que a turma apresentava alguns aspetos facilitadores que se prendem com o facto de os/as alunos/as aderirem, razoavelmente bem, às propostas de trabalho, com o gosto que os/as discentes demonstravam pelo estabelecimento de ensino que frequentavam e com as relações positivas que se fizeram sentir entre os/as mesmos/as.

Em termos de aulas lecionadas, quase todas decorreram junto da turma do 6.º G, à exceção de algumas aulas de Português, de História e Geografia de Portugal e de Cidadania e Desenvolvimento, que foram propostas, pelas orientadoras cooperantes com o intuito de exercitar as minhas competências junto de turmas com características diferentes daquela em que, habitualmente, lecionava.

Face aos blocos de aulas lecionados, no âmbito das disciplinas de Português e de História e Geografia de Portugal (H.G.P.), todas as semanas, o tempo de aulas a lecionar foi similar, salvo raras exceções impostas pelas orientadoras cooperantes. A este propósito será importante salientar que na semana de 25 a 29 de abril não lecionei qualquer aula, precisamente, por não ser conveniente a ambas as cooperantes. Todavia, de um modo geral, em cada semana, as orientadoras disponibilizavam 45 minutos de aula dedicada a Português e 45 minutos de aula direcionada a H.G.P. à segunda-feira, para além de dispensarem, à terça-feira, de manhã, 90 minutos de aula focados na disciplina de Português e à quarta-feira, de manhã, 90 minutos de aula dedicados a H.G.P..

A sala de aula, na qual decorreram as aulas de Português e de H.G.P. lecionadas designava-se por sala E.V.T.2, situava-se no 2.º andar e era composta por um quadro branco, um quadro interativo, um projetor, um computador, com ligação

precária à internet, mais de 24 mesas e cadeiras, divididas em cinco filas, segundo o modelo tradicional, com base no qual os/as alunos/as se distribuem, individualmente, pelas mesas da sala, virados de frente, para os quadros e para a secretária da docente. A somar a estas características, importa salientar que a mesma sala dispõe de muita luz natural, pois contém diversas janelas, no entanto, quando é necessário escurecê-la para observar projeções com recurso às Tecnologias de Informação e Comunicação, a transparência proveniente dos painéis que pretendem vedar da luz exterior, dificulta a clarividência das imagens.

## **2. Apreciação crítica das competências desenvolvidas na Prática de Ensino Supervisionada no 1.º Ciclo do Ensino Básico: Prática de Ensino Supervisionada I e II (P.E.S. I e II)**

Procedendo à reflexão em torno das competências desenvolvidas ao longo da P.E.S. I e II, teremos como documento orientador “Padrões de Desempenho Docente”, apresentado no Despacho 16034/2010, de 22 de Outubro e que pretendem:

Definir as características fundamentais da profissão docente e as tarefas profissionais que dela decorrem, caracterizando a natureza, os saberes e os requisitos da profissão. Podem ser considerados como um modelo de referência que permite (re) orientar a prática docente num quadro de crescente complexidade e permanente mutação social, em que as escolas e os profissionais de ensino são confrontados com a necessidade de responderem às exigências colocadas por essas transformações e, em muitas situações, anteverem e gerirem com qualidade e eficácia as respostas necessárias (Ministério da Educação, 2010, p.1).

Através do documento, anteriormente referido, são-nos apresentadas diversas dimensões, às quais se pretende que os/as professores/as correspondam, positivamente, permitindo, assim, caraterizar a atuação profissional dos/as mesmos/as.

Com base neste documento, podemos afirmar que, no que concerne à dimensão “Vertente Profissional, Social e Ética”, onde consta o domínio “Compromisso com a construção e o uso do conhecimento profissional”, procurámos inteirar-nos durante ambas as P.E.S., dos conteúdos científicos, através de investigações prévias com recurso, por exemplo, à Escola Virtual e a dicionários, as quais anularam dúvidas existentes. Para além disto será importante referir que as planificações elaboradas, a implementar junto da turma em questão, tiveram em consideração os conteúdos previstos pelos Programas e Metas Curriculares do 4.º ano do 1.º Ciclo do Ensino Básico, apesar de, numa primeira fase da P.E.S. I, não terem sido aferidos os objetivos traçados pelos mesmos (Anexo 1).

Com vista a abarcar conteúdos não previstos pelos programas, optámos por mencionar assuntos contextualizados, possibilitando aos/às alunos/as mais do que



uma perspetiva relativamente a determinado aspeto. Este procedimento, também constituiu uma forma de convocar as aprendizagens para realidades distintas das dos/as alunos/as, o que fez despoletar o diálogo entre aluno(a)/ professor(a)/ alunos(as) e a partilha de vivências por parte da turma, nomeadamente, na P.E.S. II, aquando da implementação da estratégia de ensino sobre o conceito de Género, inserido na Estratégia Nacional de Educação para a Cidadania (Anexo 2).

Ainda, em relação a este domínio, Shulman e Shulman (2016), indicam que, um/uma professor/a competente, teoricamente, se revela: Preparado/a, disposto/a, capacitado/a, reflexivo/a e comunitário/a, sendo que cada uma destas dimensões envolve questões do desenvolvimento pessoal e profissional. Segundo o modelo desenvolvido por estes autores: “Promover comunidades de professores aprendizes”, teríamos professores/as:

- Preparados para seguir uma visão de salas de aula ou escolas que constituem, por exemplo, comunidades de aprendizagem;
- Dispostos a despende a energia e a persistir para colocar em prática esse tipo de ensino;
- Que compreendem os conceitos e princípios necessários para esse tipo de ensino;
- Capazes de se engajar nas complexas formas de práticas pedagógicas e organizacionais necessárias para transformar suas visões, motivações e compreensões em realidade pragmática e funcional; capazes de aprender com as experiências, as próprias e as de outrem, por meio de reflexão ativa sobre suas ações e suas consequências;
- Capazes e experientes em trabalhar como membros de uma comunidade de aprendizagem e/ou na formação de tais comunidades em seus contextos de atuação docente (Shulman e Shulman, 2016).

No que diz respeito ao domínio “Compromisso com a promoção da aprendizagem e do desenvolvimento pessoal e cívico dos alunos”, podemos verificar a nossa preocupação face a esta questão no momento da seleção de textos a interpretar, como foi o caso, na P.E.S. I, de um dos textos abordados sobre o papel das escolas na sensibilização para a proteção das florestas (Anexo 3). Esta abordagem revelou-se, também, um momento de discussão, relativamente à poluição, aos incêndios e à desflorestação, uma vez que estes problemas influenciam a

existência de uma floresta saudável e próspera. Neste contexto, a turma teve a oportunidade de partilhar experiências e vivências que reiteram os problemas assinalados, fazendo brotar a conclusão de que a intervenção humana é a grande responsável pela degradação do planeta, nomeadamente, pela destruição das florestas. Também, a dada altura, propiciámos momentos dedicados à exploração das emoções e dos sentimentos dos/as alunos/as, com base na Expressão e Educação Plástica e na Expressão e Educação Musical. A atividade pretendia que os/as alunos/as, ao som de diversas músicas instrumentais clássicas, elaborassem desenhos que traduzissem os pensamentos, sentimentos e emoções que iam surgindo nos/nas mesmos/as ao longo das audições. Por fim, cada aluno/a partilhou com os/as colegas, o significado das ilustrações elaboradas (Anexo 4).

No caso da P.E.S. II, ressaltamos a abordagem realizada face à obra “Portuguesas com M grande” de Lúcia Vicente (Anexo 5), que possibilitou à turma conhecer personalidades do sexo feminino que, geralmente, não vêm mencionadas nos manuais de Estudo do Meio ou de História e este foi o argumento proferido para atestar a pertinência da escolha desta obra, junto dos alunos. A invisibilização das mulheres ao longo da História foi uma prática recorrente, o que não significa que não tenham sido pessoas concretizadoras de grandes feitos, para além de serem referências na luta das mulheres pelos seus direitos. Entre estas mulheres estavam: Carolina Beatriz Ângelo, Catarina Eufémia, D. Maria II, Ana de Castro Osório, Natália Correia, Amália Rodrigues, Florbela Espanca, Maria de Lourdes Pintasilgo, Maria Teresa Horta, Paula Rego, Maria Lamas, Rosa Mota e Adelaide Cabete. Perrot (2007, citada por Mesquita e Aras, s/d., p. 327) chama a atenção para o fato de a historiografia ter sido construída na procura da invisibilização das mulheres, ou dando pouco relevo às vozes femininas que, ainda assim, teimaram em falar através de seus silêncios.

No que concerne ao domínio “Compromisso com o grupo de pares e com a escola”, durante a P.E.S. I, não foi possível concretizar atividades que visassem o envolvimento da turma no desenvolvimento de projetos da escola ou o reconhecimento da importância da dimensão comunitária na ação educativa, uma vez que após as duas semanas de lecionação presencial foi instituído o encerramento das escolas, justificado pelo confinamento geral a que obrigou a pandemia, nesta altura do ano letivo. Face à P.E.S. II, apesar de ter sido possível promover atividades, a pares, não foi possível o envolvimento e a cooperação dos/as alunos/as em grande grupo,

devido à situação pandémica, como forma de minimizar os contactos ente os/as alunos/as.

Neste seguimento, Niza (1998, citado por Pereira, 2014, p. 55), referencia a cooperação, como sendo um processo educativo no qual os alunos trabalham e conjunto, em pequeno grupo ou a pares, com o intuito de alcançarem um objetivo comum, o que tem revelado ser a melhor estrutura social para a realização de aprendizagens, contrariando a tradição individualista e competitiva da organização do trabalho na escola.

De igual modo esteve vedada, ao longo da P.E.S. I e II a possibilidade dos alunos se deslocarem ao quadro de giz, pelo motivo já referido, o que, na nossa opinião, constituiu um fator de redução das dinâmicas em sala de aula.

De acordo com a dimensão “Desenvolvimento do ensino e da aprendizagem”, importa mencionar que a elaboração de planificações constituiu um verdadeiro desafio, essencialmente, no decorrer da P.E.S. I, devido às limitações pandémicas (as quais limitaram, inclusivamente, a utilização de materiais) e a algumas dúvidas face à configuração das informações nas tabelas, onde se pretendiam estruturar as atividades de ensino-aprendizagem, contudo, os conteúdos plasmados no currículo foram sempre considerados, bem como a duração de cada atividade, com o intuito de diversificar a ação dos/as alunos/as, evitando a dispersão e apelando à concentração. Quanto à ponderação dos tempos para cada atividade, sobretudo, na P.E.S. II, no momento da resolução de fichas de trabalho ou exercícios, os/as discentes necessitavam de mais tempo para a concretização das mesmas e, por isso, nessas alturas, o tempo estipulado para os/as alunos/as efetuarem as suas respostas, ascendia, por vezes, os 30 minutos, pois, de outra forma, os/as estudantes revelavam ser incapazes de cumprir os tempos, anteriormente, definidos (Anexo 6). O tempo máximo definido nas planificações para a realização das atividades não acompanhava o ritmo da turma, uma vez que o intervalo de tempo destinado à concretização de atividades mais morosas, por parte destas crianças, havia sido recomendado por docentes supervisores/as e não ultrapassava os 30 minutos. Perante este aconselhamento, optámos por não refletir, nos planos de aula, os tempos reais dedicados à realização das atividades.

Esta dimensão representa o eixo central da profissão docente e envolve a consideração de três aspetos essenciais:

Planificação, operacionalização e regulação do ensino e das aprendizagens, assentes num conhecimento científico e pedagógico - didáctico profundo e rigoroso. A planificação implica orientação estratégica da acção, a coerência e articulação das acções planeadas a sua adequação à diversidade dos alunos, tendo em conta as suas características, necessidades e contextos. A operacionalização implica, por um lado, eficácia e rigor na condução e organização das actividades de ensino; por outro lado, a gestão eficaz dos processos de comunicação e das interacções em sala de aula. A regulação implica a análise das actividades de ensino realizadas e a sua reorientação no sentido de melhorar o ensino e os seus resultados (Ministério da Educação, 2010, p. 1).

Quanto ao domínio “Realização das actividades letivas”, ponderámos, de igual modo, recursos necessários à realização das mesmas, tendo em atenção as necessidades manifestadas pelos/as diversos/as alunos/as. Salientamos, porém, que algumas das planificações elaboradas não contemplam, por vezes, a articulação entre conteúdos, articulação esta que estabelece um encadeamento harmonioso entre ideias desenvolvidas. Esta ausência de articulação em algumas planificações, tanto da P.E.S. I como da P.E.S. II (Anexo 7), que se assume necessária e potenciadora de aprendizagens mais significativas, ficou a dever-se ao facto de existir um reduzido espaço de tempo entre a receção das indicações sobre os conteúdos a lecionar e a entrega das planificações a implementar, condicionando, assim, a definição de estratégias de articulação entre os conteúdos. Como forma de reiterar a importância desta articulação, Nóvoa (1992, citado por Sanches, 2013), afirma que a articulação curricular requer uma adequada planificação curricular e uma boa coordenação dos planos de estudos.

No que respeita à “Relação pedagógica com os alunos”, em ambas as P.E.S., procurámos ter em atenção o nível da comunicação com e entre os/as alunos/as, como forma de alcançar o rigor necessário a uma comunicação elucidativa e eficaz. Neste sentido, no decorrer do diálogo sobre determinadas actividades, particularmente da área de Matemática, optámos por solicitar a alguns/algumas alunos/as, que demonstraram compreender certos raciocínios, mais rapidamente, que explicassem os mesmos aos/às colegas, promovendo momentos de interacção entre os/as discentes. Neste contexto, adequámos o nosso discurso, potenciando uma comunicação mais fortuita, colocando questões ou partilhando ideias aos(às)/com os(as) estudantes,

através da reformulação das mesmas com a utilização de outras palavras, próximas do entendimento dos/as alunos/as. Também é verdade que, por vezes, convocámos palavras que sabíamos que os/as discentes não conheciam, como foi o caso da palavra “Feminismo”, mas quando isso acontecia, logo questionávamos qual o significado das mesmas, encaminhando até à sua compreensão.

A este propósito, Wood et al. indicam que:

A aprendizagem é um processo social, pois as crianças crescem em comunidade pelo que as oportunidades de aprendizagem ocorrem durante as interações sociais envolvendo um diálogo colaborativo, explicação, justificação e negociação de significado (Wood et al., 1991, citado por Veia, 1996).

No que concerne à utilização de materiais didáticos, a qual só foi possível na P.E.S. II, recorremos a objetos representantes de sólidos geométricos, relógios de parede (Anexo 8), para a trabalhar medidas de tempo e balanças de medição da massa, na área de Matemática, aquando da resolução de problemas. Para além disto, a recorrência a softwares educativos, assumiu-se uma constante, bem como a integração das Tecnologias de Informação e Comunicação (T.I.C.) (Anexo 9).

No âmbito do domínio “Processo de avaliação das aprendizagens dos alunos”, consideramos que a avaliação constitui um importante regulador das aprendizagens e, como forma de aferir, no âmbito das P.E.S. I e II, o nível das mesmas, recorremos a fichas de trabalho, elaboradas por mim (Anexo 10) ou inseridas nos Manuais (Anexo 11), as quais os/as alunos/as resolviam e, posteriormente eram corrigidas no quadro de giz, por mim, com o contributo dos/as discentes, uma vez que estes/estas, nesta fase pandémica, estavam vedados da possibilidade de se deslocarem ao quadro. Por outro lado, procedíamos à avaliação dos/as alunos/as, também, por via da observação, ao mesmo tempo que não descorámos o reforço positivo durante as atividades, como forma de incentivo e de encorajamento dos/as discentes.

As fichas de trabalho elaboradas pela professora estagiária, basearam-se em fontes fidedignas, como a plataforma da Escola Virtual e as Provas de Aferição do 4.º ano de anos anteriores. Para além disto, no dia anterior à resolução das fichas, a professora estagiária, resolvia as mesmas, comparando os resultados com as soluções, como forma de compreender métodos de cálculo e verificar aplicabilidade das operações.

Segundo Dierick e Dochy (2001, citado por Pinto, 2012), a avaliação deve estar de forma transparente ao serviço das aprendizagens, por via da mobilização das

informações recolhidas sobre o desenvolvimento de competências, com vista a compreender melhor as dificuldades dos/as alunos/as, possibilitando um apoio mais efetivo.

Relativamente à dimensão “Participação na escola e relação com a comunidade educativa”, a mesma considera as vertentes da acção docente relacionadas com a realização da missão da escola e a sua organização, bem como a relação da escola com a comunidade.

O docente, como profissional, integra a organização da escola e é por isso co-responsável pela sua orientação educativa e curricular e pela visibilidade do serviço público que presta à sociedade, tendo em conta o trabalho colaborativo com os colegas e a actuação relativamente à comunidade educativa e à sociedade em geral (Ministério da Educação, 2010, p. 1).

No que se refere ao domínio “Contributo para a realização dos objetivos e metas do Projeto Educativo e dos Planos Anual e Plurianual de atividades”, tanto na P.E.S. I como na P.E.S. II, o mesmo ficou comprometido com o surgimento do contexto pandémico, uma vez que todas as atividades que visavam aglomerações ou reunião de pessoas foram suspensas, como é o caso das celebrações de Natal, para as quais, pais/mães e encarregados/as de educação, inclusivamente, são convidados/as a participar nas festividades. Logo após terem disparado os casos de contágio, no final de Janeiro, muitas iniciativas foram adiadas ou colocadas em standby, pois esta fase crítica limitou as interações ao universo tecnológico por tempo indeterminado.

Ao nível dos domínios “Participação nas estruturas de coordenação educativa e supervisão pedagógica e nos órgãos de administração e gestão” e “Dinamização de projetos de investigação, desenvolvimento e inovação educativa e sua correspondente avaliação”, em ambas as P.E.S., a nossa intervenção, também, não se verificou, certamente, por via das condições sanitárias atuais.

Por fim, no que concerne à dimensão “Desenvolvimento e formação profissional ao longo da vida”, mais especificamente, no que respeita ao domínio “Formação contínua e desenvolvimento profissional”, entendemos que esta dimensão constitui uma componente basilar de qualquer profissional educativo, pois, a constante atualização quanto as Tecnologias de Informação e Comunicação, o conhecimento e a compreensão de problemas sociais, o acompanhamento da evolução de programas

curriculares, entre outros são indispensáveis ao desempenho da função docente e, consequentemente, do ensino-aprendizagem.

Neste sentido, durante a P.E.S. I, frequentei o curso de Formação Profissional de Orientação Sexual e Identidade de Género, com a duração de 18 horas, cujos Módulos abordados foram: Especificidades da discriminação contra pessoas LGBT; Direitos das pessoas LGBT: Leis e Instituições; Crimes de Ódio e Violência Doméstica; Redes de Recursos LGBT existentes; Casos Práticos (Anexo 12).

Entendi integrar este curso porque a temática em questão gera, ainda, na nossa sociedade, muita controvérsia e, desde o desconhecimento, até ao preconceito, a distância é reduzida. Como futura professora, considero que devo inteirar-me sobre os problemas e as dificuldades que vive a comunidade LGBTQIA+, bem como os contornos da legislação que assegura os direitos destas pessoas. Para além disto, assume-se como sendo crucial o conhecimento sobre as redes de recursos às quais as pessoas desta comunidade podem recorrer, como forma, poder encaminhar possíveis casos, se necessário.

Ao longo da Prática de Ensino Supervisionada II, não tive a possibilidade de participar em ações de formação como formanda, contudo, participei em algumas como promotora, por intermédio da minha função de técnica de projetos de intervenção social, num projeto que se designa “Projeto Giesta – Mulheres e raparigas do interior e do meio rural: Promover a Igualdade”, direcionado à região de Lafões (Anexo 13). Assim, tive a possibilidade de frequentar ações de sensibilização/capacitação sobre “O papel das mulheres no desenvolvimento local: Uma abordagem ao Turismo Ético e Responsável”, “História dos Direitos das Mulheres” e “Direitos das Mulheres - Direitos Humanos”.

A este propósito, Formosinho (1991, p. 237, citada por Alves, 2012, p. 26), afirma que a formação dos/as professores/as tem como objetivo o seu aperfeiçoamento pessoal e profissional, com base no “aperfeiçoamento dos saberes, das técnicas, das atitudes necessárias ao exercício de professor”.

### **3. Apreciação crítica das competências desenvolvidas na Prática de Ensino Supervisionada no 2.º Ciclo do Ensino Básico: Prática de Ensino Supervisionada I e II (P.E.S. I e II)**

À semelhança dos procedimentos efetuados face à reflexão em torno das competências desenvolvidas na P.E.S. no 1.º Ciclo do Ensino Básico (tendo por base o documento orientador “Padrões de Desenvolvimento Docente”, apresentado no Despacho 16034/2010, de 22 de Outubro), procederemos à reflexão sobre as competências desenvolvidas nas P.E.S. I e II no 2.º Ciclo.

Tal como foi referido na reflexão do ano transato, o documento orientador, acima mencionado, evidencia diversas dimensões às quais se pretende que os docentes correspondam, possibilitando encaminhar as práticas de acordo com os requisitos necessários para uma correta atuação docente.

Com base neste documento, no que respeita à dimensão “Vertente Profissional, Social e Ética”, na qual se insere o domínio “Compromisso com a construção e o uso do conhecimento profissional”, podemos comprovar a nossa preocupação pela procura de conteúdos científicos, atualizados, por via de investigações prévias à lecionação das aulas, recorrendo, durante a P.E.S. I, no caso de H.G.P., a obras como “História de Portugal” I e II de Oliveira Marques, “História de Portugal: Portugal no Século das Luzes” de Pedro Cardim, Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada e “As Invasões Francesas e a Corte do Brasil” de Paulo Jorge Fernandes, Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada. Ao longo da P.E.S. II., ainda no âmbito de H.G.P., sustentámo-nos, novamente, na obra “História de Portugal” I e II de Oliveira Marques e na obra “História Global de Portugal” de Carlos Fiolhais, José Eduardo Franco e José Pedro Paiva. Face à disciplina de Português, várias foram as vezes em que nos socorremos da obra “Construir a Gramática: 2.º Ciclo do Ensino Básico” de Clara Amorim e Vera Costa. Para além dos suportes já nomeados, também, procurámos ter como suporte, a ambas disciplinas, as plataformas de recursos educativos: Escola Virtual da Porto Editora e Aula Digital da Leya e aquando da preparação dos planos de aula, fundamentámos a nossa ação tendo em consideração os conteúdos e objetivos previstos nas Aprendizagens Essenciais do 6.º ano de H.G.P., as Aprendizagens Essenciais do 6.º ano de Português, o Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória e a Estratégia Nacional de Educação para a Cidadania (Anexo 14).



Ainda neste âmbito é fundamental destacar a relevância que assumiu, tanto na P.E.S. I como na P.E.S. II, a produção de relatórios crítico-reflexivos semanais, através dos quais foi possível recorrer a leituras relacionadas com a prática docente, como forma de justificar a pertinência das nossas escolhas/attitudes ou a ausência delas (Anexo 15). A propósito da profissionalidade docente, alguns autores como Rodrigues (2006, citado por Vaz, 2019, p. 214) defendem que esta “assenta numa relação dialética entre um sólido conhecimento científico na área das Ciências da Especialidade e das Ciências da Educação, e a produção de conhecimento a partir da prática e da experiência através de uma prática reflexiva”.

No que concerne ao domínio “Compromisso com a promoção da aprendizagem e do desenvolvimento pessoal e cívico dos alunos”, salientamos, no caso da P.E.S. I, a abordagem realizada nas aulas lecionadas de Cidadania e Desenvolvimento, onde foi possível convocar as questões relacionadas com a Igualdade de Género (Anexo 16) e a invisibilidade histórica a que as mulheres foram sujeitas ao longo dos tempos, utilizando como suporte à exploração desta temática, texto biográficos extraídos da obra “Portuguesas com M Grande” de Lúcia Vicente (Anexo 17), os quais potenciaram a consciencialização dos/as alunos/as sobre os importantíssimos contributos de mulheres portuguesas para a História do nosso país (Carolina Beatriz Ângelo; Catarina Eufémia; Ana de Castro Osório; Natália Correia; Amália Rodrigues; Maria de Lourdes Pintasilgo; Maria Teresa Horta; Maria Lamas; Adelaide Cabete).

Neste seguimento, também no contexto das aulas de História e Geografia de Portugal da P.E.S. I se procurou fomentar o desenvolvimento pessoal e cívico dos/as discentes aquando do desenvolvimento de trabalhos, em grupo e nos momentos dedicados à reflexão em torno de questões como o direito à autodeterminação dos povos, posto em causa pelas ambições imperialistas (Anexo 18). Félix e Roldão (1996, citados por Ribeiro, 2015) defendem que a História é “um campo privilegiado onde se debatem questões da atualidade, numa dinâmica permanente, em que o diálogo entre passado/presente, local/nacional, nacional/universal é condição para a perspetivação da realidade.” Também Pagès (2011, citado por Ribeiro, 2015), refere que aprender História pode ser uma ferramenta útil para controlarmos o tempo, sobretudo, para controlarmos o futuro.

Relativamente à P.E.S. II ressaltamos a abordagem realizada nas aulas lecionadas de Cidadania e Desenvolvimento, onde foi possível trabalhar questões relacionadas com a Educação Ambiental e a Biodiversidade, sensibilizando, ao mesmo tempo, para as consequências da poluição de rios e ribeiras. A tarefa consistiu

na análise de seres vivos, recolhidos pela turma no Rio Pavia (Anexo 19), no âmbito de uma visita de estudo a monumentos históricos da cidade de Viseu e, portanto, nesse contexto foi solicitado aos/às alunos/as que procedessem à análise e identificação dos animais recolhidos e interpretassem os dados recolhidos, no sentido de concluir o estado de saúde do rio. Para tal foram distribuídos um fluxograma de identificação dos animais e um mapa elucidativo da (in) tolerância dos mesmos à poluição (Anexo 20), ambos cedidos por uma bióloga amiga. Ainda, em relação a este contexto, salientamos uma outra atividade, inserida, de igual modo, na disciplina de Cidadania e Desenvolvimento, que com incidência no módulo “Sexualidade”, possibilitou uma abordagem histórica ao Dia Internacional das Mulheres, assim como a distinção entre conceitos: Feminismo; Machismo; Femismo; Igualdade de Género (Anexo 21). A par disto, também, nas aulas de H.G.P. se procurou fomentar o desenvolvimento pessoal e cívico dos/as discentes, por exemplo, aquando da realização de um debate sobre Democracia e Ditadura, com base no qual metade da turma estava incumbida de defender as vantagens da Democracia e as desvantagens da Ditadura e a outra metade de venerar a Ditadura e apontar os aspetos negativos da Democracia (Anexo 22). A este respeito, Pacheco Pereira (2002, citado por Gomes, 2004, p. 31) afirma que:

A educação cívica numa democracia assenta em valores primários que se prendem com um código de honra, dignidade e verdade, que deveria ser tão naturalmente inscrito na vida quotidiana que não precisava de ser verbalizado. (...) Isto é uma questão antes de tudo cultural e não é por acaso que a escola tem estado sempre no centro do debate democrático. Não penso que a escola possa fazer tudo, mas há uma parte importante em que a própria aprendizagem deveria conduzir a uma absorção dos valores democráticos (...). É reconduzindo o ensino à sua componente humanista, em que na literatura, na filosofia, nas ciências se aprende a importância da crítica, da liberdade de pensar, da controvérsia, da diferença de pontos de vista, da precariedade das certezas, da complexidade da história.

Motivados por esta sequência de ideias, podemos, neste momento focar os relatos no domínio “Compromisso com o grupo de pares e com a escola”. Neste sentido, em ambas as P.E.S., nas aulas de H.G.P. foi possível desenvolver o trabalho

dos/as alunos/as, em grupo, de uma forma assídua, dando assim espaço para o trabalho colaborativo, assente na metodologia de cariz construtivista da Aula-Oficina. O mesmo não sucedeu com igual frequência nas aulas de Português lecionadas, uma vez que a orientadora cooperante revelou receios face à contaminação dos/as alunos/as pelo SARS-CoV-2.

Quanto ao modelo Aula-oficina, Barca (2004), defende que se o/a professor/a estiver empenhado em participar numa educação para o conhecimento, necessitará de posicionar-se como investigador social para que possa compreender o mundo conceitual dos/as alunos/as e conseqüentemente, modificar positivamente a conceitualização dos/as estudantes, tal como o construtivismo social sugere. Desta forma, os/as discentes serão vistos/as como um/a dos/as agentes do seu próprio conhecimento fazendo emergir atividades diversificadas e desafiadoras nas aulas que resultarão em produtos os quais serão integrados na avaliação (Barca, 2004). Ao projetar uma aula de História, Barca (2004), destaca as instrumentalizações nesta área, que à luz de uma progressão gradual, se deverão exigir aos/às alunos/as nos diferentes níveis de ensino, aos/às cidadãos/ãs, aos/às docentes de História e aos/às historiadores/as: Interpretação de fontes - ler fontes históricas diversas com suportes e mensagens diversas; cruzar as fontes nas suas mensagens, nas suas intenções e na sua validade; selecionar fontes através de critérios de objetividade metodológica para confirmar ou refutar hipóteses descritas e explicativas. Compreensão contextualizada - procurar compreender situações humanas e sociais em tempos e espaços diferentes; relacionar os sentidos do passado com os próprios comportamentos face ao presente e à projeção do futuro; fazer surgir novas questões, hipóteses a investigar. Comunicação - Expressar a interpretação e compreensão das experiências humanas no decorrer do tempo com inteligência e sensibilidade, recorrendo aos meios de comunicação disponíveis.

No caso do trabalho a pares, este teve lugar, durante a P.E.S. I, na aula de Cidadania e Desenvolvimento, já mencionada, na qual os/as alunos/as se debruçaram sobre textos biográficos relacionados com mulheres portuguesas invisibilizadas pela História (Anexo 23) e em algumas aulas de Português da P.E.S. II (Anexo 24).

Face à dimensão “Desenvolvimento do ensino e da aprendizagem”, um dos seus domínios incide sobre a “Preparação e organização das atividades letivas”, que na nossa opinião representou um desafio, que se estendeu à P.E.S. I e II se falarmos de planos de aula, pois cada professor/a supervisor/a e cada orientador/a cooperante defendem determinada perspetiva quanto aos mesmos, o que exige uma maior

adaptação perante diferentes sugestões. Por outro lado, no momento de definir intervalos de tempo para cada atividade dos planos de aula, imperou a preocupação com a manutenção da atenção e da concentração dos/as alunos/as, evitando que a atribuição de um grande intervalo de tempo pudesse desmotivar os/as mesmos/as ou pelo contrário, a definição de pequenos períodos de tempo para o desenvolvimento de atividades fosse motivo de stress, ansiedade e desconforto para os/as discentes. Desta forma, atendendo aos blocos de aulas que, por vezes, eram compostos por 45 minutos, ou por 90 minutos, optámos por nunca estipular mais do que 20/25 minutos para uma atividade mais demorada, no caso das aulas de 45 minutos e definir 30 minutos para uma atividade mais morosa, no caso das aulas de 90 minutos (Anexo 25). Ainda assim, a turma na qual exercitámos a nossa intervenção revelou necessitar sempre mais tempo do que aquele que inicialmente foi estipulado, uma vez que os/as alunos/as, de um modo geral, expressavam poucos métodos de trabalho, distraíam-se com facilidade e manifestavam ritmos de trabalho lentos. Por este motivo, a maior parte dos planos de aula implementados não foram cumpridos, como previsto, dentro dos tempos definidos fazendo com que os mesmos se prolongassem até à aula seguinte. Relativamente a esta questão sucedeu-se a mesma situação ocorrida nas P.E.S. no 1.º C.E.B., pois com a pretensão de cumprir o tempo máximo aconselhado pelos/as docentes supervisores/as para a realização das atividades pelos/as discentes (30 minutos) optámos por manter esse limite de tempo, mesmo sabendo que não correspondia ao tempo real de concretização das atividades.

Em termos de articulação entre conteúdos e entre áreas, sempre que possível, provocámos este exercício na P.E.S. I e disso são exemplo os planos de aula de Português, nos quais podemos verificar a articulação estabelecida entre um texto narrativo e a iniciação à abordagem de um conteúdo gramatical (Anexo 26). De igual modo, podemos comprovar a articulação estabelecida entre áreas Português-H.G.P. ao considerarmos uma das atividades desenvolvidas numa das aulas de H.G.P., na qual os/as alunos/as necessitavam de construir, em grupo, nomeadamente, notícias (escritas ou orais) e para tal puderam recorrer aos conhecimentos já construídos, uma vez que a turma já havia tido contacto com a estrutura da Notícia nas aulas de Português (Anexo 27). Também nas aulas de H.G.P-Cidadania e Desenvolvimento houve oportunidade para proceder à articulação entre conteúdos ao fazermos alusão aos contextos históricos, nos quais viveram algumas mulheres com papéis importantes na História de Portugal.

No que diz respeito à P.E.S. II, também, sempre que possível, fomentámos esta relação e disso são exemplo os planos de aula de Português nos quais podemos observar a articulação estabelecida entre um Texto Poético e a iniciação à abordagem de um conteúdo gramatical (Anexo 28). O mesmo exercício podemos verificar entre as disciplinas de Português e de H.G.P. no momento da exploração de um texto não-literário, o Roteiro, para a qual recorreremos ao Texto Poético, nomeadamente a alguns poemas musicados de José Afonso, marcados pela contestação ao regime salazarista (Anexo 29). A ideia de relacionar o Texto Poético com o Roteiro nasceu do facto de a orientadora cooperante sugerir a lecionação deste texto não-literário, numa altura em que a turma estava debruçada sobre o Texto Poético.

Segundo Pombo, Guimarães e Levy:

O desenvolvimento das disciplinas científicas induz e pressupõe o reconhecimento de que tal divisão em disciplinas se destina a permitir o olhar aprofundado por um certo ângulo ou lente de leitura do real – mas importa faze-las convergir para a visão do todo, cuja complexidade requer a permanente interdisciplinaridade do trabalho científico. Trata-se pois de duas tendências em permanente tensão e equilíbrio – a especialização e a integração dos saberes na compreensão do real (Pombo, Guimarães e Levy, 1993, citados por Roldão e Almeida, 2018).

Ainda, em relação a este domínio, é importante ressaltar que, várias vezes, considerámos alterar a configuração das mesas que estão dispostas em filas, dificultando, inclusivamente, a mobilidade entre as mesmas. Todavia, pelo facto de que nos encontrarmos num regime de pluridocência, neste ciclo de ensino (com base no qual a turma se desloca de sala em sala) e devido às hesitações da orientadora cooperante de Português face a este procedimento, nas aulas lecionadas desta disciplina, optámos por não contrariar as forças que se opunham a estas modificações. Ainda assim, sobretudo, no decorrer da P.E.S. II, em algumas aulas de Português alterámos, momentaneamente, a configuração das mesas para a realização de trabalhos de grupo ou a pares (Anexo 30) e em diversas aulas de H.G.P. recorreremos a esse procedimento, também, para a concretização de trabalhos de grupo e de um debate (Anexo 31).

No que diz respeito ao domínio “Relação pedagógica com os alunos”, procurámos, ao longo de ambas as P.E.S., estabelecer conceitos científicos corretos e

motivar os/as alunos/as a agir em consonância. Para além disto, a interação na sala de aula entre professora estagiária/ aluno(a)/ alunos(as) ocorreu em momentos, por vezes, agitados, de alguma conversa paralela entre alguns/algumas alunos/as que se apresentam como sendo mais destabilizadores/as. Neste ambiente, reiterámos a importância de saber ouvir e estar, mas também da presença de regras de participação, como a colocação do braço no ar, sinalizando a intenção de participar nas discussões e aguardando a permissão para intervir (Anexo 32). Ainda no contexto de sala de aula, durante as aulas, enquanto os/as alunos/as desenvolviam atividades, tanto no âmbito de H.G.P. como no âmbito de Português, procurámos acompanhar as dificuldades existentes, tentando dissipá-las, ao circular de mesa em mesa ou de grupo em grupo e questionando sobre a existência de dúvidas, partilhando ideias e sugestões.

Outra questão que exigiu concentração redobrada, prendeu-se com a comunicação. Neste sentido, adequámos o nosso discurso, potenciando uma comunicação mais fortuita, colocando questões aos/às discentes ou partilhando ideias com estes/estas, através da reformulação das mesmas, recorrendo a palavras próximas do seu entendimento. Também submetemos os/as alunos/as, na P.E.S. I, a palavras sobre as quais sabíamos que não conheciam o seu significado, como foi o caso das palavras “autodeterminação”, “sufragistas”, “ativista” e “feminista”, evidenciadas nas aulas lecionadas de H. G.P, no caso da primeira e nas aulas lecionadas de Cidadania e Desenvolvimento, no caso das restantes. Para além destas palavras, na P.E.S. II os/as estudantes foram submetidos a outras como “femismo” e “violência de género” (Anexo 33), analisadas numa das aulas de Cidadania e Desenvolvimento e “regimes totalitaristas” (Anexo 34), com significado explorado no âmbito da disciplina de H.G.P.. Sempre que estes momentos se sucediam, logo questionávamos sobre qual o significado das mesmas, na esperança de que algum/a aluno/a soubesse responder, encaminhando até à sua compreensão.

Quanto à utilização de materiais didáticos, nas aulas de H.G.P. recorreremos, na P.E.S. II, a inquéritos para aferição das aprendizagens prévias dos/as alunos/as (Anexo 35), documentários (Anexo 36), a guiões de observação de documentários (Anexo 37) e tanto na P.E.S. I como na P.E.S. II, a fontes históricas, nomeadamente, excertos do manual da 3ª classe do período do Estado Novo (Anexo 38), músicas de intervenção (Anexo 39), recursos interativos (Anexo 40), vídeos (Anexo 41), imagens para interpretação (Anexo 42), PowerPoints (Anexo 43), quizzes (Anexo 44), trailers de filmes (Anexo 45), vídeos por nós gravados (Anexo 46), obras (Anexo 47), textos

elaborados para que os alunos lhes possam dar seguimento (Anexo 48) e manuais escolares (Anexo 49). Como podemos constatar, estimulámos, fortemente, a utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação (T.I.C.) na sala de aula, não descorando as potencialidades de softwares educativos como o *Padlet* (Anexo 50) e o *Genially* (Anexo 51), umas vezes, a partir dos próprios telemóveis dos discentes, outras vezes por via dos tablets requisitados na Escola Superior de Educação e dos computadores da Biblioteca Escolar. Importa destacar que muitos dos recursos por nós construídos foram produzidos com sustentação em documentos presentes no sítio em linha da Escola Virtual, ou extraídos dessa mesma plataforma, como é o caso dos PowerPoints e da maior parte dos vídeos, respetivamente, que foram sendo apresentados, à exceção de alguns, que foram observados nas aulas de H.G.P. e que sugiram pela mão da orientadora cooperante ou que seleccionei do arquivo da RTP.

Cardoso refere a este propósito:

O professor precisa de saber que, daquilo que ensina, com os recursos didáticos utilizados, em média, o aluno retém sempre mais daquilo que vê do que daquilo que ouve. E, caso veja e oiça em simultâneo, a retenção será muito maior do que se tivesse apenas visto (Cardoso, 2013, p. 170, citado por Lopes, 2016).

Face ao domínio “Processos de avaliação das aprendizagens dos alunos” as práticas implementadas, com vista a compreender o desenvolvimento dos/as alunos/as em termos de competências, incidiram, apenas na P.E.S I, no preenchimento de formulários autoavaliação e avaliação entre pares, no preenchimento de inquéritos de aferição dos conhecimentos prévios, apenas na P.E.S. II e em ambas as P.E.S., na observação, mas também na verificação dos saberes construídos, através da resolução de quizzes, da apresentação de trabalhos de grupo ou individuais, realizados na sala de aula (Anexo 52), na resolução de fichas de trabalho (Anexo 53) e de ficha de avaliação (Anexo 54), aplicada pela cooperante mas por nós elaborada. O formato de resolução dos quizzes ocorreu, maioritariamente, em grande grupo, na sala de aula, sendo que, para tal, os/as discentes eram convocados, por via de sorteio, a partilharem os seus conhecimentos com a turma, atribuindo-lhes reforços positivos quando os/as mesmos/as respondiam corretamente às questões e auxiliando-os na seleção das respostas corretas sempre que demonstravam dificuldades.

As questões inseridas nos quizzes elaborados foram formuladas tendo por base os conteúdos inseridos nos manuais escolares dos/as alunos/as, para além de terem sido, sempre, sujeitos ao aval das orientadoras cooperantes. Também os guiões orientadores das atividades do trabalho de grupo foram produzidos com sustentação em documentos extraídos do site da Escola Virtual, assim como os PowerPoints e a maior parte dos vídeos que foram sendo apresentados, à exceção de alguns, que foram observados nas aulas de H.G.P. e que sugiram pela mão da orientadora cooperante ou que selecionei do arquivo da RTP.

Relativamente à dimensão “Participação na escola e relação com a comunidade educativa”, durante a P.E.S. I, não houve oportunidades para explorar esta vertente, contudo, na P.E.S. II tive a oportunidade, cedida pela orientadora cooperante de Português, de elaborar um Projeto Interdisciplinar a implementar não com a turma onde costumo lecionar mas junto da direção de turma da cooperante, o 6.º F. Este projeto, pretendia abordar de forma mais aprofundada a Educação Sexual, mais especificamente, a Igualdade de Género. Assim, começámos por traçar, dentro das configurações que a cooperante estabeleceu para este projeto, a calendarização, os produtos finais, os objetivos, as competências transversais a desenvolver, os contributos das disciplinas (que entendi incluir) – tarefas a desenvolver e os parâmetros de avaliação (Anexo 55). No final do documento descritivo deste projeto, entendemos acrescentar algumas observações, orientadoras das tarefas que os alunos haveriam de desenvolver em disciplinas que não foram lecionadas por nós, como Ciências Naturais, Educação Musical e Educação Visual (apenas lecionei as aulas de A.D.T., Português e H.G.P.). Neste sentido, pela ordem em que as tarefas surgiram apresentadas, assim deveriam ser implementadas e como tal, a docente de Ciências Naturais ficou incumbida, juntamente com a turma, proceder à distinção entre “sexo” e “género”, tendo à disposição um vídeo para auxiliar essa diferenciação. Posteriormente, nós, na aula de A.D.T., a qual representou uma aula de Português, debruçámo-nos sobre a leitura e interpretação do livro-álbum “Menino Menina” de Joana Estrela. Seguidamente, na aula de H.G.P., com a permissão do docente responsável pela leção da disciplina a esta turma, direcionámos as atenções para a exploração de alguns textos biográficos de mulheres que marcaram a História de Portugal, mais precisamente, a 1ª República, o antes e o pós o 25 de Abril de 1974, tendo por base a obra “Mulheres com M Grande” de Lúcia Vicente. Depois o docente de Educação Musical ficou responsável por disponibilizar, à turma, a audição da canção “As sete mulheres do Minho” de José Afonso, seguida de um diálogo sobre as



sensações e emoções dos alunos face à mesma. A seguir, na aula de Português, lecionada por nós, analisámos (interna e externamente) o poema musicado que os alunos ouviram na aula de Educação Musical, no sentido de dar visibilidade às mulheres que nele são homenageadas e que nunca surgem nos livros de História.

Por fim, na aula de Educação Visual o docente responsável pela mesma dirigiu os alunos para a produção de desenhos de rapazes e de raparigas, nos quais fosse possível visualizar a ausência de estereótipos de género (Anexo 56). Este projeto foi extremamente importante para dissipar algumas dúvidas da turma, inclusivamente, face à perceção que detinham sobre aquilo que representa o “sexo” e o “género”, mas também, relativamente àquilo em que consiste a Igualdade de Género, o feminismo (chapéu mais amplo que inclui as questões L.G.B.T.Q.I.A.+ , a Excisão, entre outros), o machismo e o femismo.

No âmbito do domínio “Contributos para a realização dos objetivos e metas do Projeto Educativo e dos Planos Anual e Plurianual de atividades”, ao longo da P.E.S. I não houve a possibilidade de integrar qualquer atividade deste cariz, no entanto, no decorrer na P.E.S. II, devido ao aliviar das restrições pandémicas, houve a oportunidade de programar algumas atividades na escola, associadas às comemorações do 25 de Abril de 1974.

Deste modo, a orientadora cooperante de H.G.P. entendeu que faria todo o sentido que nos juntássemos às atividades, coordenadas pela professora bibliotecária. Em reunião com esta mesma professora entendemos fazer algumas sugestões que ficaram a nosso cargo: elaborar um cartaz divulgativo das atividades (Anexo 57), a afixar na Biblioteca Escolar e no site da escola; promover uma partilha de testemunho de uma ex-presa política da ditadura salazarista, Graça Marques, residente em Viseu, para as turmas do 6.º ano, divididas em duas sessões de 90 minutos (Anexo 58); reunir músicas de intervenção, numa pen, a serem reproduzidas na Biblioteca Escolar durante a semana do 25 de Abril (Anexo 59); expor diversas notícias e capas de jornais do período do Estado Novo e da revolução do 25 de Abril na Biblioteca Escolar (Anexo 60) e elaborar uma listagem de obras (existentes e não existentes na Biblioteca) relacionadas com o Estado Novo em Portugal e o 25 de Abril de 1974 (Anexo 61), com o intuito de a publicar, também, no site da escola.

Nesta reunião, a professora bibliotecária, sugeriu, ainda, a observação de alguns vídeos sobre a ditadura e sobre a revolução, por parte dos alunos do 6.º ano, no espaço da Biblioteca, prevendo, no final, a construção de um cartaz, por turma, que

expressasse uma mensagem sobre a liberdade, sendo que todos os cartazes elaborados seriam compilados num mural na Biblioteca Escolar.

Para além disto, a professora bibliotecária, entendeu que, juntamente com a exposição das notícias/capas de jornais e os cartazes sobre a liberdade se incluíssem as obras existentes na biblioteca e que se relacionavam com a temática.

No que diz respeito aos domínios “Participação nas estruturas de coordenação educativa e supervisão pedagógica e nos órgãos de administração e gestão” e “Dinamização de projetos de investigação, desenvolvimento e inovação educativa e sua correspondente avaliação”, importa salientar que, em ambas as Práticas de Ensino Supervisionadas, não fomos convidadas a participar neste âmbito.

Face à dimensão “Desenvolvimento e formação profissional ao longo da vida”, durante a Prática de Ensino Supervisionada I, não tive a possibilidade de participar em ações de formação, todavia, enquanto decorria a P.E.S. II participei no “I Colóquio Internacional de Teoria e Crítica Literária e II Colóquio Nacional de Literatura, Memória e Subjetividade: Deslocamentos e Identidades” que decorreu entre os dias 7 e 9 de junho de 2022, com a carga horária de 30 horas (Anexo 62).

O Decreto-Lei 22/2014, relativo à formação contínua de professores/as, evidencia, no artigo 3.º, os princípios que devem sustentar tal formação:

- a) Promoção da melhoria da qualidade do ensino e dos resultados do sistema educativo;
- b) Contextualização dos projetos de formação e da oferta formativa;
- c) Adequação às necessidades e prioridades de formação das escolas e dos docentes;
- d) Valorização da dimensão científica e pedagógica;
- e) Autonomia científico - pedagógica das entidades formadoras;
- f) Cooperação institucional entre estabelecimentos do ensino básico e secundário, instituições de ensino superior e associações científicas e profissionais;
- g) Promoção de uma cultura de monitorização e avaliação orientada para a melhoria da qualidade do sistema de formação e da oferta formativa (Decreto-Lei 22/2014).

#### **4. Síntese global das práticas concretizadas, das competências e conhecimentos profissionais desenvolvidos**

As Práticas de Ensino Supervisionadas no 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico (C.E.B.), sobretudo, aquelas que decorreram no 2.º C.E.B. (pela liberdade que a orientadora cooperante possibilitou no momento da exploração de estratégias) permitiram o desenvolvimento de competências importantes ao nível do ensino-aprendizagem. Apesar de as Práticas de Ensino Supervisionadas do 1.º C.E.B. terem estado mais limitadas devido ao pico do contexto pandémico, através das experiências e das vivências desenvolvidas ao longo das práticas, tivemos a oportunidade de refletir sobre as mesmas e melhorar o nosso desempenho enquanto futuras docentes.

Uma das questões para a qual direcionámos especial atenção durante todo este processo, diz respeito ao compromisso que qualquer professor deverá ter para com o conhecimento científico. Deste modo, o papel do professor é orientar os alunos para a construção de conhecimentos, válidos, coerentes e verdadeiros, pois de outra forma, não estaremos a falar de Ensino e de Educação. Neste âmbito, enquanto professores, não poderemos ludibriar fatos, ocultá-los ou invisibilizá-los, uma vez que uma Educação libertadora necessita de andar de mãos dadas com a verdade, possibilitando o sentido crítico, sustentado em questões credíveis, sentido esse que só a reflexão poderá proporcionar.

Para além disto, outro aspeto essencial nesta profissão, refere-se à componente didática e pedagógica, potenciadoras de aprendizagens ricas e significativas. Deste modo, revela-se crucial considerar três fatores: “o que fazer”, “como fazer” e “para quê”. Estes fatores deverão reger a ação didática e pedagógica, com o intuito de fomentar o sucesso das aprendizagens dos/as alunos/as.

Deste modo, com base nos “Padrões de Desenvolvimento Docente” que definem as dimensões e os domínios de uma profissionalidade docente eficiente e eficaz passamos à apreciação crítica das competências desenvolvidas ao longo das práticas.

Atendendo à dimensão “Vertente Profissional, Social e Ética”, onde se insere o domínio “Compromisso com a construção e o uso do conhecimento profissional”, comprovámos a nossa sustentação científica, no 1.º C.E.B., recorrendo, por exemplo, aos Programas e Metas Curriculares do 4.º ano e a conteúdos não previstos pelos programas, através de assuntos contextualizados, possibilitando aos alunos mais do que uma perspetiva relativamente a determinado aspeto. Nas práticas decorridas no

2.º C.E.B. optou-se pela introdução de obras produzidas por autores como Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada; Oliveira Marques; Carlos Fiolhais, José Eduardo Franco e José Pedro Paiva, no caso de H.G.P. e ao nível do Português, várias foram as vezes em que nos socorremos de obras de Clara Amorim e Vera Costa. Outros documentos que sempre nos acompanharam nesta caminhada dizem respeito às Aprendizagens Essenciais do 6.º ano, relativas à História e Geografia de Portugal e ao Português, ao Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória e à Estratégia Nacional de Educação para a Cidadania, com vista à fundamentação dos conteúdos abordados em ambas as disciplinas.

No que diz respeito ao domínio “Compromisso com a promoção da aprendizagem e do desenvolvimento pessoal e cívico dos alunos”, destacamos, no 1.º C.E.B., seleção de textos a interpretar, como foi o caso de um dos textos abordados sobre o papel das escolas na sensibilização para a proteção das florestas, para além de propiciarmos momentos dedicados à exploração das emoções e dos sentimentos dos alunos, com base na Expressão e Educação Plástica e na Expressão e Educação Musical. Nas práticas do 2.º C.E.B., este domínio assumiu maior destaque nas aulas de Cidadania e Desenvolvimento lecionadas, nas quais se desenvolveram temáticas como a Educação Ambiental e Biodiversidade e a Sexualidade, nomeadamente, os acontecimentos que levaram ao estabelecimento do Dia Internacional das Mulheres. Para além disto, também as aulas de H.G.P. contribuíram para o desenvolvimento deste domínio, possibilitando um debate de oposição Ditadura vs Democracia.

Face ao domínio “Compromisso com o grupo de pares e com a escola”, nas práticas do 1.º C.E.B. não foi possível o desenvolvimento de atividades neste âmbito devido ao contexto pandémico, contudo, nas práticas do 2.º C.E.B., o mesmo já foi considerado e neste sentido, salientamos o trabalho cooperativo entre os alunos, por via do trabalho em grupo e do trabalho a pares, que foi adotado, principalmente nas aulas de H.G.P., sustentado, por vezes, numa metodologia de cariz construtivista, a Aula-Oficina.

Relativamente à dimensão “Desenvolvimento do ensino e da aprendizagem”, a qual comporta o domínio “Preparação e organização das atividades letivas”, importa referir que em ambas as práticas, no 1.º e 2.º C.E.B., a nossa maior dificuldade incidu na elaboração dos planos de aula, nomeadamente, na definição de intervalos de tempo para a realização das atividades, pois foi sempre difícil cumprir os tempos estipulados para cada tarefa, uma vez que os/as alunos/as apresentavam dificuldades de organização e de rentabilização do tempo dedicado às tarefas.

Ao nível da articulação entre conteúdos e entre áreas disciplinares, nas práticas do 1.º C.E.B., esse procedimento ficou bastante condicionado devido ao facto de existir um reduzido espaço de tempo entre a receção das indicações sobre os conteúdos a lecionar e a entrega das planificações a implementar. Todavia, nas práticas do 2.º C.E.B., procurámos realizar este exercício nas aulas lecionadas de Português, onde podemos observar a ligação estabelecida entre um Texto Poético e a iniciação à abordagem de um conteúdo gramatical. O mesmo exercício podemos verificar entre as disciplinas de Português e de H.G.P. no momento da exploração de um texto não-literário, o Roteiro, para a qual recorreremos ao Texto Poético, nomeadamente a alguns poemas musicados de José Afonso.

No que concerne ao domínio “Relação pedagógica com os alunos”, no caso das práticas do 1.º C.E.B., procurámos ter em atenção o nível da comunicação com e entre os/as alunos/as, como forma de alcançar o rigor necessário a uma comunicação elucidativa e eficaz. Nas práticas ocorridas no 2.º C.E.B., importa salientar que a interação, em sala de aula, despoletou circunstâncias mais agitadas, devido a alguns alunos mais irrequietos e conversadores, contudo, reiterámos a importância de saber ouvir e estar, ressaltando as regras de participação, como a colocação do braço no ar, sinalizando a intenção de participar nas discussões.

Em termos de utilização de materiais didáticos, nas práticas do 1.º C.E.B., os/as discentes puderam usufruir de diapositivos PowerPoint, imagens, músicas, vídeos, livros-álbum, entre outros. Nas práticas do 2.º C.E.B., nas aulas lecionadas de H.G.P. optámos por recorrer a guiões de observação de documentários, os próprios documentários, fontes históricas, nomeadamente, excertos do manual da 3ª classe do período do Estado Novo, músicas de intervenção, recursos interativos, vídeos, imagens para interpretação, PowerPoints, quizzes, trailers de filmes, vídeos por nós gravados, obras, textos elaborados (para que os alunos lhes pudessem dar seguimento) e manuais escolares.

Quanto ao domínio “Processo de avaliação das aprendizagens dos alunos”, nas práticas do 1.º C.E.B., para além da observação, recorreremos a fichas de trabalho, elaboradas por mim ou inseridas nos Manuais, as quais os/as alunos/as resolviam e, posteriormente eram corrigidas no quadro de giz, por mim, com o contributo dos/as discentes uma vez que, nesta fase pandémica, estavam vedados da possibilidade de se deslocarem ao quadro. Durante as práticas no 2.º C.E.B., enveredámos pela observação, pelo preenchimento de inquéritos, pela resolução de quizzes,

individualmente e em grande grupo, pela apresentação de trabalhos e pela resolução de fichas de trabalho e de uma ficha de avaliação.

No caso da dimensão “Participação na escola e relação com a comunidade educativa”, ao longo das práticas no 1.º C.E.B., com o surgimento do contexto pandémico, todas as atividades que visavam aglomerações ou reunião de pessoas foram suspensas e por isso não houve a possibilidade de desenvolver esta dimensão. No entanto, na P.E.S. II do 2.º C.E.B., já com a pandemia mais controlada, houve oportunidade, concedida pela orientadora cooperante de Português, de elaborar um Projeto Interdisciplinar a implementar junto da sua direção de turma, o 6.º F. Neste projeto foi possível abordar de forma mais aprofundada a Educação Sexual, mais especificamente, a Igualdade de Género e principalmente esclarecer dúvidas partilhadas pelos alunos face a alguns conceitos como feminismo e femismo.

No âmbito do domínio “Contributos para a realização dos objetivos e metas do Projeto Educativo e dos Planos Anual e Plurianual de atividades”, também apenas nas práticas do 2.º C.E.B. foi possível realizar trabalho neste sentido e portanto, ressaltamos as comemorações do 25 de Abril de 1974, nas quais participámos ativamente e que foram coordenadas pela professora bibliotecária. Em reunião com esta mesma professora entendemos fazer algumas sugestões que ficaram a nosso cargo e de entre as quais ressaltamos a partilha de testemunho de uma ex-presa política da ditadura salazarista, Graça Marques, com os alunos do 6.º ano de escolaridade.

Focando a atenção nos domínios “Participação nas estruturas de coordenação educativa e supervisão pedagógica e nos órgãos de administração e gestão” e “Dinamização de projetos de investigação, desenvolvimento e inovação educativa e sua correspondente avaliação”, importa mencionar que tanto nas práticas do 1.º como do 2.º C.E.B., não fomos convidadas a participar neste âmbito.

Por fim, no que se refere à dimensão “Desenvolvimento e formação profissional ao longo da vida”, durante as práticas do 1.º C.E.B., frequentei o curso de Formação Profissional de “Orientação Sexual e Identidade de Género”, com a duração de 18 horas, cujos Módulos abordados foram: Especificidades da discriminação contra pessoas LGBT; Direitos das pessoas LGBT: Leis e Instituições; Crimes de Ódio e Violência Doméstica; Redes de Recursos LGBT existentes; Casos Práticos. No 2.º C.E.B., apenas na P.E.S. II houve a oportunidade para participar no “I Colóquio Internacional de Teoria e Crítica Literária e II Colóquio Nacional de Literatura, Memória

e Subjetividade: Deslocamentos e Identidades” que decorreu entre os dias 7 e 9 de junho de 2022.

## **Parte II – Trabalho de Investigação**



## Nota Introdutória

O Projeto de Investigação é parte integrante do plano de estudos do Mestrado em Ensino do 1.º C.E.B. e Ensino de Português e História e Geografia de Portugal no 2.º C.E.B.

Deste modo, com este trabalho procuramos perceber se a consciência histórica influencia a formação da consciência social e política de alunos/as do 2.º Ciclo do Ensino Básico. Ao refletir sobre esta questão definimos a questão-problema: “Será que o desenvolvimento da consciência histórica de alunos/as do 2.º C.E.B. influencia a formação da sua consciência social e política”.

Como forma de estruturar esta segunda parte do Relatório Final de Estágio, apresentamos a definição do problema e os objetivos do estudo, bem como a justificação da relevância do mesmo e procedemos à revisão da literatura em torno dos conceitos: Consciência Histórica, Consciência Social e Consciência Política.

Posteriormente, focámos as nossas atenções na metodologia, mencionando o tipo de investigação e caracterizando-a, seguindo-se a menção à amostra e à justificação da sua escolha. Depois fizemos referência às técnicas e instrumentos de recolha de dados, ao procedimento, às técnicas de tratamento e análise dos dados e à análise dos mesmos. Por fim, refletimos sobre as conclusões provenientes desta investigação.

## 1. Definição do problema e objetivos da investigação

Este estudo, procura como o próprio título indica, demonstrar a importância da consciência histórica na formação da consciência social e política, em alunos/as do 2º Ciclo do Ensino Básico. A questão inicial à qual irei procurar responder é a seguinte: “Será que o desenvolvimento da consciência histórica de alunos/as do 2.º C.E.B. influencia a formação da sua consciência social e política”.

A pertinência desta questão, coloca-se no facto de termos vivido 41 anos sob o jugo de uma ditadura fascista e na reflexão e problematização que a lecionação dos conteúdos referentes a esse período pode e deve permitir.

Os regimes fascistas têm instrumentos primordiais, nos quais se apoiam e que alicerçam pensamentos que formam uma ideologia dominante. No caso português, não é consensual entre os/as historiadores/as que o regime salazarista seja considerado fascista, no entanto, concordo com o historiador Fernando Rosas (2019, citado por Adinolfi, 2019, p. 273) quando este no seu livro “Salazar e os fascismos” defende que o regime em questão não pode ser excluído da “família do fascismo genérico”, apesar de configurar uma “modalidade portuguesa de fascismo”.

O fascismo português apoiava-se nas seguintes ideias: “Deus, Pátria e Família”. A religião católica submetia as pessoas a crenças e a uma tradição serôdia. Deste modo, a família era a base da sociedade e as mulheres eram o esteio da família tradicional, segundo Pimentel (2000, p. 27).

Para Rosas (2007, p. 26), a violência no Estado Novo adotou duas formas: a punitiva (prisões, perseguições) e a preventiva (a censura), que amputava todas as liberdades e a própria criatividade. A Censura foi um instrumento de repressão cultural e um impedimento a que novas ideias provenientes de outros países entrassem em Portugal.

A escola no Estado Novo difundia a ideologia dominante sem qualquer possibilidade de reflexão crítica por parte dos/as estudantes. Por isso, a formação de várias gerações nos valores fascizantes teve grande influência nas mentalidades, que chegaram ao 25 de abril de 1974 e que, em parte, ainda perduram por via dessa herança.

Também Pereira procede à análise da importância da História de Portugal, mais especificamente, do período entre 1934 e 1946, nas páginas da Escola Portuguesa.

Os acontecimentos e as figuras da História portuguesa que são usados como elementos estruturantes do discurso político-ideológico do Salazarismo são identificados. Estas práticas discursivas têm como principais objetivos a legitimação do regime e a operacionalização do seu programa político junto dos agentes educativos, alunos e comunidade local (Pereira, 2013, p. 63).

Neste sentido, importa compreender se os aspetos históricos deste período influenciam, ainda hoje, a consciência social e política de alunos/as que frequentam o 2.º Ciclo do Ensino Básico, visto que, muitas vezes, nas salas de aula de História, de acordo com a nossa experiência pessoal, a abordagem definida pelos/as docentes em torno dos factos históricos, assumem um cariz marcadamente expositivo e muito pouco reflexivo.

O professor, na sua ação didática participa nesse processo de transformação que é a educação, enquanto organizador e supervisor de situações de aprendizagem. (...) Na sua ação educativa o professor deve [para além de “englobar a visão científica, técnica e humanística”] estar atento à dimensão político-social da didática, pois a prática letiva não decorre no vácuo, mas desenvolve-se num meio social concreto, integrada numa política educativa e envolve alunos provenientes de estratos sociais específicos (Proença, 1992, p. 33).

Assim, colocam-se como objetivos desta investigação:

1. Analisar os contributos da História para a formação cívica, cultural e social dos/as mesmos/as alunos/as;
2. Conhecer o impacto da consciência histórica na formação da consciência social e política em estudantes do 2.ºCiclo do Ensino Básico;
3. Perscrutar os valores sociais desta geração de estudantes.

## 1.1. Justificação e relevância do estudo

Como forma de apresentar a problemática, em estudo, propomos duas questões, que irão nortear este trabalho de investigação: Qual a pertinência da abordagem do período histórico do Estado Novo, no contexto internacional de emergência de regimes fascistas na Europa da 2ª Guerra Mundial (Fascismo/Nazismo), com alunos/as do 2.º Ciclo do Ensino Básico? Será que estes conteúdos podem contribuir para melhorar a consciência social e política destes estudantes?

Antes de salientar a problemática em estudo é essencial constatar que no 2.º Ciclo do Ensino Básico (C.E.B.) os/as alunos/as que abordam os conteúdos relacionados com o Estado Novo, frequentam o 6.º ano de escolaridade, no entanto, no 1.º C.E.B., mais precisamente no 4.º ano de escolaridade prevê-se que exista alguma familiarização com os mesmos. Neste sentido, nas Aprendizagens Essenciais de Estudo do Meio do 4.º ano (2018, p.6) indicam, no domínio da *Sociedade*, que um dos períodos históricos que deverá ser introduzido diz respeito ao 25 de Abril de 1974 e face ao mesmo e a outros, os/as discentes deverão “conhecer personagens e aspetos da vida em sociedade relacionados com os factos relevantes da história de Portugal”. Para além disto, especificamente quanto à Revolução sugere-se o relacionamento da mesma com a “obtenção de liberdades e direitos”, o que necessariamente implicará a abordagem à ditadura do Estado Novo (Aprendizagens Essenciais de Estudo do Meio, 4.º ano, 2018, p. 6).

Deste modo importa clarificar que os/as alunos/as que se encontram a frequentar este nível de escolaridade, quer por via do contacto escolar com estes conteúdos históricos, quer por vivências sociais e familiares, não são uma “tábua rasa” e por isso já detém opiniões e perspetivas acerca destes acontecimentos, ainda que estas possam carecer de maior aprofundamento.

Apesar do contacto anterior com os acontecimentos históricos já mencionados, as Aprendizagens Essenciais de História e Geografia de Portugal (2018) do 6.º ano de escolaridade contemplam, nomeadamente, o aprofundamento da abordagem à ditadura do Estado Novo, inserida no domínio *Portugal do Século XX*. Os conhecimentos, capacidades e atitudes, que se pretende que os/as alunos/as desenvolvam, neste domínio são os seguintes:

Sintetizar as principais características do Estado Novo, nomeadamente a ausência de liberdade individual, a existência da censura e de polícia política, a repressão do movimento sindical e a existência de um partido único; Relacionar a guerra colonial com a noção de império no contexto do Estado Novo; Identificar/aplicar os conceitos: ditadura, censura, guerra colonial, oposição, liberdade de expressão (Aprendizagens Essenciais de História e Geografia de Portugal, 2018).

Neste seguimento, procuramos compreender qual o desenvolvimento da consciência social e política destes/as discentes após uma maior e mais sólida abordagem aos conhecimentos históricos sugeridos e a outros que não constam, explicitamente, nas Aprendizagens Essenciais de História e Geografia de Portugal (H.G.P.) do 6.º ano.

Tal como é possível perceber nas Aprendizagens Essenciais de H.G.P. do 6.º ano, não se encontra qualquer referência explícita ao contexto internacional, coincidente com a ditadura do Estado Novo, ainda que a área disciplinar em questão seja História e Geografia de Portugal. Considero que é importante, a contextualização internacional deste regime, no momento da lecionação, como forma de melhor elucidar e promover a consciência em torno daquilo a que chamamos o totalitarismo dos regimes fascistas. Desta forma, cuido que estaremos a potenciar a consciência social e política de alunos/as deste nível de ensino, ao refletir sobre as influências do ambiente que se vivia na Europa e que, na prática, foi ganhando aceitação em Portugal.

Atualmente, perante o crescente aumento da ameaça da Extrema-Direita, no nosso país e no mundo, com fortes componentes fascistas, embora, não comparáveis com o fascismo clássico (Lowy, 2015, p. 654), entendo que urge a necessidade de uma sociedade mais atenta e familiarizada com as diversas aparências do fascismo, pois, os nossos direitos e liberdades podem ser muito subtilmente postos em causa.

Deste modo, a História dos regimes democráticos ou do próprio fascismo, que no nosso país durou 41 anos, precisa de ser abordada de forma reflexiva para que possamos extrair lições e alertas perante situações atuais, que nos encaminham para sociedades autoritárias, fascizantes e até mesmo fascistas. O Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória, no que concerne à disciplina de História e Geografia de Portugal no 2.º Ciclo do Ensino Básico, refere que algumas das competências específicas a serem desenvolvida pelos/as alunos/as passam por

“Promover o respeito pela diferença, reconhecendo e valorizando a diversidade: étnica, ideológica, cultural, sexual” e “Valorizar a dignidade humana e os direitos humanos, promovendo a diversidade, as interações entre diferentes culturas, a justiça, a igualdade, e equidade no cumprimento das leis” (Aprendizagens Essenciais de H.G.P. do 6.º ano, 2018, pp. 2 e 3).

No seu mais recente livro, Rosas (2019), afirma que “a História nunca se repete porque as circunstâncias variam, mas as pré-condições que originaram os movimentos fascistas no século XX e as circunstâncias do mundo atual têm indiscutíveis paralelos com o passado”.

## 2. A Consciência Histórica, a Consciência Social e a Consciência Política

François Audigier (2016, citado por Lucini, 2018, p. 66) defende três dimensões como sendo parte integrante da consciência: a consciência histórica, a consciência cidadã e a consciência política. Na perspetiva deste autor encontramos muito daquilo que é o pensamento de Paulo Freire, para quem “além de um ato de conhecimento, a educação é também um ato político” (Freire, 1986, p. 25, citado por Lucini, 2018, p. 66).

Neste seguimento, Audigier (2016, p. 27, citado por Lucini, 2018, p. 66) afirma que a consciência histórica consiste no “privilégio do homem moderno de ter plena consciência da historicidade de todo presente e da relatividade de toda a opinião”. Quanto à consciência cidadã, o mesmo autor, ressalta o sentimento de pertença dos indivíduos a uma comunidade ou um grupo social. No caso da consciência política, o autor relaciona-a com a consciência cidadã, pois entende-a como o reafirmar da participação dos indivíduos, “de forma ativa e responsável, observando as leis e regras coletivas como resultantes de um debate público sob responsabilidade do cidadão (Audigier, 2016, p. 27, citado por Lucini, 2018, p. 67).

### 2.1. O que se entende por Consciência Histórica

De acordo com Cerri (2001, p. 96), uma questão importante a discutir quando se fala em consciência histórica, consiste em compreender se a mesma representa um fenómeno inerente à existência humana ou se corresponde a uma característica específica de uma parte da humanidade, uma meta ou estado a ser alcançado. Cerri indica que o filósofo Hans-Georg Gadamer defende a segunda opção, a qual apresentou na conferência *Problemas epistemológicos das ciências humanas*, referindo que:

O aparecimento de uma tomada de consciência histórica constitui provavelmente a mais importante revolução pela qual passamos desde o início da época moderna. (...) A consciência histórica que caracteriza o homem contemporâneo é um privilégio, talvez mesmo um fardo que jamais se impôs a nenhuma geração anterior. (...)

Entendemos por consciência histórica o privilégio do homem moderno de ter plena consciência da historicidade de todo o presente e da relatividade de toda opinião (Cerri, 2001, p. 96).

Ainda, segundo Cerri (2001, p. 97), o indivíduo contemporâneo e o indivíduo moderno, definido por Gadamer, não diz respeito ao ser humano em geral, uma vez que exclui as pessoas que não tenham passado pelo processo histórico denominado de modernização ou que tenham permanecido refratários ao mesmo. Deste modo, camadas sociais dos países centrais e grandes massas nos países periféricos desenvolveriam uma reduzida consciência histórica, revelando-se ignorantes da historicidade do presente e à mercê do dogma das opiniões culturalmente entendidas como corretas (Cerri, 2001, p. 97).

Neste sentido, esta parte da humanidade encontra-se afastada das “subversões espirituais da nossa época” e presa à tradição, vedada de uma postura reflexiva acerca daquilo que ela transmite (Cerri, 2001, p. 97). Esta posição permite identificar no conhecimento histórico um papel vanguardista, bem como o seu processo de disseminação pelos setores não académicos das sociedades, nomeadamente, o ensino, numa obra de “consciencialização” histórica. Cerri (2001, p. 97) afirma, ainda, que é inevitável que se recordem os conceitos “cultura” e “civilização” enquanto características restritas a uma parte da humanidade, a uma parte das organizações políticas, já questionadas pelas ciências sociais como armadilhas do pensamento, capazes de explicar uma postura de superioridade de algumas sociedades face a outras. Gadamer, também menciona a noção de “senso histórico”, isto é “a disponibilidade e o talento do historiador para compreender o passado, talvez mesmo “exótico”, a partir do próprio contexto em que ele emerge” (Cerri, 2001, p. 97).

Através do “senso histórico” é possível ao investigador analisar outros tempos (outras culturas), pondo de lado os preconceitos e as limitações da sua origem cultural e histórica, todavia, somos postos, novamente, diante da ideia de que para aceder a essa forma de conhecer é necessário preparação que não passa por uma vivência coletiva de um processo histórico (a modernização), mas sim por uma preparação profissional específica para a investigação e produção de conhecimento nas Ciências Humanas (Cerri, 2001, p. 98).

Para Agnes Heller e Rösen (citados por Cerri, 2001, p. 98), a consciência histórica não configura uma meta, mas uma das condições da existência do pensamento, não vedada a um período da história, a regiões do planeta, a classes



sociais ou a pessoas com maior ou menor preparação para a reflexão histórica ou social geral.

Na perspetiva de Heller (citado por Cerri, 2001, p. 99), a consciência histórica pertence à forma de estar do ser humano no mundo e contempla vários estágios que partem desde o momento em que um dado grupo cria normas de convivência até ao momento em que um dado grupo, ao ter consciência de que a humanidade o transcende, compreende o mundo como histórico (no sentido da construção humana), relativizando a própria cultura a partir de outras, no tempo e no espaço, alcançando a consciência de que a história não caminha indelevelmente para o desenvolvimento, “que a racionalidade e a ciência não dão conta da evolução humana e de que o futuro é missão de cada um e de todos” (Cerri, 2001, p. 99).

Para Rüsen, a consciência histórica é um fenómeno do mundo vital relacionada com a prática (Cerri, 2001, p. 100). Rüsen, Lee e Seixas (2001, 2002, 2004, respetivamente, citados por Barca, 2007), reuniram contributos importantes, com vista à discussão epistemológica sobre as relações da História com as decisões tomadas no dia-a-dia, que têm possibilitado identificar âncoras de aferição da consciência histórica de jovens e professores de História.

Deste modo, para Barca (2007), a consciência histórica é entendida como um comportamento de orientação de cada indivíduo no seu tempo, suportado, refletidamente, pelo conhecimento da História. Por outro lado, Rüsen, considera a consciência histórica um conjunto de operações mentais inatas e em constante desenvolvimento que possibilitam aos sujeitos uma ordenação temporal responsável por dar um sentido às experiências vividas, levando à compreensão de si e do mundo que o rodeia, favorecendo as decisões do dia-a-dia (Rüsen, 2001; Schimidt, 2010, citados por Maia et al. 2016, p. 55).

De acordo com Jaismann (1980, citado por Gago, 2018, p.50), visto que a História procura compreender e explicar o passado e que para a formação da consciência é necessária a experiência histórica, como uma forma de equilibrar a ação humana, “a consciência histórica é a conexão do ato de interpretar o passado, compreender o presente e perspetivar o futuro”.

Barca (2007), refere que proceder à distinção entre consciência histórica e um determinado sentido de identidade social poderá ser complexo, atendendo aos próprios estudos existentes sobre narrativas dos jovens em torno do passado e que quase sempre se focam, apenas e só, em aspetos de identidade nacional. A

diferenciação entre consciência histórica e identidade, necessita de uma discussão que nela se centre.

Neste sentido, Rüsen (citado por Barca, 2017), fornece-nos indicações, sobre as relações entre a consciência histórica e os saberes de senso comum, possibilitando o aprofundamento desta reflexão. É no decorrer das diversas vivências do dia-a-dia que se constroem sentimentos de pertença e identidade social (local, regional, nacional, entre outras) e, para o efeito, convergem o meio familiar e cultural, os media e principalmente a escola, pois este é um espaço onde a identidade social é aprofundada e (re) orientada, com base na apropriação que cada aluno desenvolve da aprendizagem contínua da História (Barca, 2007).

Relativamente a esta questão, Seixas e Clark (2002, citados por Gago, 2018, p. 98), declaram que uma dimensão fundamental do estudo da consciência histórica consiste em compreender de que modo as ferramentas que visam a compreensão do passado são transmitidas às gerações. Concordam que o veículo mais formal é a escola, mas também questionam sobre qual o papel de outros “locais” como a família, os filmes, a televisão e as celebrações, uma vez que todos eles operam interativamente e constantemente desafiam, a consciência histórica dos indivíduos.

Atendendo às necessidades de orientação temporal, na sala de aula de História, importa saber quais as características desta orientação: se incute valores irrefutáveis, relativamente ao passado e ao presente; se apresenta um cariz neutral, distanciado dos valores que premeiam os comportamentos humanos; se é relativista e acata sem questionar os valores de cada cultura ou se é problematizadora dos valores pertencentes aos comportamentos humanos, do passado e do presente (Barca, 2007).

Considerando que a História não é um registo neutro do passado, tal como afirma Henriques:

A consciência histórica não escuta de forma beatífica a voz que lhe chega do passado, mas reflete sobre ela, recolocando-a no contexto onde ela se enraíza. Isto significa propor outras leituras do passado, colocar em causa um monoteísmo discursal, ocultado por uma falsa neutralidade (Henriques, 2008, citada por Tavares, 2011, p. 24):

A par destas questões, importa entender, ainda, que valores implícitos ou explícitos são difundidos através das diversas atitudes, mesmo quando se trata de distanciamento político. Poderemos questionar-nos se são incluídos esses valores numa perspetiva local, nacional, ocidental ou global. Claramente, uma aula de História

que mobilize identidades na construção de uma consciência histórica apropriada às complexidades da sociedade atual e no contexto de uma sociedade que se pretende aberta e dialogante é essencial que espelhe opções conscientes nas áreas anteriormente referidas (Barca, 2007).

“A consciência histórica move-se do presente para o passado, para voltar ao presente satisfeita com experiências que lhe permitam abrir o futuro” (Gago, 2018, p.70). Contudo, há que ter em consideração, como se refere anteriormente, que essa consciência tem de ser construída tendo em conta a complexidade da sociedade atual não nos deixando fascinar por realidades do passado que não têm a devida expressão no presente.

Também é Desmond que nos alerta para a ideia de que é através da História que se compreendem os mecanismos de mudança e continuidade e de que “o pensamento histórico é valioso para um ser humano civilizado e participativo” (Desmond, 2000, citado por Gago, 2018, p. 92).

Assim, para um pensamento histórico é essencial uma educação histórica, capaz de “desenvolver ferramentas intelectuais” (Gago, 2018, p. 99). Neste seguimento, Lee, destaca três dimensões de aprendizagem histórica que considera relevantes:

1. A aprendizagem cresce na experiência ganha a partir da reflexão sobre o passado humano;
2. A experiência e o conhecimento são transformados numa mudança produtiva através do modelo de interpretação;
3. A aprendizagem histórica desenvolve a capacidade de orientação da vida.” (Lee, 2002<sup>a</sup>, citado por Gago, 2018, p. 99).

A aprendizagem histórica surge como sendo um processo de aquisição de conhecimento, proveniente da experiência histórica e da autorrealização, princípios consonantes com a abordagem construtivista do processo de ensino-aprendizagem (Gago, 2018, p. 100). Esta consonância é tão real ao ponto de se entender que a aprendizagem histórica não pode sustentar-se, apenas, no “processo de aquisição de conhecimento substantivo de História/ de factos «objetivos», tem também de envolver o sujeito e as suas ferramentas cognitivas” (Gago, 2018, p. 100).

Um dos nomes fundamentais quando se fala na mudança de paradigma em relação à forma de ensinar História é Isabel Barca. O caminho de constituição de uma nova forma de ensinar sustentada na educação histórica e na reflexão potenciada pela

proposta apresentada no texto *Aula Oficina: do Projecto à Avaliação*, publicado nas Actas das Quartas Jornadas de Educação Histórica realizadas em Portugal em 2004, contou, como pólo irradiador, a Universidade Estadual de Londrina, em cursos de graduação em História, Programas de formação contínua de professores e Programas de Iniciação à docência onde a perspectiva metodológica selecionada foi a aula-oficina. (Alves, Gago e Lagarto, 2021, p. 48).

A própria autora desta metodologia, em 2012, em entrevista à revista «Nova Escola», explicou aquilo em que a mesma consiste:

(...) A ideia é que, primeiramente, o professor selecione um conteúdo, pergunte aos alunos o que eles sabem a respeito e, então, selecione a fontes históricas pertinentes para a aula. Em seguida, ele deve orientar os estudantes a analisar os materiais, fazer inferências e comparações. Todos se envolvem no processo e produzem conclusões históricas, que podem ser mais ou menos válidas e mais ou menos próximas às dos historiadores. No entanto, elas devem sempre ser valorizadas, avaliadas e reconceituadas com a ajuda do educador. Assim as crianças tomam consciência do que aprenderam, do que falta saber e do que mais gostariam de conhecer. A aula-oficina vai contra a corrente que não se preocupa com o que ensinar e prioriza em manter o grupo motivado (Alves, Gago e Lagarto, 2021, p. 48).

De acordo com Alves, Gago e Lagarto (2021, p. 50), a Aula-Oficina possibilita ao docente e ao/à aluno/a experiências coletivas de formação do pensamento histórico ao nível da “importância da informação, da abordagem epistemológica e da empatia pelo passado.”

Assim, importa ressaltar que para a formação da consciência histórica é fundamental considerar os métodos de ensino que melhor potenciam esse desenvolvimento e que colocam os/as próprios/as discentes no centro de todo o processo de ensino-aprendizagem.

## 2.2. O que se entende por Consciência Social

Segundo Boaventura de Sousa Santos (2003, citado por Tralhão, 2004, p. 214), o conhecimento, nas suas diversas formas, não se encontra equitativamente distribuído na sociedade, sendo a sua ausência mais significativa quanto maior for o privilégio epistemológico. O mesmo autor acrescenta que o privilégio epistemológico e o privilégio sociológico de uma dada forma de conhecimento tendem a convergir na mesma forma de conhecimento, envolvendo a justificação ou contestação consoante o seu impacto social. A este propósito, para Boaventura de Sousa Santos “a ciência moderna terá assumido a sua inserção no mundo mais profundamente do que qualquer outra forma de conhecimento anterior ou contemporânea: propôs-se não apenas compreender o mundo ou explicá-lo, mas também transformá-lo” (Boaventura de Sousa Santos, 2003, citado por Tralhão, 2004, p. 214).

De acordo com o mesmo autor, chega-se hoje a uma nova forma de conceber e praticar a ciência, “uma ciência socialmente empenhada na afirmação dos valores da democracia, da cidadania, da Igualdade (...); uma ciência que não é neutra e socialmente opaca”.

Lane (1981, citada por Manfio, Melo e Oliveira, 2020, p. 3) no seu livro “O que é psicologia social” debruçou-se sobre conceitos como a consciência de si e o papel das instituições, entre elas a família. De acordo com esta autora, a consciência de si surge quando um indivíduo se questiona sobre o quanto a sua realidade é condicionada pelas condições históricas do seu grupo social. Como forma de exemplificar este raciocínio, Azevedo e Dutra (2019, citadas por Manfio, Melo e Oliveira, 2020, p. 3) elucidam afirmando que no caso das mulheres, a consciência de si vai sendo revelada, consoante a sua perceção face às inúmeras vezes em que tiveram as suas histórias escritas através da ótica dos homens. Estas duas autoras, acrescentam que ao longo dos séculos são os homens que têm definido o que é ou não ser mulher e neste contexto patriarcal, a família, assume um papel essencial na manutenção desta ordem social. A ideia da figura materna transmite os ensinamentos de como uma mulher se deve comportar perante o marido, da importância do matrimónio e da maternidade, defendendo que uma menina, depois de adulta, se não seguir estes preceitos, não estará a cumprir o seu papel (Manfio, Melo e Oliveira, 2020., p. 4). Deste modo é por via da construção da consciência de si, que muitas mulheres têm mudado a forma como se compreendem relativamente à sociedade (Manfio, Melo e Oliveira, 2020, p. 4).

Neste seguimento, Azevedo e Dutra (2019, citadas por Manfio, Melo e Oliveira, 2020, p. 5), indicam que segundo a teoria de Atitude e Mudança de Allport, as atitudes são sentimentos a favor ou contra pessoas e coisas com as quais nos relacionamos e contemplam três componentes: “cognitiva (representação mental do objeto), afetiva (sentimento a favor ou contra determinado objeto social) e comportamental (componente ativo que predispõe uma ação)”.

Neste sentido, Adrião et al. (2017, citado por Manfio, Melo e Oliveira, 2020, p.6) expõe que numa investigação, onde participaram 20 jovens com idades compreendidas entre os 16 e os 20 anos, com base no diálogo sobre processos de subjetivação sexual e sociabilidades/trabalho-lazer, desencadeou-se um processo de mudança de atitude, uma vez que os/as participantes argumentaram que os debates haviam despoletado uma desestabilização de discursos normativos face a relações de género. Neste contexto podemos verificar que a componente ativada através do debate entre os/as adolescentes foi a cognitiva (Manfio, Melo e Oliveira, 2020., p. 6).

Para além disto, quando às jovens inseridas na investigação se questionou sobre como se sentiam em determinadas situações nas quais eram prejudicadas só por serem mulheres (como o facto de os seus irmãos terem a permissão para se divertir na rua enquanto elas eram obrigadas a ficar em casa, por exemplo), declararam que não consideravam justo (Manfio, Melo e Oliveira, 2020, p. 6). O levantamento desta questão pode ter proporcionado a ativação da componente afetiva da atitude e, neste momento, após a mudança cognitiva e afetiva é possível que ocorram alterações ao nível da componente comportamental (Manfio, Melo e Oliveira, 2020, p. 6).

Também, a Memória faz parte da consciência social de cada pessoa. Segundo a comunicação de Tavares (2019) no Congresso do CIEG (Centro Interdisciplinar de Estudos de Género-Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas), todo o ato de memória é uma construção subjetiva do passado e, por isso, suscetível de deformações. Assim, cada indivíduo, acaba por espelhar no seu discurso de construção da memória os papéis sociais a que foram destinados. Claramente, existe sempre uma origem social da memória mesmo quando esta é individual.

Na construção social da memória, colocam-se questões relativas ao género, ao espaço e ao tempo do “não dito”, aos conflitos entre o discurso coletivo dominante e as interpretações individuais do passado. Tal implica que ao longo da investigação se possa fazer uma reflexão crítica sobre a memória e que, através das fontes

escritas, sejam aprofundados contextos sociais e políticos assim como a precisão de datas dos acontecimentos relatados (Tavares, 2019).

Neste seguimento, o recurso a fontes orais como entrevistas, recolha de conversas entre pessoas e testemunhos, acarretou a emergência de factos novos, não reproduzidos nas fontes escritas, bem como novas áreas de análise interdisciplinar para a História, a Antropologia, a Sociologia, a Psicologia, o Direito, entre outras (Tavares, 2019).

Ainda em relação à memória, Joel Candau, definiu três níveis:

A protomemória, fruto em boa parte, do habitus e da socialização e fonte dos automatismos do agir; a memória propriamente dita, que enfatiza a recordação e o reconhecimento; a metamemória, conceito que define as representações que o indivíduo faz do que viveu (Catroga, 2001, p.15, citado por Maia et al., 2016, p.26).

De acordo com Candau, a protomemória é interiorizada pelos/as discentes enquanto habitantes de um espaço ou elementos de uma comunidade onde os seus passados são “partilhados, esquecidos, explicados ou marginalizados” (Maia et al., 2016, pp. 26-27). Neste sentido, muitas vezes, de um modo irrefletido, a família, a rua, os amigos, a escola, os seus mais próximos interlocutores, como os avós, “transmitem-lhes uma ideia do passado que se transforma, por via da “autoridade” dos seus “parceiros sociais”, em imagem ou visão desse passado” (Maia et al., 2016, p. 27). Esta forma de encarar o passado, facilmente se torna um “habitus”, que se transporta, posteriormente, para o ambiente educativo, onde são acrescentadas outras mensagens que poderão “consolidar visões anteriores ou gerar confusões que se aproximem do incompreensível ou do contraditório” (Maia et al., 2016, p. 27). Neste momento, a memória enquanto recordação e reconhecimento necessitará de se assumir como um substituto científico do sincretismo da protomemória (Maia et al., 2016, p.27).

Neste seguimento, os docentes deverão possibilitar recursos diversificados, perspetivas heterogéneas, sínteses consensuais, tendo em consideração o contributo dos seus interlocutores, permitindo a consolidação de uma memória assumida e compreendida (Maia et al., 2016, p. 27).

Segundo Paul Ricoeur “recordar é em si mesmo um ato de alteridade”, e que “a relação com o passado não se esgota numa evocação em que o eu convoca a si mesmo como um outro que já foi” (Catroga, 2001, p. 18, citado por Maia et al., 2016, p. 27). Para tal, os discentes terão de lidar de forma objetiva e plural com esse passado e com mecanismos de análise que sustentem as posições a adotar (Maia et al., 2016, p. 27).

Uma obra dirigida por Antoine Marès e Marie-Pierre Rey alerta para a importância de nos deixarmos influenciar pelas emoções e sermos instrumentalizados com elas por políticos ou religiosos que a pretexto das comemorações de grandes acontecimentos e de passados dolorosos, menos assumidos e pouco compreendidos, que nos transportam para “presentes”, que representam sementes de violência, de destruição, de fanatismo que constituirão passados dolorosos para futuros historiadores (Marès, 2014, citado por Maia et al., 2016, p. 28). Neste âmbito, a metamemória de Candu só não acatará perigo caso a espessura do tempo e a explicação científica da História possibilitarem racionalizar e entender o presente herdado do passado (Maia et al., 2016, p. 28). Se tal não suceder, a emoção superará a racionalidade, o instinto prevalecerá sobre o pensamento, o fanatismo substituirá a tolerância e os consensos serão dificultados, impossibilitando as convivências comunitárias (Maia et al., 2016, p. 28).

Ricoeur (2000, citado por Maia et al., 2016, p. 228) defende que, particularmente, duas operações são essenciais relativamente à memória:

Por um lado, o *dever de memória*, que consiste na obrigação de fazer justiça ao passado, por meio da lembrança. Por outro, o *trabalho de memória*, de crítica histórica, de esquecimento e luto ao mesmo tempo, que pode ser uma forma de evitar os excessos do *dever de memória*.

Maia et al., (2016, p. 228) consideram importante a concretização de análises sobre essas operações no ensino de História, uma vez que este é um lugar privilegiado para a “construção, transmissão, recriação e reflexão sobre a memória - individual e coletiva”. Os autores acreditam que é através do estudo de fatos e da vida do passado longínquo e/ou da História do tempo presente, no contexto escolar que grande parte dos indivíduos estabelece contato com as representações e narrativas da memória coletiva. Nesse movimento estarão, também, a construir o seu repertório de lembranças individuais sobre a sociedade onde se encontram, formando, assim, a sua



memória individual em relação às identidades às quais pertencem (Maia et al., 2016, p. 228).

Apesar da importância da memória, a construção de uma consciência nas novas gerações, capaz de promover o desenvolvimento pessoal e social das pessoas, requer uma atitude de alerta constante no sentido de alcançar o bem individual e do bem comum, combatendo a satisfação de interesses egoístas de cariz individual ou de pequenos grupos (Oliveira, 2015, p. 593).

Oliveira (2015, p. 595) viu o seu interesse crescer em relação ao estudo sobre as ideias de jovens portugueses face à História Contemporânea, no final da escolaridade obrigatória, após a análise de dados de vários estudos realizados em 2003 com 18 professores/as estagiários/as de História, provenientes de três universidades portuguesas. Nesses estudos procuraram saber:

As relações que esses jovens estabeleciam entre a História e a sua própria orientação no tempo, a nível pessoal e social, procurando-se explorar como concebiam a História contemporânea portuguesa, quais as dimensões que privilegiavam, qual o sentido da mudança e que usos da História no seu quotidiano lhes eram perceptíveis (Oliveira, 2015, p. 595).

Após a análise das narrativas escritas pelos/as estagiários/as, constatou-se que as dimensões sociais e culturais foram escassas vezes mencionadas e por vezes, omitidas, sendo que os principais marcos políticos apontados foram “o final da Monarquia e a instauração da República, a ditadura de Salazar, a revolução democrática de 25 de Abril de 1974 e a entrada na União Europeia em 1986” (Oliveira, 2015, p. 595). A crescer, todos/as os/as participantes, relativamente às mudanças políticas da revolução de Abril referiram-se positivamente, admirando o restabelecimento de um estado democrático, para além de, frequentemente, fazerem alusão ao atraso económico do país, embora sem a exposição de fatores históricos que o explicassem (Oliveira, 2015, p. 596). Importa, ainda salientar que estes/as futuros/as professores/as quase nunca se projetaram na História como potenciais agentes de mudança, pelo contrário, encararam-na, passivamente, como um legado recebido dos seus antecessores (Oliveira, 2015, p. 596).

Perante os resultados da análise dos dados emergiu a necessidade de explorar as mesmas problemáticas com uma população mais jovem (14-17 anos), em primeiro lugar em Portugal e depois noutros países de expressão portuguesa.

Deste modo, de 2004 a 2011 realizou-se um estudo qualitativo que reuniu discentes de 6 turmas do 10.º ano de escolaridade, com e sem a disciplina de História, sendo-lhes pedido que a partir de duas tarefas individuais escritas, narrassem a História nacional e mundial dos últimos cem anos (Oliveira, 2015, p. 596).

Segundo Oliveira (2015, p. 598), ao nível dos marcadores históricos, os/as jovens atribuíram maior destaque, nas narrativas nacionais, para uma dimensão sociopolítica de média duração e quanto às narrativas globais, os marcadores incidem, principalmente, em dimensões político-militares, de rutura, juntamente, com dimensões de carácter científico-tecnológico, com maior persistência temporal. As narrativas destes/as estudantes expressam: uma metanarrativa fortemente homogénea, de cariz aberto e sem exclusivismos xenófobos; o inimigo apontado diz respeito ao nacionalismo, criticado como força ditatorial interna; a pobreza de conteúdo quanto às narrativas globais deve alertar os/as docentes para a necessidade de uma abordagem mais significativa dos temas contemporâneos mundiais na sala de aula e para o fortalecimento de relações concetuais entre o passado nacional e internacional (Oliveira, 2015, p. 600).

Os/as professores/as desempenham um papel fundamental face à formação de consciências que podem ser desenvolvidas através de debates e discussões, deparando os/as discentes com as realidades que os circundam, gerando intensos momentos de introspeção.

### 2.3. O que se entende por Consciência Política

Sandoval (2001, citado por Dau, Palassi e Silva, 2019) afirma que a consciência política consiste num conjunto de dimensões psicológicas sociais que inter-relacionam significados e informações, motivando o indivíduo a orientar-se e a tomar decisões que apresentem o melhor curso de ação face a contextos específicos. Assim, a consciência política é entendida como uma conjugação de aspetos identitários, articulados com as crenças e relações dos indivíduos e com a sociedade na qual se inserem (Dau, Palassi e Silva, 2019).

De acordo com Ansara (2008, citado por Dau, Palassi e Silva, 2019), a consciência política brota do diálogo, da interação entre cultura e cognição, entre a opinião individual sobre o mundo social e opiniões sobre sistemas de ideologias (instituições, símbolos, locais e códigos culturais). A mesma encontra-se, ainda, em constante mudança e varia consoante as experiências vividas, moldando-se e construindo-se a partir de significados que os indivíduos conferem à realidade social (Costa, 2007; Lugon e Palassi, 2012, citados por Dau, Palassi e Silva, 2019).

Neste contexto, Sandoval (2001, citado por Dau, Palassi e Silva, 2019) sugere um modelo analítico de consciência política, composto por sete dimensões: identidade coletiva, crenças, valores e expectativas sociais, interesses antagónicos e adversários, eficácia política, sentimentos de justiça e injustiça, vontade de agir coletivamente, metas e ações do movimento social.

Em relação à identidade coletiva, esta caracteriza-se pelo sentimento de pertença de uma pessoa com um ou mais grupos sociais, sendo que, de acordo com Palassi (2011, citado por Dau, Palassi e Silva, 2019), esta identidade é o ponto de partida para o entendimento da consciência política. Isto sucede porque esta dimensão representa, tal como já foi referido, um leque de sentimentos de pertença e de identificação dos indivíduos, face ao contexto em que vivem, implementando uma identificação psicológica de interesses e sentimentos de reciprocidade e pertença para um ator coletivo (Dau, Palassi e Silva, 2019).

No que diz respeito às crenças, aos valores e às expectativas sociais que o sujeito desenvolve no dia-a-dia, estas configuram o campo das suas perceções do mundo vivenciado, padecendo, na perspetiva de Ansara (2008, citado por Dau, Palassi e Silva, 2019) de um processo de cristalização, proveniente da espontaneidade da vida quotidiana ou de elementos manipuladores, alienadores ou, ainda, do comodismo.

Face à identificação de interesses antagónicos e adversários esta provem do sentimento do sujeito, relativamente ao modo como os seus interesses materiais e simbólicos divergem dos interesses de outros grupos e em que medida os interesses antagónicos geram a ideia da existência de adversários coletivos na sociedade (Sandoval, 2001, citado por Dau, Palassi e Silva, 2019).

A eficácia política procura entender o sentimento do sujeito acerca da sua capacidade de interferir numa situação política. Quanto a esta dimensão, Sandoval (2002, citado por Dau, Palassi e Silva, 2019), invoca a teoria da atribuição de Hewstone, a qual interpreta o nexos de causalidade, com base em três aspetos: a impotência perante fenómenos naturais e transcendentes; a procura de soluções individuais para problemas de índole social; e soluções conjuntas face a aflições que englobem o grupo ao qual o sujeito pertence. O mesmo autor acrescenta que é através desta dimensão que se percebe se os indivíduos são capazes de mudar as suas próprias vidas.

No que concerne aos sentimentos de justiça e injustiça, os mesmos traduzem a capacidade de o sujeito compreender o grau de reciprocidade social existente (Sandoval, 2001, citado por Dau, Palassi e Silva, 2019). O autor recorre ao conceito de justiça social de Moore que “refere o sentimento de concordância entre obrigações e recompensas” e quando o sujeito deteta a ausência de equilíbrio entre elas, entende-as como injustiças.

Relativamente à vontade de agir coletivamente, esta sustenta-se na predisposição de um sujeito para efetuar um conjunto de ações coletivas, no sentido de reparar injustiças perpetradas contra si, mas também, procurando alcançar os seus objetivos (Sandoval, 2001, citado por Dau, Palassi e Silva, 2019). Em relação a esta dimensão o autor recorreu aos estudos de Klandermans, o qual aponta três aspetos perturbadores da participação coletiva:

O primeiro refere-se aos custos e benefícios envolvendo laços interpessoais e de lealdade resultantes da participação ou não em determinado movimento; o segundo remete aos ganhos e perdas de benefícios materiais relativos à participação em um movimento e o terceiro faz alusão aos riscos físicos de se [envolver] em ações coletivas (Sandoval, 2001, citado por Dau, Palassi e Silva, 2019).

Por último, as metas e as ações do movimento social fazem referência ao nível com que os/as participantes compreendem a correspondência entre os objetivos do movimento, os seus planos de atuação, os sentimentos de injustiça e de eficácia política com aquilo que é, realmente, efetuado nas ações coletivas (Dau, Palassi e Silva, 2019). Esta dimensão congrega outros aspetos da consciência política, assim como a dimensão *Vontade de agir coletivamente* e influencia a predisposição psicológica social do sujeito para atuar coletivamente, a partir de um exame minucioso das suas perceções (Sandoval, 2001; Palassi, 2011, citados por Dau, Palassi e Silva, 2019).

Numa recente atualização deste modelo, Sandoval e Silva (2016, p. 46, citados por Dau, Palassi e Silva, 2019), pressupõem que as emoções têm um “[...] papel funcional e chave na formação da consciência política” e no processo de comprometimento com um movimento social, interferindo com o desenvolvimento da consciencialização e da socialização dos indivíduos (Dau, Palassi e Silva, 2019). Para estes autores, as emoções nascem das experiências vividas pelas pessoas e por isso estão presentes nas suas memórias.

De acordo com Lucini (2018, p. 67), o ensino de História não é um campo onde seja possível manter a neutralidade, pois tal como afirma Laville:

No presente durante os últimos vinte anos, notaram-se, em quase toda a parte do mundo, várias tentativas de controle da memória, particularmente a que se constrói no meio escolar, mesmo que os programas declarem ter outros objetivos. Nessas tentativas, trata-se de colocar o conteúdo histórico do ensino de história a serviço de uma nova ordem, ou simplesmente preservar a ordem vigente. Em todo o caso, o que está em jogo é a imposição de uma dada narrativa histórica e, através dela, a inserção nas consciências de uma determinada memória (Laville, 2005, p. 28, citado por Lucini, 2018, p. 67).

Depreendemos das palavras deste autor que para uma compreensão crítica da História, importa considerar a diversidade de narrativas que fazem parte da memória humana, de modo a que o acesso dos/as estudantes à multiplicidade de narrativas históricas possibilite o posicionamento político, tendo em conta o conhecimento que possuem (Lucini, 2018, p. 67 e 68).

A memória aproxima-se da História e esta apropria-se da memória para construir sentidos face ao passado (Maia et al., 2016, p. 228). Estes autores afirmam que nos processos de redemocratização, a memória representa uma meta: “evitar o esquecimento e a repetição do arbítrio”. Acrescentam, ainda, que o ensino da História, tal como indica Luís Alberto Marques Alves, tem a capacidade de expandir as experiências vividas, “podendo contribuir para ultrapassar o campo subjetivo e instável das memórias; atribuir sentidos ao passado; e compreender a dimensão conflitiva das relações de poder que estruturam a sociedade” (Maia et al., 2016, p. 283).

Face a esta problemática, Marx, na sua obra salienta a dimensão da formação de consciência, enquanto classe, bem como, das contradições provenientes das relações de propriedade da sociedade capitalista (Marx e Engels, 2010, p. 63, citados por Fávero, 2021, p. 46). Deste modo, o antagonismo das relações contraditórias do modo de produção capitalista faz emergir, obrigatoriamente, conflitos e entre os grupos sociais, tornando-os conscientes dos seus interesses face aos interesses dos grupos opostos no processo de luta de classes (Fávero, 2021, p. 46).

Assim, de acordo com Engels (1888, p. 201, citado por Fávero, 2021, p. 47), a formação da consciência política não pode ser isolada da luta de classes, pois:

[...] Na verdade, na medida em que é mais universal, na luta de classes me parece ser o conceito prioritário. Talvez diga isso porque a luta de classes é evidentemente um conceito histórico, pois implica um processo [...] as pessoas se vêem numa sociedade estruturada de um certo modo (por meio de relações de produção fundamentalmente), suportam a exploração (ou buscam manter poder sobre os explorados), identificam os nós dos interesses antagónicos, debatem-se em torno desses mesmos nós e, no curso de processo de luta, descobrem a si mesmas como uma classe, vindo, pois, a fazer a descoberta de sua consciência de classe. Classe e consciência de classe são sempre o último e não o primeiro degrau de um processo histórico real (Thompson, 2012c, p. 274, citado por Fávero, 2021, p. 47).

Portanto, será com base nesta dimensão que poderemos localizar a formação da consciência política dos/as jovens, como uma consciência de classe sustentada em interesses e necessidade (Fávero, 2021, p. 47).

Neste seguimento, Fávero (2021, p. 47), afirma que, tal como a ação política e toda a ação humana, o processo de formação de consciência dos conflitos sociais, também adquire uma dimensão educativa. Ao identificar e refletir sobre interesses antagónicos, dá-se lugar a uma compreensão de si, enquanto grupo, ao relacionar-se com outros grupos, ou tal como diria Gramsci, a uma autoconsciência crítica, capaz de emergir, apenas, no processo de luta de classes:

[...] A compreensão crítica de si mesmo é obtida, portanto, através de uma luta de “hegemonias” políticas, de direções contrastantes, primeiro no campo da ética, depois no da política, atingindo, finalmente, uma elaboração superior da própria concepção do real. A consciência de fazer parte de uma determinada força hegemónica (isto é, a consciência política) é a primeira fase de uma ulterior e progressista autoconsciência, na qual teoria e prática finalmente se unificam. Portanto, também a unidade de teoria e prática não é um dado de fato mecânico, mas um dever histórico, que tem a sua fase elementar e primitiva no sentimento de “distinção”, de “separação”, de independência quase instintiva, e progride até a aquisição real e completa de uma concepção do mundo coerente e unitária (Gramsci, 2006<sup>a</sup>, p. 103 e 104, citado por Fávero, 2021, p. 47).

Em suma, segundo esta perspetiva, a formação da consciência nos/as estudantes consiste na apreensão das relações sociais conflituosas para, de seguida, os/as levar a agir.

### **3. Metodologia**

A investigação em educação pode contemplar diversos sistemas de recolha de dados, tais como o inquérito por questionário, o inquérito por entrevista, a observação, entre outros, que devem ser utilizados em situações específicas, consoante as potencialidades de cada um para a expressão dos resultados sobre a problemática em causa. Neste âmbito, Coutinho (2014, citado por Ramos, 2016, p. 26), considera que a investigação diz respeito a uma atividade cognitiva que consiste num “processo sistemático, flexível e objetivo de indagação e que contribui para explicar e compreender os fenómenos sociais”.

#### **3.1. Tipo de investigação**

A metodologia com a qual se pretendeu desenvolver conceitos e reflexões, ao longo das aulas lecionadas, é uma metodologia construtivista, com base na qual se deverá considerar, segundo Jófili (2002): o conhecimento prévio dos estudantes, pois o mesmo é importante e extremamente relevante para o processo de ensino-aprendizagem; o papel do/a professor/a, que consiste em auxiliar alunos/as a construir o seu próprio conhecimento; as estratégias de ensino que devem ser estruturadas com vista a apoiar os alunos/as a adotar novas conceções ou integrá-las com os seus conceitos prévios; todo o trabalho prático, programado com o intuito de ajudar a construção do conhecimento através da experiência do mundo real e da interação social, capacitando a ação, entre outros.

A metodologia utilizada neste estudo é sobretudo qualitativa e teve em atenção os instrumentos utilizados (dupla aplicação de inquérito por questionário; textos elaborados pelos alunos).

Por metodologia qualitativa, “entende-se o tipo de pesquisa que produz resultados/conclusões para compreender em profundidade as características essenciais de algo” (Strauss e Corbin, 1990, Kvale, 1996, citados por Gago, 2018, p. 143). No caso do presente estudo, a abordagem qualitativa é realizada no sentido de clarificar e ilustrar resultados quantitativos e desenvolver conhecimento. As metodologias qualitativas “são as mais adequadas para analisar aprofundadamente os significados, discursos e construções dos sujeitos, sobretudo quando se pretende estudar



problemáticas menos exploradas de um determinado fenómeno”. (Esteves, 1998, citado por Rodrigues, 2016, p.117).

Tendo em consideração que os métodos de pesquisa só existem em função de um objeto de análise (Emerson Urizzi Cervi, 2009, p.63) e que embora estejamos “cientes das limitações dos métodos quantitativos, não se deve deixar de os usar, já que o seu uso permite apontar tendências úteis para a explicação dos fenómenos” (Ramos, Marília, 2013, p. 60). Face a esta perspetiva, pensou-se recorrer à metodologia quantitativa para analisar e quantificar as respostas que revelavam mudanças ao nível da consciência social e política, como se pode ver na Figura 2.

Com vista ao tratamento de dados qualitativos entendemos recorrer à análise temática reflexiva, traçada por Braun e Clarke, a qual se sustenta numa abordagem interpretativa, facilmente acessível e teoricamente flexível, auxiliando a identificação e análise de padrões ou temas de um dado conjunto de dados (Braun e Clarke, 2012, citadas por Byrne, 2021).

### **3.2. Amostra e justificação da sua escolha**

Nesta investigação tem especial relevância o grupo de alunos/as que participaram no estudo: 19 alunos/as (9 alunas e 10 alunos) de uma turma do 6.º ano do 2.º Ciclo do Ensino Básico de uma escola do concelho de Viseu. Estes/as 19 discentes responderam ao inquérito por questionário, tanto na 1ª como na 2ª aplicação do mesmo, no entanto, apenas 13 elaboraram textos reflexivos com base na questão: “O que podemos hoje ser, dizer e fazer que não podíamos durante a ditadura?”.

A amostra deste estudo é uma amostra de oportunidade, que se ficou a dever ao facto de estes/as alunos/as pertencerem à turma de estágio à qual lecionámos durante as Práticas de Ensino Supervisionadas I e II no 2.º Ciclo do Ensino Básico. Dado que, apenas os/as discentes do 6.º ano deste nível de ensino têm prevista a abordagem à ditadura do Estado Novo no seu plano de estudos de História e Geografia de Portugal e tendo em conta que poderíamos ser as responsáveis pela abordagem a este conteúdo, dando visibilidade, também, para o perigo dos regimes fascistas, imediatamente, optámos por incidir o nosso estudo nestes/as estudantes.

### 3.3. Técnicas e instrumentos de recolha de dados

Nesta investigação foi utilizado um inquérito por questionário com dupla aplicação: uma antes da lecionação dos conteúdos relacionados com “Os anos de ditadura” (Aprendizagens Essenciais de H.G.P., 2018) e outra após a lecionação dos mesmos, assim como textos reflexivos construídos pelos/as discentes.

Relativamente ao inquérito por questionário, Hill (2014, p. 139, citado por Sá, Costa e Moreira, 2021, p. 18) refere que o mesmo pode ser composto por: perguntas abertas permitindo “obter informação qualitativa em vez de quantitativa”, perguntas fechadas (possibilitando a obtenção de informação quantitativa) ou misto, sendo este tipo mais “útil para quando o investigador pretende obter informação qualitativa que sirva, por exemplo, como complemento ou elemento indicador do contexto da informação quantitativa obtida”.

Deste modo, face ao questionário, foram criadas perguntas abertas e fechadas, que pudessem relacionar conhecimentos prévios e construídos sobre os valores de dois tipos de regimes políticos (Ditadura e Democracia). A aplicação do questionário foi precedida de um pré-teste, efetuado a um número restrito de estudantes “com características semelhantes às categorias de pessoas que integram a amostra”, como forma de “testar a sua adequação ao (s) objetivo (s) do estudo através da aplicação, em pequena escala, da versão preliminar” (Sá, Costa e Moreira, 2021, p. 24).

Para a elaboração das perguntas teve-se em consideração a o objetivo de que a consciência histórica, social e política pudessem ser aferidas através das respostas dadas pelos/as discentes. Para tal, as perguntas focaram assuntos-chave da ditadura, tais como: os valores do regime, a educação e o sistema de ensino, a falta de direitos humanos, as desigualdades entre homens e mulheres, as condições de vida, a falta de pluralidade política, a repressão, a censura e a tortura, a guerra colonial e as suas consequências. Para além disto foram abordadas as possibilidades de voltarmos a uma ditadura, mesmo vivendo em democracia.

Segue-se o questionário utilizado na investigação:

O presente inquérito, por questionário, realiza-se no âmbito de um estudo académico, integrado no Mestrado em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico e de Português e História e Geografia de Portugal no 2.º Ciclo do Ensino Básico e pretende avaliar a importância da consciência histórica para a formação da consciência social e

política de alunos do 2.º Ciclo do Ensino Básico, mais especificamente, do 6.º ano de escolaridade.

Todos os dados recolhidos necessitam de identificação, para tratamento de dados, contudo, não serão divulgados no trabalho de investigação científica, assegurando-se, assim, a sua confidencialidade.

Nome:

Data:

Idade:

1. Nos períodos que estudaste, anteriores ao Estado Novo foi possível identificar valores de liberdade, igualdade e fraternidade. Como ficaram conhecidos esses períodos históricos?

1.1. Indica situações do dia-a-dia do período salazarista (Estado Novo), onde não existiam estes valores.

2. Relativamente ao contexto escolar, da época do Estado Novo, as turmas eram mistas (integravam rapazes e raparigas) ou eram constituídas por alunos do mesmo sexo?

2.1. Atualmente existem turmas mistas, compostas por rapazes e por raparigas. Chama-se a este tipo de ensino Coeducação.

Na tua opinião o que levou à separação de rapazes de raparigas, durante o regime salazarista?

3. No regime do Estado Novo, existiam direitos que estavam vedados tanto a homens como a mulheres? Indica dois desses direitos.

3.1. Nesta época as mulheres estavam, ainda, mais limitadas que os homens nos seus direitos. Refere exemplos de direitos que, não estavam ao alcance das mulheres e que, hoje, estão conquistados.

4. Durante o Estado Novo, as pessoas do campo e as pessoas das cidades, viviam da mesma forma que, hoje, nós vivemos?

- 4.1. Na ditadura salazarista as pessoas da cidade e as pessoas do campo vestiam-se de forma diferente? Se consideras que sim, indica as principais diferenças.
  - 4.2. Na ditadura salazarista as pessoas da cidade e as pessoas do campo tinham trabalhos diferentes? Se achas que sim, indica-os.
  - 4.3. Na ditadura salazarista as pessoas da cidade e as pessoas do campo tinham formas diferentes de ocupar os tempos livres? Se entendes que sim, refere algumas dessas diferenças.
5. Na época do Estado Novo havia preocupação com a garantia dos Direitos Humanos?
- 5.1. Que direitos não foram assegurados pelo regime salazarista?
6. Na tua opinião o facto de existirem, atualmente, vários partidos políticos, representa uma vantagem ou uma desvantagem?
- 6.1. Porque é que durante a ditadura do Estado Novo existia apenas um único partido político?
7. “Durante o período de interrogatórios, mais do que a tortura do sono a que me submeteram, durante três dias e três noites, atingiu-me uma outra tortura que me persegue, ainda em pesadelos. Na altura dos interrogatórios, o inspetor Tinoco da P.I.D.E., deu uma ordem para não me deixarem ir à casa de banho. Tinha de fazer as necessidades no chão e seriam limpas com a minha roupa [...]. Nesse período, em consequência do nervosismo, veio-me a menstruação e eu não tinha, sequer, um papel, nem podia lavar-me.”

Depoimento de Conceição Matos à Revista *Mulheres* de novembro de 1983.

Durante o Estado Novo, este era um exemplo de tortura aplicado às pessoas que se opunham ao regime de Salazar.

- 7.1. Qual a tua opinião sobre a forma como as pessoas eram castigadas quando estavam presas?

8. Consideras que a Guerra Colonial, levada a cabo pelo Estado Novo foi positiva para Portugal? Justifica a tua resposta.

8.1. Ao longo de anos faleceram milhares de pessoas na Guerra Colonial. Entre estas pessoas que perderam a vida encontravam-se muitas que lutavam pelo direito à independência.

Achas justo que um país tenha o direito a invadir outro? Explica a tua resposta.

9. Na tua perspetiva, a ditadura do Estado Novo representou uma época vantajosa para Portugal? Justifica a tua resposta.

9.1. O Estado Novo era uma ditadura e por isso, um regime totalitário (domínio absoluto de uma só pessoa ou de um só partido).

Achas que a democracia na qual vivemos, hoje, poderá estar em causa? Explica o teu raciocínio.

### **3.4. Procedimento**

1ª Fase: Recolha e análise de Bibliografia;

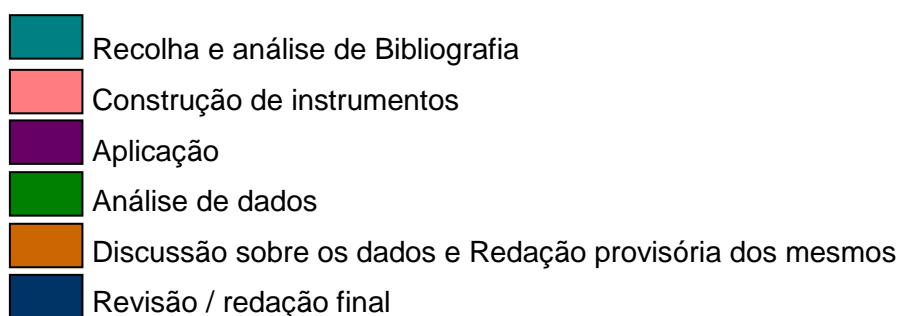
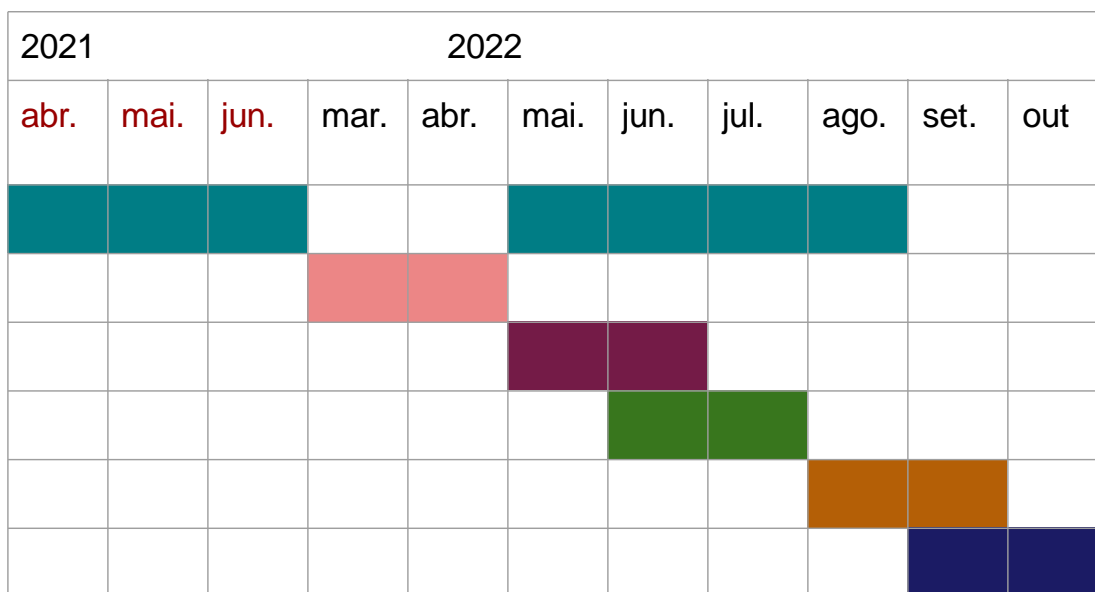
2ª Fase: Construção de instrumentos;

3ª Fase: Aplicação (Explicação à turma do trabalho que será realizado ao longo do ano letivo; Primeira aplicação do questionário; Segunda aplicação do questionário; Realização de textos reflexivos pelos/as alunos/as);

4ª Fase: Análise dos dados (Da primeira e da segunda aplicação do questionário e dos textos reflexivos realizados pelos/as alunos/as);

5ª Fase: Discussão sobre os dados e Redação provisória dos mesmos;

6ª Fase: Revisão / redação final.



Nota: Ao longo do ano letivo foram desenvolvidas, junto da turma, durante o período de lecionação, com a qual decorreu a Prática de Ensino Supervisionada, atividades (por exemplo: discussões e debates) que serviram para potenciar a consciência social e política dos/as alunos/as.

### 3.5. Técnicas de tratamento e análise dos dados

Para este estudo foi elaborado um questionário, o qual passou por uma fase de pré-teste ao ser aplicado a 6 alunos/as de uma turma do 6.º ano diferente daquela em que foi efetuado o estudo. A aplicação do questionário à turma em estudo contemplou 10 alunos e 9 alunas de uma turma do 6.º ano de escolaridade.

Assim, este questionário apresenta um total de 20 perguntas, abertas, na sua maioria, relacionadas com o período da ditadura do Estado Novo em Portugal, às quais responderam os/as 19 alunos/as, sendo as mesmas, posteriormente, alvo de uma análise comparativa entre a primeira e a segunda aplicação do questionário. As duas únicas perguntas fechadas não foram alvo de análise por não ser possível depreender com as respostas, mudanças ao nível da consciência social e política.

Relativamente às perguntas abertas, realizou-se a Análise Temática das respostas recebidas, tendo-se sucedido o mesmo tipo de análise quanto aos textos elaborados pelos/as alunos/as com base na questão: “O que posso hoje ser, dizer e fazer que não podia durante a ditadura?”.

Esta análise baseou-se nos conceitos mais significativos evidenciados pelos/as discentes, como por exemplo: liberdade, direitos das mulheres/direitos humanos, moral conservadora, vivências quotidianas, situação social do país. Utilizou-se uma codificação aberta em que a análise e categorização são efetuadas através do exame minucioso dos dados (Strauss e Corbin, 1990, citados por Gago, 2018, p. 149).

A abordagem reflexiva da Análise Temática realça o papel ativo do investigador na produção do conhecimento (Braun e Clarke, 2019, citadas por Byrne, 2021). Com base nesta análise são utilizados códigos para representar as interpretações do investigador de padrões de significado ao longo dos dados e por isso, esta análise é vista como um reflexo da análise interpretativa dos dados concretizada pelo pesquisador na interseção: “1) do conjunto de dados; (2) os pressupostos teóricos da análise, e; (3) as habilidades/recursos analíticos do pesquisador” (Braun e Clarke, 2019, citadas por Byrne, 2021).

Os autores desta análise, Braun e Clarke (2012, 2013 2014, 2020, citados por Byrne, 2021) salientaram um processo composto por seis fases, com vista a facilitar a análise e ajudar o investigador a identificar e compreender os aspetos mais relevantes de uma análise temática. A primeira fase designa-se “familiarização com os dados” e envolve “a leitura e releitura de todo o conjunto de dados para familiarizar-se intimamente com os dados”; esta fase é necessária para a identificação de informações apropriadas que possam ser importantes para a(s) questão (ões) da investigação; A segunda fase denomina-se “geração de códigos iniciais”, a qual contempla códigos que são os blocos de construção essenciais daquilo a que mais tarde chamaremos de temas.

(O processo de codificação é realizado para produzir rótulos sucintos, descritivos ou interpretativos abreviados para informações que possam ser relevantes para a(s) questão(ões) de pesquisa. Os códigos devem ser breves, mas oferecer detalhes suficientes para serem independentes e informar sobre a semelhança subjacente entre os itens de dados constituintes em relação ao assunto da pesquisa) (Braun e Clarke, 2012; Braun et al. 2016, citados por Byrne, 2021).

A terceira fase entende-se por “geração de temas” e inicia-se no momento em que todos os itens de dados importantes foram codificados (Byrne, 2021). Nesta fase a atenção incide sobre a interpretação do significado agregado e do significado em todo o conjunto de dados, sendo que “os dados codificados são revistos e analisados e podem ser combinados de acordo com significados compartilhados para que possam formar temas ou subtemas” (Byrne, 2021). Relativamente à quarta fase, esta pertence à “revisão de temas potenciais” e exige que o investigador execute “uma revisão recursiva dos temas candidatos em relação aos itens de dados codificados e todo o conjunto de dados” (Braun e Clarke, 2012, 2020, citados por Byrne, 2021). No que respeita à quinta fase, denominada “definição e nomeação do tema”, o investigador necessita de apresentar uma análise pormenorizada do quadro temático, sendo que cada tema e subtema individual deve ser descrito em relação ao conjunto de dados e à(s) questão(ões) da investigação (Byrne, 2021). Por fim, a sexta fase apresenta-se como sendo a fase da “produção do relatório”, embora esta fase 'final' raramente ocorrerá apenas no final da análise (Byrne, 2021).

Em oposição às práticas típicas da investigação quantitativa, a redação da investigação qualitativa entrecruza-se, fortemente, em todo o processo de análise (Braun e Clarke, 2012, Byrne, 2021). Uma estratégia a ter em consideração neste ponto seria o estabelecimento da ordem na qual os temas são relatados (Byrne, 2021).



## 4. Análise dos dados

Na análise realizada teve-se em consideração respostas que registaram mudanças ao nível do desenvolvimento da consciência social e política na segunda aplicação do questionário em detrimento da primeira aplicação, através de uma maior correção, reflexão, descrição, explicitação.

Das 380 respostas (20 respostas multiplicadas por 19 alunos/as) considerou-se que apenas 342 respostas a perguntas abertas são suscetíveis de análise de mudanças ao nível da consciência social e política, dado que as restantes 38 respostas dizem respeito a perguntas fechadas e exigem respostas que revelam, apenas, construção de conhecimento. Portanto, de cada questionário preenchido pelos/as discentes foram ocultadas as duas e únicas respostas às duas perguntas fechadas (2. e 2.1.), as quais pretendiam dar conta do conhecimento histórico dos/ alunos/as, mas que iriam enviesar o estudo, caso fossem contabilizadas.

### 4.1. Questionários preenchidos pelos/as discentes

Tal como defendem Braun e Clarke (2012, 2013 2014, 2020, citados por Byrne, 2021), na primeira fase da análise temática, a familiarização com os dados realizou-se através da leitura e do registo de todas as respostas dadas da primeira e da segunda aplicação do questionário. A partir daí foi construído um quadro com as diferenças encontradas, da 1ª para a 2ª aplicação do questionário, entre uma e outra mesma resposta (Anexo 63).

Ainda, numa segunda fase, tal como apontam os autores anteriores “o processo de codificação é realizado para produzir rótulos sucintos, descritivos ou interpretativos abreviados para informações que possam ser relevantes para a(s) questão(ões) de pesquisa”.

Deste modo, introduziram-se códigos (código 1 – Valores; código 2 – Direitos; código 3 – Vivências). Estes vieram a gerar, numa terceira fase, os temas.

Para a revisão, definição e nomeação dos temas, como indicam a quarta e a quinta fase da Análise Temática Reflexiva, procedeu-se uma análise pormenorizada do quadro temático, sendo que cada tema individual foi descrito em relação ao conjunto de dados e à(s) questão(ões) da investigação (Byrne, 2021).

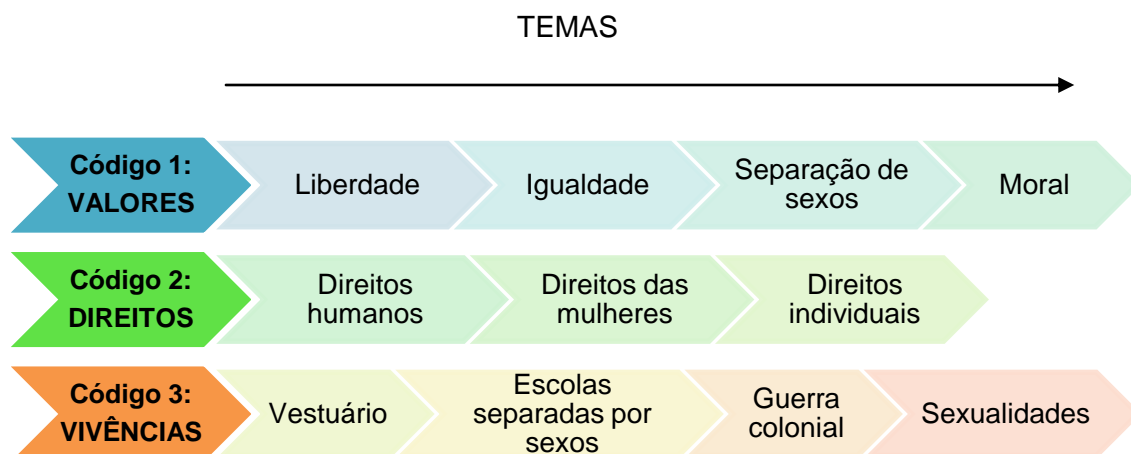


Figura 1 – Códigos e respetivos temas da Análise Temática Reflexiva obtida a partir dos questionários aplicados aos/às alunos/as.

Código 1 – **Valores**, que gerou os seguintes temas: Liberdade; Igualdade; Separação de Sexos; Moral.

Temas	Diferenças entre a 1ª e 2ª aplicação do inquérito	Frases de alunos/as
<b>Liberdade</b>	Consolida-se a ideia da importância da liberdade de pensamento e de opinião para fazer escolhas.	“ [As pessoas] não podiam ler os livros que quisessem e não podiam beijar na rua.” (Aluna/o K).
<b>Igualdade</b>	Consciência das limitações que as mulheres tinham nos contextos privados e públicos	“Nessa época as mulheres não podiam sair de casa sem a autorização dos homens, não podiam vestir o que queriam e não podiam ter certas profissões.” (Aluno/a D).
<b>Separação de Sexos</b>	Escolas para rapazes e escolas para raparigas, com programas diferentes.	“O que motivou a separação foi o ensino, que era diferente para cada sexo.” (Aluno/a K).
<b>Moral</b>	Referências críticas à “moral e aos bons costumes” defendidos pela ditadura.	“ [As pessoas] não tinham o direito a namorar na rua (...).” (Aluna/o B).

Código 2 – **Direitos**, com os seguintes temas: Direitos Humanos; Direitos das Mulheres; Direitos Individuais.

Temas	Diferenças entre a 1ª e 2ª aplicação do inquérito	Frases de alunos/as
<b>Direitos Humanos</b>	Consolida-se a ideia de que a tortura era contra os Direitos Humanos.	“A tortura é contra os direitos humanos.” (Aluna/o G).
<b>Direitos das Mulheres</b>	Grandes restrições aos direitos das mulheres no que se refere à sua autonomia, profissões, “missão” de cuidadoras da casa e da família	“As mulheres não podiam trabalhar naquilo que queriam.” (Aluno/a C).
<b>Direitos Individuais</b>	Maior consciência sobre direitos Individuais e Igualdade de Género.	“ [As mulheres] não podiam ir para o exército e vestir o que entendiam.” (Aluna/o L)

Código 3 – **Vivências**, que gerou os seguintes temas: Vestuário; Escolas separadas por sexo; Guerra Colonial, Sexualidades.

Temas	Diferenças entre a 1ª e 2ª aplicação do inquérito	Frases de alunos/as
<b>Vestuário</b>	Grandes diferenças entre o vestuário de homens e mulheres, comparativamente com a atualidade.	“As mulheres só podiam usar saia e os homens só calças.” (Aluna/o D).
<b>Escolas separadas por Sexo</b>	Os diferentes papéis de homens e mulheres na sociedade determinavam que o ensino fosse diferente para rapazes e raparigas.	“ [A separação por sexos] devia-se à desigualdade de género.” (Aluno/a O)
<b>Guerra Colonial</b>	Consciência dos problemas provenientes da falta de independência e do direito dos povos a ter a sua autonomia.	“Os povos tinham o direito à sua soberania.” (Aluno/a C)
<b>Sexualidades</b>	Consciência de que os afetos e as relações entre rapazes e raparigas eram um atentado à moral do regime.	“ [O afastamento de rapazes de raparigas estava relacionado com a necessidade de manter] a moral e os bons costumes.” (Aluno/a Q)

Da revisão dos temas selecionados eles revelaram que se ajustam à realidade estudada e permitem retirar algumas ilações.

Os/as discentes que participaram nesta investigação, embora com níveis diferentes de mudança de consciência social e política, revelaram: maior conhecimento de conteúdos associados à consciência social e política, como o caso da tortura e no que se refere à situação das mulheres “Na minha opinião esses procedimentos [tortura] deviam ser proibidos.” (Aluno/a Q); maior sensibilidade para as liberdades individuais e culturais “As pessoas não podiam beber Coca-Cola.” (Aluno/a E); referência crítica à moral e aos “bons costumes”. “ [Homens e mulheres] não se podiam beijar na rua” (Aluno/a K); maior consciência política: o problema da guerra colonial “O país gastou dinheiro em armamento e o povo estava a passar fome.” (Aluno/a E); conhecimento das limitações que as mulheres tinham nos contextos privados e públicos “ [As mulheres] tinham de pedir autorização ao homem para abrir uma empresa.” (Aluno/a E); principal missão das mulheres no Estado Novo: cuidadoras da casa, do marido e dos filhos “ [As mulheres tinham dificuldades em] trabalhar fora de casa” (Aluno/a E); limitações que eram impostas às mulheres para o exercício de algumas profissões e de que as oportunidades de emprego para homens e mulheres eram diferentes “ [As mulheres] não podiam ir para a guerra e não podiam ser policia.” (Aluno/a Q); maior consciência sobre os Direitos Individuais e a Igualdade de Género “As mulheres não podiam votar nem ir a cafés” (Aluno/a C); consolidaram a ideia de que a tortura é contra os Direitos Humanos “A tortura é contra os direitos das pessoas.” (Aluno/a D); cresceu nos discentes a importância da liberdade de pensamento e de opinião para fazer escolhas “ [A ditadura não foi vantajosa para Portugal] porque éramos um país censurado” (Aluno/a S); maior sistematização da ideia de que para a ditadura se manter a oposição não podia vencer “ [No Estado Novo era permitido um só partido] para a oposição não vencer as eleições.” (Aluno/a Q); maior consciência dos problemas provenientes da falta de independência e das vidas que a guerra comprometeu “Morreu muita gente e outras ficaram incapacitadas.” (Aluno/a N); as ideias surgem mais sistematizadas e são introduzidos conceitos como autonomia e soberania “Devemos lutar pelos nossos direitos e pela nossa autonomia.” (Aluno/a D); surge uma visão mais global dos problemas sociais, económicos e demográficos “ Muitas pessoas morreram e o país ficou com problemas a vários níveis: sociais, económicos e demográficos.” (Aluno/a D); uma visão mais clara de que as pessoas gostam de viver em democracia e por isso iriam odiar viver em ditadura “A maioria das pessoas gostam de viver na

Democracia e iam odiar viver na Ditadura, além disso existem vários partidos e ter de votar agora em apenas um ia ser difícil.” (Aluno/a J); surge também a ideia de que todos os povos deviam ter direito à autonomia e não ter que lutar por ela “Acho injusto terem que lutar para terem independência, pois todas as pessoas merecem ter esse direito e não terem que lutar por ele.” (Aluno/a J).

As respostas elaboradas, por aluno/a, às perguntas abertas ajudaram a traçar um mapeamento das mudanças (Anexo 64) que cada aluno/a registou após a lecionação da unidade sobre o “Estado Novo”.

Seguem-se alguns exemplos de respostas dadas por alunos/as a algumas perguntas e que traduzem mudanças:

Aluno/a F:

Pergunta 2.2. “Na tua opinião, o que pode motivar a separação de rapazes de raparigas em contexto escolar?”

Antes: “Porque os rapazes não eram delicados e as meninas eram mais cuidadosas.”

Depois: “Porque era um ensino diferente.”

Aluno/a G:

Pergunta 7.1. “Na tua opinião, o que pode motivar a separação de rapazes de raparigas em contexto escolar?”

Antes: “Acho que é mau porque as pessoas não tinham os seus direitos.”

Depois: “[A] tortura é contra os direitos humanos.”

Aluno/a D:

Pergunta 8. “Consideras que a Guerra Colonial levada a cabo pelo Estado Novo foi positiva para Portugal? Justifica a tua resposta.”

Antes: “Não, porque a violência não ajuda em nada.”

Depois: “Não porque muitas pessoas morreram e o país ficou com problemas a vários níveis: sócias, económicos e demográficos.”

Aluno/a D:

Pergunta 8.1. “Achas justo que um povo tenha o direito a lutar pela sua autodeterminação (independência)? Explica a tua resposta.”

Antes: “Sim, porque as pessoas têm direitos.”

Depois: “Sim, porque nós devemos lutar pelos nossos direitos e pela nossa autonomia.”

Aluno/a L:

Pergunta 9. “Na tua perspetiva, a ditadura do Estado Novo representou uma época vantajosa para Portugal? Justifica a tua resposta.”

Antes: “Não porque o povo não estava em boas condições.”

Depois: “Não porque não havia liberdade e havia censura.”

A Figura 2 permite elucidar, em termos quantitativos, as mudanças nas respostas dadas pelos/as alunos/as da 1ª para a 2ª aplicação do questionário.

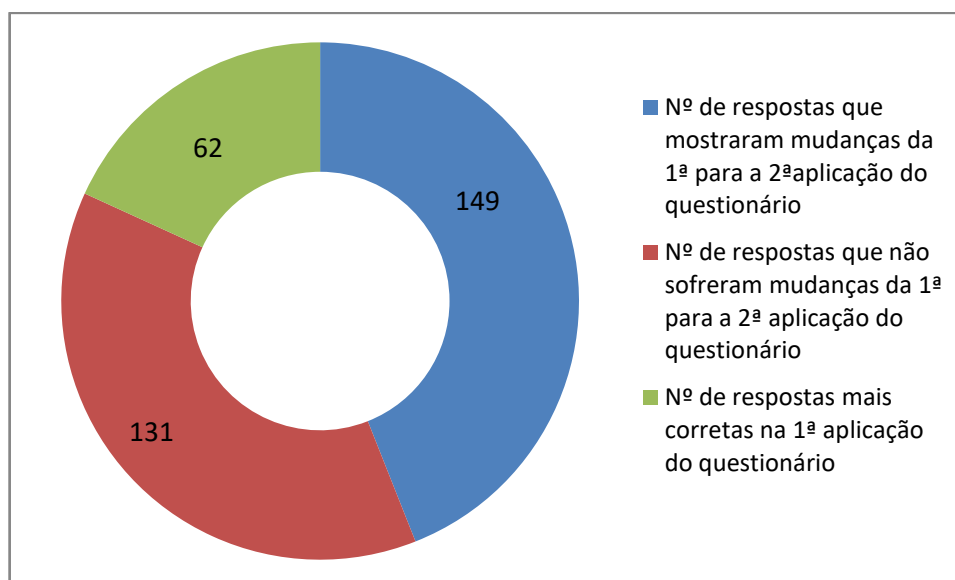


Figura 2 – Mudanças registadas ao nível da consciência social e política, com base nas respostas dos/as discentes dadas na 1ª e 2ª aplicação do questionário.

#### 4.2. Análise individual dos textos elaborados pelos/as alunos/as

Em anexo (Anexo 65) encontram-se textos elaborados no final do ano letivo por 13 alunos/as dado que na aula em que os mesmos foram realizados faltaram 6 discentes. A aula em que os alunos/as realizaram os textos foi a última do ano letivo e por isso os restantes 6 alunos/as não puderam, posteriormente, produzir os textos. A questão colocada para reflexão individual foi a seguinte:

“O que podemos hoje ser, dizer e fazer que não podíamos durante a ditadura?”

Constatou-se que os textos elaborados pelos/as discentes solidificam a consciência social e política, adquirida após a abordagem dos conteúdos históricos da unidade relativa ao Estado Novo, espelhada na segunda aplicação do questionário. Seguem-se os resumos desses textos.

Nome	Conteúdos
F	<p>“As mulheres podem hoje votar, mas antes não podiam. Também não podiam receber um salário maior do que os homens. As mulheres não podiam ser militares. Os homens trabalhavam em empregos e as mulheres eram donas de casa. As mulheres não podiam sair fora do país sem autorização do marido e se não tivessem marido sem autorização do pai ou do irmão mais velho. No tempo da ditadura os rapazes não podiam usar saias e as raparigas tinham de usar vestidos e saias até passar o joelho. Hoje em dia podemos usar o que quisermos. Só se podia votar num único partido.”</p>
K	<p>“Hoje em democracia podemos votar livremente, enquanto na ditadura só os homens com mais estudos podiam votar e as mulheres não podiam votar. Na ditadura só existia um partido político. As mulheres não podiam cuidar da sua própria vida. Elas tinham de ter um homem para “cuidar” delas. Elas tinham um salário inferior ao homem e quando uma mulher não trabalhava tinha de ficar em casa a limpar e a cuidar. As mulheres naquela época também não podiam sair do país sem autorização do homem. Hoje em dia elas têm liberdade e podem fazer o que quiserem. No tempo da ditadura os homens não podiam usar saias na rua e as mulheres não podiam usar calças, ou usar uma saia ou vestido acima dos joelhos. Agora na democracia podem vestir o que quiserem. Na ditadura as escolas não eram mistas.”</p>
T	<p>“Durante a ditadura eu não poderia ser um dirigente de um partido diferente porque me matavam. Hoje em dia posso. Naquela época não podia dizer que não gostava do governo porque era preso pela PIDE. As mulheres não podiam ser várias coisas que os homens podiam. Não podíamos escrever livros, fazer filmes e canções que fossem contra o governo. As mulheres não podiam sair do país sem autorização dos homens e também não podiam votar. Estas medidas do governo eram muito injustas. As pessoas eram infelizes, o país era pobre, graças a estas medidas que o governo tomava. Por isso eram atitudes erradas e prejudicavam imenso a saúde mental e física das pessoas.” (Este aluno/a apenas escreveu o texto, não respondeu ao questionário)</p>
N	<p>“Neste momento posso ser o que quiser, desde que tenha idade. Posso ser enfermeira, advogada e até arquiteta. Na ditadura as mulheres apenas podiam trabalhar nas tarefas domésticas em casa ou em trabalhos específicos. Nessa altura, não se podia reunir para criticar ou opinar sobre política ou qualquer outra coisa. As mulheres eram muito fechadas em termos de liberdade, sendo não podiam votar ou sair do país sem uma autorização do marido, irmão mais velho ou pai. Realmente acho que podia ser muito diferente se as coisas fossem de outra forma e ainda hoje pode ser melhor. Por exemplo, hoje em</p>

	dia ser homossexual é socialmente reprovável, apesar de naquela altura ter sido muito mais.”
R	“Eu não podia ter a profissão que eu quisesse e hoje em dia já posso. Não podia dizer a minha opinião sobre os políticos e hoje todas as pessoas têm liberdade para dizer a sua opinião. Não podiam ter relações na escola, o que complicava era que as turmas eram de um único sexo. Não podiam escrever livros e não podiam ser homossexuais. Enfim, não se podia fazer nada daquilo que quiséssemos. Era uma situação desumana, uma vergonha. Hoje em dia é tudo melhor, já é uma maravilha. Hoje a democracia é maravilhosa. Podemos fazer quase tudo.”
P	“Naquele tempo era diferente por ser uma ditadura e hoje uma democracia. Agora temos mais liberdade. As coisas que eram proibidas antes são agora comuns. Naquele tempo não se podia demonstrar afeto e não se podia ser homossexual porque era considerado uma doença. Não se podia dizer sua própria opinião sobre a política, e por exemplo ter direito ao seu próprio voto, sendo que as eleições se ocorressem eram boicotadas: trocavam os votos para o mesmo presidente entrar. Não tinham qualidade de vida. Para ter um emprego, a maioria trabalhava na agricultura. As mulheres não tinham o mesmo respeito de hoje em dia e não podiam fazer o que bem quisessem, por exemplo para saírem de casa precisavam do marido e se não tivessem, do pai ou do irmão mais velho. As mulheres com família, o pai é que era o “chefe de família” e nunca a mulher, porque era ele que sustentava as mulheres da casa e por isso tinham que fazer tudo de acordo com a sua vontade. Elas só limpavam, arrumavam e cuidavam das crianças nos tempos livres. O homem era como o pai na família da mulher, só mandava na vida dos seus filhos, que também com uns 10, 12 anos começavam a trabalhar, para andarem com o pai devido às dificuldades financeiras, menos as meninas porque elas iam servir.”
D	“Na ditadura havia muitas restrições. Não se podia fazer várias coisas, como por exemplo beber Coca-Cola. Porque a Coca-Cola foi inventada pela América e o Salazar não gostava da América. As mulheres não podiam ter certos empregos nem vestir certas roupas. Todas as escolas ou eram de rapazes ou de raparigas, não eram mistas. Isto tudo porque o Salazar não queria relações! Hoje em dia nós podemos fazer tudo o que eu disse anteriormente. Isto é o que eu acho sobre a ditadura e o que sou hoje.”
O	“Vou dizer cinco coisas que podemos fazer agora e que não podíamos fazer durante a ditadura. A primeira é que não tínhamos liberdade de voto. A segunda é que hoje temos direitos que antes não tínhamos. A terceira é que as mulheres não podiam sair do país sem autorização d homem. E a quarta é que elas, pelo menos algumas não podiam trabalhar e tinham de ficar em casa, mas hoje isso tudo não existe. E elas podem fazer tudo, sem problema. A quinta é das crianças que só podiam ir à escola até aos 10, 11 ou 12 anos, mas hoje não, já vão à escola até aos 22 anos, se conseguirem.”
G	“Antigamente as mulheres não podiam votar e hoje já podem. Os homens recebiam mais, mesmo se fizessem o mesmo trabalho, porque antigamente pensavam que os homens eram superiores às mulheres. As mulheres não podiam viajar sem autorização dos maridos. Para não haver namoros, as escolas estavam divididas por sexos. Antigamente ser homossexual era uma doença. As mulheres não podiam vestir o que quisessem. E hoje já podem. Acho bem que possam vestir o que querem. Os salários para mim deviam ser iguais entre homens e mulheres. Era proibido beber Coca-Cola porque a Coca-Cola veio da América e o Salazar não gostava e era um vício e eu não



	concordo. Eu acho que tudo era injusto e devia ser como hoje.”
I	<p>“Antigamente as mulheres não podiam votar e hoje já podem. Em vez de trabalharem ficavam a cuidar da sua casa. Não podíamos dizer o que queríamos, o que nos viesse à boca, porque não tínhamos liberdade de expressão. Hoje existem vários partidos e na ditadura só existia um único e era sempre ele que ganhava. Nas escolas havia separação por sexos para não haver namoricos. Também não se podia gostar de uma pessoa do mesmo sexo, assim como hoje.</p> <p>Os homens ganhavam mais dinheiro, mesmo que trabalhassem menos do que as mulheres. Na minha opinião eu prefiro a democracia, porque já temos mais liberdade e podemos falar o que quisermos. As mulheres tinham de pedir autorização aos homens para sair do país.</p> <p>Comparando a ditadura com os dias de hoje, existem várias coisas que podemos ser, fazer e dizer que naquela época não podíamos.”</p>
J	<p>“Nós podemos ser bombeiros, cabeleireiros, carpinteiros, etc., no fundo o que quisermos. Na ditadura não. Eras o que o governo quisesse que fosses. Os homens não tinham muitas oportunidades e as mulheres ainda menos. Tinham restrições. Hoje podemos votar, casar com quem quiser, festejar as datas importantes, ouvir música e ver filmes estrangeiros. A ditadura o que podias fazer era respeitar as leis, em especial o governo. Hoje em dia podemos falar com um grupo de pessoas, ou até discutir ideias, dar a nossa opinião. Rapazes e raparigas podem conviver, falar e estarem nas mesmas turmas. Naquela época gostavam muito de separar os sexos e ai de quem se atrevesse a falar ou a publicar nos jornais coisas contra o governo.”</p>
Q	<p>“Hoje em dia nós podemos ser o que quisermos. Se estudarmos bastante podemos ser advogados, polícias e militares. Na ditadura apenas os homens desempenhavam estas funções, as mulheres não e eram principalmente professoras ou trabalhavam em casa. Naquela altura as pessoas não podiam dizer o que quisessem. Não havia liberdade de expressão. Havia censura prévia. O regime e as pessoas falassem mal do regime eram torturadas e, por vezes mortas pela PIDE. Naquela altura, era proibido namorar na rua e era também proibido beber Coca-Cola, porque era importada da América e Salazar odiava o espírito americano.</p> <p>Concluindo, não se podia fazer nada e deviam ser proibidas as torturas.”</p>
S	<p>“Antes não podíamos falar contra o governo, mas agora podemos. Éramos um país censurado. Tudo o que falávamos contra o governo era censurado. Não podíamos beber Coca-Cola. Não podíamos votar. Tudo o que nós fazíamos ia para o governo. Não tínhamos notícias do exterior e era muito difícil ter um emprego. A maioria das pessoas eram analfabetas, porque tinha de trabalhar. As mulheres não tinham direito a sair do país sem autorização dos homens. As mulheres não podiam ser militares e polícias. E as pessoas que se impunham contra o governo eram presas em armadilhas e mortas. Não tínhamos Direitos Humanos.</p> <p>Era muito raro existirem mulheres que fossem “chefes de família”, As mulheres não podiam usar calções e calças.”</p>

Estas 13 reflexões espelham conteúdos abordados nas aulas relativamente ao período do Estado Novo.

Deste modo, os conteúdos com maior significado para os discentes foram os seguintes: a falta de liberdade de expressão no Estado Novo e as liberdades em período de democracia: o direito ao voto, ter vários partidos e não um partido único, ter direito a escolher, a liberdade de reunião, escrever, ver filmes e ouvir música sem restrições; direitos das mulheres: grandes restrições no Estado Novo no que se refere à autonomia, profissões, salários mais baixos, modo de vestir, “missão” de cuidadoras da casa e da família; atentados aos valores da moral conservadora durante o Estado Novo: homossexualidade, afetividades reprimidas nas relações entre rapazes e raparigas (separação entre sexos nas escolas); vivências quotidianas: não se podia beber Coca-Cola (importação de hábitos norte-americanos); trabalho infantil a partir dos 10, 11 ou 12 anos; isolamento do país das notícias estrangeiras; situação do país na ditadura: elevada taxa de analfabetismo, país pobre, empregos mal pagos, pessoas infelizes; falta de Direitos Humanos: tortura, prisões, assassinatos, censura prévia.

## Conclusões do estudo

O ensino da História, de uma forma reflexiva, envolvendo os/as alunos/as constitui um contributo fundamental para o desenvolvimento da consciência social e política dos/as discentes. Toda a sociedade tem a ganhar com jovens com maiores conhecimentos nestas áreas, que saibam fazer escolhas esclarecidas, que possam conduzir a uma maior participação cívica.

Ao escolher os períodos do Estado Novo e da Democracia em Portugal para lecionar e vir a elaborar um questionário a ser aplicado no final da leção dos conteúdos relativos à 1ª República e no final da abordagem aos conteúdos relacionados com o Estado Novo, tive em consideração os contrastes entre o período de ditadura e da democracia no que se refere ao sistema político e social e às vivências das pessoas.

Constatou-se, com a dupla aplicação do questionário, que os/as estudantes detinham conhecimentos prévios, relativamente aos conteúdos abordados e por isso manifestaram algum nível de consciência social e política. Tal como afirmam Seixas e Clark (2002, citados por Gago, 2018, p. 98), estes conhecimentos prévios são alcançados através do veículo mais formal, a escola, mas também por via do papel de outros “locais” como a família, os filmes, a televisão e as celebrações.

Da análise quantitativa dos dados da primeira e da segunda aplicação do questionário, concluí que cerca de 56% das respostas revelavam que os/as alunos/as já tinham adquirido alguns conhecimentos. Todavia, nas restantes 44% (149 respostas), verificou-se que existiram mudanças significativas nas respostas entre a 1ª e a 2ª aplicação do questionário.

Essas mudanças expressaram uma maior consciência social no sentido que lhe é atribuído por (Costa, 2007; Lugon e Palassi, 2012, citados por Dau, Palassi e Silva, 2019) de que esta consciência está em constante mudança e que varia por via das experiências vividas e do significado que as pessoas atribuem à realidade social. Deste modo, surgem respostas que se situam na defesa dos direitos humanos e das mulheres como afirma a aluna N:

Neste momento posso ser o que quiser, desde que tenha idade. Posso ser enfermeira, advogada e até arquiteta. Na ditadura as mulheres apenas podiam trabalhar nas tarefas domésticas em casa ou em trabalhos específicos.

Esta consciência social deriva também da maior consciência histórica, que as aprendizagens construídas com o ensino da História permitiram alcançar.

Se, em consonância com Barca (2007), entendermos a consciência histórica como um comportamento de orientação de cada indivíduo no seu tempo, suportado, refletidamente, pelo conhecimento da História é possível ressaltar muitos exemplos extraídos dos textos elaborados pelos/as alunos/as, que evidenciam esta perspetiva:

Naquele tempo era diferente por ser uma ditadura e hoje uma democracia. Agora temos mais liberdade. As coisas que eram proibidas antes são agora comuns. Naquele tempo não se podia demonstrar afeto e não se podia ser homossexual porque era considerado uma doença. (Aluno/a P)

Antes não podíamos falar contra o governo, mas agora podemos. Éramos um país censurado. Tudo o que falávamos contra o governo era censurado. Não podíamos beber Coca-Cola. Não podíamos votar. Tudo o que nós fazíamos ia para o governo. Não tínhamos notícias do exterior e era muito difícil ter um emprego. A maioria das pessoas era analfabeta, porque tinha de trabalhar. (Aluno/a S)

Também se verificou um maior conhecimento de conteúdos associados à consciência política, como o caso da tortura e da guerra colonial “Havia censura prévia. As pessoas que falassem mal do regime eram torturadas e, por vezes mortas pela PIDE.” (Aluno/a Q); “Os povos deviam de ter a sua autonomia e não ter que lutar por ela.” (Aluno/a J)

Tendo em conta aquilo que foi referido, anteriormente, considero que, dos objetivos traçados para a elaboração deste estudo, se conseguiu atingir os dois primeiros:

- Analisar os contributos da História para a formação cívica, cultural e social dos/as alunos/as.
- Conhecer o impacto da consciência histórica na formação da consciência social e política em estudantes do 2.º Ciclo do Ensino Básico.

Em relação ao 3.º objetivo: “Identificar os valores sociais desta geração de estudantes”, necessitava de mais tempo para aprofundar esta questão. Contudo, as respostas obtidas revelam alguns valores que para os/as jovens se tornaram importantes: Liberdade, Direitos Humanos e das Mulheres, Direitos individuais, Autonomia, Igualdade, Direitos sexuais.

## Limitações do estudo

No que diz respeito à análise das respostas abertas dadas pelos/as discentes na 2ª aplicação do questionário, debruçámo-nos, também, sobre respostas, que não registaram mudanças em relação à 1ª aplicação do questionário por duas possíveis razões:

- 1- As respostas dadas na primeira aplicação do questionário revelaram que os/as alunos/as apresentavam um nível de consciência social e política significativo, muito por via dos conhecimentos, anteriormente construídos, nomeadamente no 4.º ano de escolaridade na área de Estudo do Meio e fruto das suas vivências familiares e sociais;
- 2- As condições em que foi realizada a 2ª aplicação do questionário não foram as melhores, pois a unidade letiva relativa ao Estado Novo foi a última a ser lecionada, no último mês de aulas, o que limitou o espaço temporal para a aplicação do mesmo.

## Sugestões para futuras investigações

Ao procurar conhecer outros estudos acerca do papel da consciência histórica na formação da consciência social e política em alunos/as do 2.º Ciclo do Ensino Básico, percebemos que os estudos em torno desta temática eram escassos, não conseguindo, inclusive, identificar investigações focadas em alunos/as do 2.º C.E.B..

Deste modo, consideramos pertinente que em futuras investigações se procure intensificar a exploração desta problemática, partindo dos/as estudantes deste ciclo de estudos, uma vez que nas faixas etárias dos/as mesmos/as já é possível percecionar a existência de consciência ou a falta dela, em relação a acontecimentos políticos e sociais e por isso, atendendo ao contexto nacional e mundial em que vivemos, é essencial que os/as discentes estejam vigilantes. Ainda, para futuras investigações, sugerimos o aumento do número de participantes, com o intuito de compreender, de forma mais ampla, esta questão.

## Conclusão geral

Para o último momento de avaliação do Mestrado em Ensino do 1.º C.E.B. e de Ensino de Português e História e Geografia de Portugal no 2.º C.E.B., para além de discorrermos acerca da construção das nossas competências enquanto futuras docentes, a temática selecionada com vista a desenvolver neste Relatório Final de Estágio, intitulou-se “O papel da consciência histórica na formação da consciência social e política em alunos/as do 2.º C.E.B.”

Ao longo de todo este processo de aprendizagem foi possível desenvolver diversas competências que permitiram adaptar o nosso modo de ser e de estar, especialmente, junto de crianças e adolescentes. Essa adaptação constante, inerente à profissão docente é, na minha opinião, uma das principais características para alcançar o sucesso do ensino-aprendizagem.

Durante todo este trajeto, as aprendizagens por nós construídas adquiriram maior significado por via das unidades curriculares “Práticas de Ensino Supervisionadas”, uma vez que estas possibilitaram a aplicabilidade dessas mesmas aprendizagens, aproximando-nos, assim, da realidade que, atualmente, os/as docentes vivem.

Para nós, futuras docentes, que experienciámos a lecionação no 1.º C.E.B e posteriormente no 2.º C.E.B., pudemos atestar o quão desafiante nestes níveis de ensino. No 1.º C.E.B. existe um regime de monodocência que requer o domínio de diversas áreas por parte dos/as professoras. No 2.º C.E.B., apesar de nos depararmos com um regime de pluridocência, os/as docentes deparam-se com diversas turmas de alunos/as, as quais têm de conhecer para poder adequar, lecionar, acompanhar e motivar. Estas e outras exigências registadas na passagem de um nível de ensino para o outro, também, não são fáceis para os/as discentes que, muitas vezes, ressentem negativamente, a drástica mudança de dinâmicas, a diversidade de salas de aula e de professores/as.

Um outro desafio que se coloca a futuros/as docentes, prende-se com a necessidade que um/a professor/a deve sentir pela procura do conhecimento científico e sobretudo, pela constante atualização do conhecimento. Na era das Tecnologias de Informação e Comunicação, o saber e a deturpação do mesmo correm à mesma velocidade, por isso, é necessário filtrar a informação e avaliar a sua fiabilidade. Esta questão foi sempre um aspeto que me preocupou ao longo das Práticas de Ensino Supervisionadas fazendo com que consultasse obras e sítios em linha fidedignos.

Neste seguimento, importa salientar que as diversas exigências com as quais se deparam os/as docentes podem, também, ser inesperadas. A P.E.S. I e II relativas ao 1.º Ciclo do Ensino Básico decorreram durante o pico da pandemia Covid19 e nessa altura foi possível perceber a dificuldade que quer alunos/as quer professores/as sentiram no momento em que a lecionação passou a ser realizada à distância. Muitos dos problemas visavam os estudantes que não tinham computador ou ligação à internet e outros problemas prendiam-se com as competências digitais dos/das docentes e as dificuldades em promover as aprendizagens em todos/as os/as alunos/as. Como motivar os/as discentes para as aprendizagens com um ensino exclusivamente à distância? Esta era a interrogação que muitos/as docentes, certamente, colocaram a si próprios/as.

Em muitos casos, com um ensino do século XX e com alunos/as do século XXI é muito difícil motivar os/as estudantes para a construção de competências. O ensino-aprendizagem precisa de estar conetado com a realidade e principalmente com a realidade dos/as aprendizes, por isso, os/as futuros/as docentes necessitam de se inteirar sobre as potencialidades das ferramentas tecnológicas, convocando-as para o enriquecimento das experiências de aprendizagem.

Todos estes anos de formação nos quais decorreu a licenciatura e o mestrado foram fundamentais para que, entre outros aspetos, desenvolvessemos habilidades ao nível do digital e pudéssemos perceber a diferença que um recurso interativo ou um quizz fazem na sala de aula.

No decorrer deste percurso académico tivemos a oportunidades de evoluir enquanto pessoas, cidadãos e futuras profissionais de educação e continuaremos a sentir sempre, cada aula lecionada, como se fosse a primeira, porque a responsabilidade de formar futuros/as cidadãos/ãs, críticos, conscientes e capazes é o nosso maior compromisso.

Este Relatório Final de Estágio contemplou uma investigação que tinha como tema central o modo como a consciência histórica interage com a formação da consciência social e política de alunos/as do 2.º C.E.B. e sobre o qual gostámos de saber mais. Começámos por definir a questão-problema: “Será que o desenvolvimento da consciência histórica de alunos/as do 2.º C.E.B. influencia a formação da sua consciência social e política”.

Após a comparação das respostas dadas pelos/as discentes na 1ª e na 2ª aplicação do questionário percebemos que, na 2ª aplicação, ao nível dos valores, consolida-se a ideia da importância da liberdade de pensamento e de opinião para

fazer escolhas, a consciência das limitações que as mulheres tinham nos contextos privados e públicos, a noção de que nas escolas existia separação de sexos porque o ensino era diferente para rapazes e para raparigas e surgem referências críticas à moral e aos bons costumes, defendidos pela ditadura.

Também, face aos direitos, na 2ª aplicação, consolida-se a ideia de que a tortura era contra os Direitos Humanos, de que existiam grandes restrições aos direitos das mulheres, quanto à sua autonomia e profissões, tendo a sina de cuidadoras da casa e da família, assim como se evidencia uma maior consciência sobre direitos individuais e Igualdade de Género.

Ainda, em relação às vivências, os/as estudantes, na 2ª aplicação, ressaltam as grandes diferenças entre o vestuário de homens e mulheres, comparativamente com a atualidade, a ideia de que os diferentes papéis de homens e mulheres na sociedade determinavam que o ensino fosse diferente para ambos. Para além disso, apresentam maior consciência dos problemas provenientes da falta de independência, bem como do direito dos povos à sua autonomia e salientam a ideia de que os afetos e as relações entre rapazes e raparigas eram um atentado à moral do regime.

Com base nos textos elaborados por 13 dos/as alunos/as que responderam ao questionário na 1ª e 2ª aplicações e que possibilitava aos/às estudantes discorrer livremente, tendo em conta a questão: “O que podemos hoje ser, dizer e fazer que não podíamos durante a ditadura?”, verificámos que a reprovação dos valores, o reconhecimento dos direitos e a indignação face às vivências em ditadura são reiteradas, sendo que a democracia é entendida com um regime no qual todas as pessoas gostam de viver.

Com a realização deste Relatório Final de Estágio e sobretudo, com a concretização deste estudo solidifiquei a minha crença no poder da Educação e, principalmente, no poder da História. Nesta disciplina o que importa não é decorar factos, mas sim promover espírito crítico, capaz de elevar valores humanistas e formar consciências!

Finda esta etapa, sabemos que encerramos um capítulo e iniciamos outro na esperança de contribuirmos, da melhor forma que sabemos, para marcar positivamente o desenvolvimento de tantos outros seres. Só a Educação tem este poder!



## Referências Bibliográficas

- Adinolfi, G. Salazar e os fascismos por Fernando Rosas. *Práticas da História*. N.º 9, pp. 269-274. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.48487/pdh.2019.n9.22392>
- Alves, M. A. L. Gago, M. Lagarto, M. (2021). *Vinte anos das Jornadas Internacionais de Educação Histórica*. Porto. Sersilito – Empresa Gráfica, Lda.
- Alves, S. F. M. C. (2012). *Formação contínua e desenvolvimento profissional: Motivações de desenvolvimento de competências na área das TIC. Um estudo exploratório*. Universidade do Minho. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/24576/1/Carla%20Maria%20Falc%c3%a3o%20Saraiva%20Alves.pdf>
- Barca, I. *Aula Oficina: do Projeto à Avaliação*. In. Para uma educação de qualidade: Atas da Quarta Jornada de Educação Histórica. Braga, Centro de Investigação em Educação (CIED) / Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, 2004, p. 131 – 144. Disponível em: [http://sefarditas.net.br/ava/aula\\_oficina/isabel\\_barca1.pdf](http://sefarditas.net.br/ava/aula_oficina/isabel_barca1.pdf)
- Barca, I. Marcos de Consciência Histórica de Jovens Portugueses. *Currículo sem Fronteiras*. Vol. 7, (n.º1), pp. 115-126. 2007. Universidade do Minho. Portugal. Disponível em: [https://www.researchgate.net/profile/Isabel-Barca-2/publication/237359602\\_MARCOS\\_DE\\_CONSCIENCIA\\_HISTORICA\\_DE\\_JOVENS\\_PORTUGUESES/links/54f4e2b00cf2eed5d735a847/MARCOS-DE-CONSCIENCIA-HISTORICA-DE-JOVENS-PORTUGUESES.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Isabel-Barca-2/publication/237359602_MARCOS_DE_CONSCIENCIA_HISTORICA_DE_JOVENS_PORTUGUESES/links/54f4e2b00cf2eed5d735a847/MARCOS-DE-CONSCIENCIA-HISTORICA-DE-JOVENS-PORTUGUESES.pdf)
- Byrne, D. (2021). *Um exemplo trabalhado da abordagem de Braun e Clarke para a análise temática reflexiva*. Universidade de Tecnologia de Dublin. Irlanda. Disponível em: <https://link.springer.com/content/pdf/10.1007/s11135-021-01182-y.pdf?pdf=button%20sticky>

- Cerri, F. L. Os conceitos de consciência histórica e os desafios da disática da Histórica. *Revista de História Regional*, Vol. 6 (n.º 2), pp. 93-112. 2001. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/rhr/article/view/2133/161>
- Dau, G. A. Palassi, P. M. Silva, Z. M.. Consciência política e participação dos representantes da sociedade civil no Conselho Municipal de Assistência Social de Vitória – ES. *Cadernos EBAPE.BR*. Vol. 17 (n.º1), pp.199-211. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cebape/a/ht5HDpGtJTqjTjXdTCh8wZC/?format=pdf&lang=pt>
- Decreto-Lei n.º 22/2014 de 11 de Fevereiro. *Diário da República*, n.º29 – 1ª série. Lisboa. Disponível em: [https://www.fenprof.pt/Download/FENPROF/SM\\_Doc/Mid\\_204/Doc\\_8202/Anexos/Regime\\_Juridico\\_da\\_formacao\\_continua\\_de\\_professores.pdf](https://www.fenprof.pt/Download/FENPROF/SM_Doc/Mid_204/Doc_8202/Anexos/Regime_Juridico_da_formacao_continua_de_professores.pdf)
- Emerson Urizzi Cervi. (2009). *Métodos quantitativos nas ciências sociais: uma abordagem alternativa ao fetichismo dos números e ao debate com qualitativistas*. Universidade Federal do Paraná. Disponível em: [https://blogempublico.files.wordpress.com/2013/02/2009\\_cap\\_metquantitativo\\_uepg.pdf](https://blogempublico.files.wordpress.com/2013/02/2009_cap_metquantitativo_uepg.pdf)  
ESCOLAR%20E%20O%201%C2%BA%20CICLO-contributos%20para%20a%20efic%C3%A1cia%20escolar.pdf
- Fávero, G. D. (2021). *“Olha, essa consciência política surge do agir!”: Experiências e memórias de estudantes secundaristas que ocuparam escolas públicas (Uberlândia – MG, 2016-2019)*. Tese de doutoramento. Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/33848/1/ExperienciasMemoriasEstudantes.pdf>
- Gago, M. (2018). *Consciência histórica e narrativa na aula de História: concepções de professores*. Porto, Edições Afrontamento.

- Gomes, A. C. (2004). Escola, cidadania e educação de valores democráticos [Sociedades Contemporâneas: Reflexividade e Acção]. V Congresso Português de Sociologia, Braga. Disponível em: [https://aps.pt/wp-content/uploads/2017/08/DPR4628bc57b7281\\_1.pdf](https://aps.pt/wp-content/uploads/2017/08/DPR4628bc57b7281_1.pdf)
- Jófilo, Z. Piaget, Vygotsky, Freire e a construção do conhecimento na escola. *Educação: Teorias e Práticas*. N.º 2, pp. 191-208. 2002. Disponível em: [http://sis.posugf.com.br/sistema/rota/rotas\\_1/115/document/mod\\_001/objetos/piaget\\_vygotsky\\_paulo\\_freire.pdf](http://sis.posugf.com.br/sistema/rota/rotas_1/115/document/mod_001/objetos/piaget_vygotsky_paulo_freire.pdf)
- Lopes, C. R. M. (2016). *Prática de Ensino Supervisionada em Ensino do 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico*. Relatório de Estágio. Escola Superior de Educação. Instituto Politécnico de Bragança. Disponível em: <https://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/13666/1/Relat%C3%B3rio%20Final.pdf>
- Lowy, Michael. Conservadorismo e extrema-direita na Europa e no Brasil. *Serviço Social e Sociedade*. N.º 124, pp. 652-664. 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0101-6628.044>
- Lucini, M. (2018). *Ensino de História e formação para a cidadania: Reflexões sobre a intencionalidade do ensino de História como elemento de formação histórica, política e cidadã*. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/zz46v/pdf/cerri-9788577982486-04.pdf>
- Maia, A. T. et al. (2016). *(Re) construindo o passado: o papel insubstituível do ensino da história*. Porto Alegre, EDIPUCRS.
- Manfio, A. Melo, A. C. C. Oliveira, D. S. E. E.. A importância da consciência social para reflexão sobre mulher e género na contemporaneidade. *Intr@ciência*. N.º 20, pp. 1-8. 2020. Disponível em: [https://uniesp.edu.br/sites/\\_biblioteca/revistas/20201125002630.pdf](https://uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20201125002630.pdf)
- Mesquita, C. E. Aras, B. M. L. (s/d). *A desconstrução do público/privado e a construção do “pessoal é político” na teoria feminista*. Universidade

Federal da Bahia. Disponível em:  
[https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwiQwfmm2uXxAhX5A2MBHaiJC1QQFjAAegQIBBAD&url=http%3A%2F%2Fwww.ufpb.br%2Fevento%2Findex.php%2F17redor%2F17redor%2Fpaper%2Fdownload%2F60%2F203&usg=AOvVaw09Heb21BK5411q\\_hJjXnHG](https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwiQwfmm2uXxAhX5A2MBHaiJC1QQFjAAegQIBBAD&url=http%3A%2F%2Fwww.ufpb.br%2Fevento%2Findex.php%2F17redor%2F17redor%2Fpaper%2Fdownload%2F60%2F203&usg=AOvVaw09Heb21BK5411q_hJjXnHG)

Ministério da Educação (2018). *Aprendizagens Essenciais de Estudo do Meio, 4.º ano*. República Portuguesa. Disponível em:  
[http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens\\_Essenciais/1\\_ciclo/4\\_estudo\\_do\\_meio.pdf](http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/1_ciclo/4_estudo_do_meio.pdf)

Ministério da Educação. (2018). *Aprendizagens Essenciais de História e Geografia de Portugal, 6.º ano*. República Portuguesa. Disponível em:  
[http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens\\_Essenciais/2\\_ciclo/6\\_historia\\_e\\_geografia\\_de\\_portugal.pdf](http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/2_ciclo/6_historia_e_geografia_de_portugal.pdf)

Ministério da Educação. *Padrões de Desempenho Docente*. Despacho n.º 16034/2010, de 22 de outubro.

Neto, C. Brincar e ser ativo na escola. *Diversidades: Educação e Aprendizagem*. N.º 51, pp. 9-17. 2017. Região Autónoma da Madeira. Secretaria Regional de Educação. Disponível em: [https://www02.madeira-edu.pt/Portals/5/documentos/PublicacoesDRE/Revista\\_Diversidades/Revista%20Diversidades%2051.pdf](https://www02.madeira-edu.pt/Portals/5/documentos/PublicacoesDRE/Revista_Diversidades/Revista%20Diversidades%2051.pdf)

Neves, R. M. (2014). *Organização do espaço educativo: «Quebrar» a rotina*. Instituto Piaget de Vila Nova de Gaia. Escola Superior de Educação. Disponível em:  
[https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/24091/1/Relat%C3%B3rio%20final\\_PDF\\_1-Manuela.pdf](https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/24091/1/Relat%C3%B3rio%20final_PDF_1-Manuela.pdf)

Oliveira, B. G. I. M.. A formação da consciência social dos jovens no horizonte da Educação Histórica. *educação*. Vol.40 (n.º3), pp. 591-604. 2015. Disponível em:

[https://www.researchgate.net/publication/296685085\\_A\\_formacao\\_da\\_consciencia\\_social\\_dos\\_jovens\\_no\\_horizonte\\_da\\_Educacao\\_Historica](https://www.researchgate.net/publication/296685085_A_formacao_da_consciencia_social_dos_jovens_no_horizonte_da_Educacao_Historica)

Pereira, P. F. C. (2014). *O trabalho de grupo como fator potenciador de integração curricular no 1.º Ciclo do Ensino Básico*. Instituto Politécnico de Viseu. Escola Superior de Educação. Disponível em: <https://repositorio.ipv.pt/bitstream/10400.19/2809/1/relat%c3%b3rio%20vers%c3%a3o%20final.pdf>

Pereira, P. M., *A Escola Portuguesa ao serviço do Estado Novo: as Lições de História de Portugal do Boletim do Ensino Primário Oficial e o Projeto Ideológico do Salazarismo. Da Investigação às práticas*, Vol. 1 (n.º4), pp. 63 - 85. 2013. Disponível em: <https://repositorio.ipl.pt/bitstream/10400.21/3423/1/A%20Escola%20Portuguesa%20ao%20servi%c3%a7o%20do%20Estado%20Novo.pdf>

Pimentel, F. I. (2000). *História das Organizações Femininas do Estado Novo*. Lisboa. Circulo de Leitores.

Pinto, J. (2012). Os momentos formais de avaliação no 1.º ciclo: Um contributo para a aprendizagem?. In *Actas do 12.º Colóquio de Psicologia e Educação*. Instituto Politécnico de Setúbal. Escola Superior de Educação. Disponível em: <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/23541/1/Os%20momentos%20formais%20de%20avalia%C3%A7%C3%A3o%20no%201%C2%BA%20ciclo%20-%20pp.%201367-1381.pdf>

Proença, C. M. (1992). *Didáctica da História*. Lisboa. Litografia Amorim.

Ramos, C. R. P. C. (2016). *Metodologias de Investigação na Área das TIC na Educação: Análise em Dissertações de Mestrado Brasileiros entre 2005 e 2015*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Lisboa. Disponível em: [https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/26692/1/ulfpie051220\\_tm.pdf](https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/26692/1/ulfpie051220_tm.pdf)

- Ramos, P. M. Métodos quantitativos e pesquisa em ciências sociais: lógica e utilidade do uso da quantificação nas explicações dos fenómenos sociais. *Análises Quantitativas e Indicadores Sociais*, Vol.18 (n.º1), pp. 55-65. 2013. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/132102/000901271.pdf?sequence=1&isAllowed=y>
- Reis, V. A. (2006). *Professores reflexivos-Concepções dos supervisores de prática pedagógica: Estudo exploratório*. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. Universidade de Lisboa. Disponível em: [https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/32483/1/ulfpie047841\\_tm.pdf](https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/32483/1/ulfpie047841_tm.pdf)
- Ribeiro, A. M. J. (2015). *O papel da História para (In) Formar*. Dissertação de Mestrado em Ensino do 1º e 2º Ciclos do Ensino Básico. Escola Superior de Educação de Coimbra. Disponível em: [https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/11491/1/JOANA\\_RIBEIRO.pdf](https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/11491/1/JOANA_RIBEIRO.pdf)
- Rodrigues, F. G. L. (2016). *Viagens Trans (Género) em Portugal e no Brasil: Uma Aproximação Psicológica Feminista Crítica*. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. Universidade do Porto.
- Roldão, C. M. Almeida, S. (2018). *Gestão Curricular: Para a autonomia das escolas e professores*. Direção-Geral da Educação. Disponível em: [https://run.unl.pt/bitstream/10362/64687/1/Gest\\_o\\_curricular\\_Para\\_a\\_autonomia\\_das\\_escolas\\_e\\_professores.pdf](https://run.unl.pt/bitstream/10362/64687/1/Gest_o_curricular_Para_a_autonomia_das_escolas_e_professores.pdf)
- Rosas, F. (2007). *Memória da Violência e Violência da Memória*. Lisboa. A Esfera dos Livros.
- Rosas, F. (2019), *Salazar e os Fascismos*, entrevista à Agência Lusa, 9 de abril de 2019. Disponível em: <https://www.dn.pt/lusa/novo-livro-do-historiador-fernando-rosas-alerta-para-perigos-de-um-novo-fascismo-10776523.html>
- Sá, P. Costa, P. A. Moreira, A. (2021). *Reflexões em torno de Metodologias de Investigação – recolha de dados*. Aveiro. UA Editora. Disponível em:

[https://ria.ua.pt/bitstream/10773/30772/3/Metodologias%20investigacao\\_Vol2\\_Digital.pdf](https://ria.ua.pt/bitstream/10773/30772/3/Metodologias%20investigacao_Vol2_Digital.pdf)

Sanches, R. S. I. R. (2013). *Articulação curricular entre o Pré-Escolar e o 1.º Ciclo: Contributos para a eficácia escolar*. Instituto Superior de Educação e Ciências. Disponível em:

<https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/21563/1/ARTICULA%C3%87%C3%83O%20CURRICULAR%20ENTRE%20O%20PR%C3%89->

Shulman, S. L. Shulman, H. J. Como é que os professores aprendem: uma perspetiva em transformação. *Cadernoscenpec*. São Paulo. Vol.6 (n.º 1), pp. 120-142. 2016.

Tavares, M. (2011). *Feminismos*. Alfragide. Texto Editores, Lda..

Tavares, M. (2019). *Histórias de vida entrelaçadas com a militância antifascista e pelos direitos das mulheres*. CIEG-ISCSP. Edição no Prelo.

Tralhão, R. Interações: sociedade e as novas modernidades. *Instituto Superior Miguel Torga*. N.º 6, pp. 214-216. 2004. Disponível em: <https://interacoes-ismt.com/index.php/revista/article/view/116/120>

Vaz, N. P. C. R. A. (2019). *Avaliação do Desempenho Docente: Sentidos e Desafios na Perspetiva de Professores*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Évora. Disponível em:

[https://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/25458/3/Doutoramento-Ci%C3%aancias\\_da\\_Educa%C3%A7%C3%A3o-Adelaide\\_do\\_Ros%C3%A1rio\\_Caetano\\_Pinto\\_Neto\\_Vaz-Avalia%C3%A7%C3%A3o\\_do\\_desempenho\\_docente....pdf](https://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/25458/3/Doutoramento-Ci%C3%aancias_da_Educa%C3%A7%C3%A3o-Adelaide_do_Ros%C3%A1rio_Caetano_Pinto_Neto_Vaz-Avalia%C3%A7%C3%A3o_do_desempenho_docente....pdf)

Veia, D. J. L. (1996). *A resolução de problemas, o raciocínio e a comunicação no primeiro ciclo do ensino básico*. Departamento de Educação da Faculdade de Ciências. Universidade de Lisboa. Disponível em:

<https://sapiencia.ualg.pt/bitstream/10400.1/1940/1/Luciano%20Veia%201996%20Tese%20de%20mestrado.pdf>



## Anexos

### Anexo 1 – Plano de aula do dia 4 de Janeiro de 2021

Estudo do Meio	Envolver a turma na definição das tarefas de aula.	Comunicação à turma das tarefas a desenvolver na área de Estudo do Meio e recolha de contributos dos alunos que enriqueçam as mesmas	Análise das capacidades dos alunos de criar tarefas que possam trabalhar		13:15-13:25
A Reconquista Cristã e o Condado Portucalense; A formação de Portugal	Relembrar os conhecimentos dos alunos acerca dos conteúdos	Visualização de dois vídeos sobre os conteúdos	Observação da atenção e da concentração dos alunos enquanto realizam a tarefa	Computador, projetor, tela e vídeos (Anexo 3)	13:25-13:35
	Consolidar os conhecimentos dos alunos acerca dos conteúdos	Realização de um questionário, oralmente	Aferição do nível de compreensão da turma em relação aos conteúdos	Computador, projetor, tela, Questionário em Google Forms (Anexo 4) e recipiente com os nomes de todos os alunos, escritos em tiras de papel dobrado para sortear as participações	13:35-13:50

Anexo 2 - Plano de aula de 12 de Maio de 2021

<p>Oferta Complementar - Conceito de Género</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Distinguir Sexo e Género.</li> </ul>	<p>- Diálogo professora estagiária/aluno/ alunos sobre as tarefas a desenvolver no âmbito da Oferta Complementar. -Produção de desenho pelos alunos, de forma individual, onde apresentem representadas as características de um menino e de uma menina, na conceção de cada aluno. -Diálogo sobre as características biológicas de pessoas do sexo masculino e do sexo feminino, com base na desconstrução dos desenhos feitos por cada um dos alunos. - Elaboração de duas cartolinas (fixadas no quadro de giz), com os contributos dos alunos relativamente às características das pessoas do sexo masculino e do sexo feminino.</p>	<p>- Análise da capacidade dos alunos de fazer a distinção entre Sexo e Género.</p>	<p>- Folha branca A4 e Lápis de Cor.  - Desenhos elaborados pelos alunos.  - Duas cartolinas; Marcador preto; Desenhos dos alunos e Bostik.</p>	<p>14:00  14:10  14:35  14:55</p>
---	---	--	---	---	---

Anexo 3 - Plano de aula de 18 de Janeiro de 2021

Leitura	Desenvolver as competências da leitura	<p>Leitura, em voz alta, pelos alunos, de um texto informativo, cedido pela estagiária, intitulado: "Escolas sensibilizam alunos para a proteção florestal".</p> <p>Participação de cada aluno na leitura realizada por meio de um sorteio, prévio, onde cada aluno sorteado lerá um parágrafo.</p>	Aferição das capacidades de leitura da turma (fluyente, muito fluyente ou pouco fluyente)	Texto "Escolas sensibilizam alunos para a proteção florestal" - Anexo 1; Recipiente com os nomes dos alunos, escritos em tiras de papel dobrado para sortear quem irá participar na leitura	08:40-08:50
Oralidade	Verificar a compreensão dos alunos quanto ao conteúdo do texto	Colocação de questões, oralmente, pela estagiária, aos alunos, relativas às informações presentes	Análise do nível de compreensão dos alunos, relativamente às informações contidas no texto	Questões a serem colocadas pela estagiária - Anexo 2	08:50-09:00

Anexo 4 - Plano de aula de 5 de Janeiro de 2021

Expressão Plástica e Expressão	Desenvolver a expressão dos pensamentos,	Criação de um desenho, que traduza os pensamentos, sentimentos e emoções	Observação da concentração e do empenho dos alunos	Lápis; Borracha; Computador; Colunas de som;	13:50-14:10
--------------------------------	--	--	--	--	-------------

Musical	sentimentos e emoções dos alunos, através do desenho	manifestados ao longo da audição de músicas instrumentais clássicas	ao longo da tarefa	Melodias instrumentais clássicas – Anexo 7	14:10-14:30
	Partilha, por parte de cada aluno, dos desenhos realizados, explicando o significado dos mesmos	Comunicação por parte dos alunos, dos seus desenhos elaborados, explicando o significado das ilustrações registadas no decorrer da tarefa	Aferição dos diversos pensamentos, sentimentos e emoções referidos pelos alunos	Desenhos elaborados pelos alunos	

Anexo 5 – Excerto do plano de aula de 15 de Junho de 2021

Português, Estudo do Meio e Cidadania - Oralidade (Expressão)	<ul style="list-style-type: none"> <li>Produção de discursos preparados para apresentação à turma.</li> </ul>	- Diálogo professora estagiária/aluno/ alunos sobre as tarefas a desenvolver no âmbito de Português.		10:30
		- Distribuição de textos biográficos aos alunos sobre mulheres da História de Portugal (um texto por cada dois alunos), inseridos no livro <i>Portuguesas com M grande</i> de Lúcia Vicente.	- Anexo 2: Textos biográficos sobre mulheres da História de Portugal.	10:40
		- Leitura, em silêncio, do texto distribuído, por cada um dos pares de alunos.	- Textos biográficos sobre mulheres da História de Portugal.	10:45
		- Análise das informações contidas em cada um dos textos biográficos, pelos pares de alunos.	- Textos biográficos sobre mulheres da História de Portugal.	10:55
		- Elaboração de resumo ou esquema de ideias, no caderno diário, sobre cada uma das biografias.	- Textos biográficos sobre mulheres da História de Portugal; Cadernos diários; Lápis e	11:00

Anexo 6 – Excerto do plano de aula de dia 2 de Junho de 2021

		com os restantes colegas. - Resolução da ficha n.º 28 do Livro de Fichas, pelos alunos, de forma individual.		- Anexo 3: Ficha n.º 28 do Livro de Fichas.	11:05  11:30 Hora de almoço
		- Continuação da resolução da ficha n.º 28 do Livro de Fichas, pelos alunos, de forma individual. - Correção da ficha anteriormente referida, pela professora estagiária, no quadro de giz, com os contributos dos alunos. - Distribuição de problema a cada aluno, pela professora estagiária, sobre o custo em função		- Ficha n.º 28 do Livro de Fichas.  - Ficha n.º 28 do Livro de Fichas.  - Anexo 4: Problema sobre a relação entre massa e custo de produtos.	13:15  13:25  13:55

Anexo 7 – Excertos dos planos de aula de 17 de Maio e 28 de Junho de 2021

Matemática - Volume	<ul style="list-style-type: none"> <li>Medir volumes, utilizando e relacionando as unidades de medida do SI.</li> </ul>	- Interpretação de sete ilustrações da obra de Joana Estrela pelos alunos.	- Aferição da capacidade dos alunos de manifestar ideias e pontos de vista suscitados por uma obra.	- Anexo 3: Sete ilustrações da obra de Joana Estrela, alvo de interpretação; Computador e Projetor.	8:55
		- Produção textual sobre o significado de uma das ilustrações, presentes na obra, de forma individual.		9:20	
		- Leitura dos textos produzidos pelos respetivos autores (alunos) em voz alta.		9:40	
				10:00 Intervalo	
		- Diálogo professora estagiária/aluno/ alunos sobre as tarefas a desenvolver no âmbito de Matemática.		10:30	
		- Construção de um cartaz informativo pela professora estagiária e os alunos sobre as unidades de medida do Volume e a fórmula do mesmo.		10:40	
- Resolução dos exercícios de página 123 do manual	11:00				
Matemática e Expressão Plástica - Medidas de Tempo	<ul style="list-style-type: none"> <li>Interpretar horários e fazer estimativas de tempo.</li> </ul>	- Diálogo professora estagiária/aluno/ alunos sobre as tarefas a desenvolver no âmbito do Português.		- Anexo 1: Explicação da articulação entre conteúdos.	10:30
		- Articulação (efetuada pela professora estagiária), de uma situação da história criada, na aula anterior,			10:40

2

		pelos alunos, com as Medidas de Tempo.		- Relógio de parede.	10:50
		- Manipulação de relógio de parede pela professora estagiária, como forma de elucidar a problemática instaurada por via da articulação, referida anteriormente, entre conteúdos.			
		- Construção de um		- Papelão; Marcadores;	10:55

Anexo 8 – Excerto do plano de aula de 28 de Junho de 2021

		<p>pelos alunos, com as Medidas de Tempo.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Manipulação de relógio de parede pela professora estagiária, como forma de elucidar a problemática instaurada por via da articulação, referida anteriormente, entre conteúdos.</li> <li>- Construção de um relógio de parede (manipulável), pelos alunos, de forma individual.</li> <li>- Diálogo com os alunos, recorrendo aos relógios elaborados, como forma de elucidar a que corresponde meia hora, um quarto de hora, dois quartos de horas, três quartos de hora, etc.</li> </ul>		<p>- Relógio de parede.</p>  <p>- Papelão; Marcadores; Ataches; Xizato.</p>	<p>10:50</p>  <p>10:55</p>  <p>11:25</p>  <p>11:35 Hora de Almoço</p>
--	--	---	--	---	---



Anexo 9 – Excerto do plano de aula de 7 de Abril de 2021

Oferta Complementar - Educação Ambiental	<ul style="list-style-type: none"> <li>Promover a atitude cívica individual</li> </ul>	- Observação de um vídeo sobre os Sólidos Geométricos	- Aferição da capacidade dos alunos de identificar propriedades dos sólidos geométricos e fazer classificações.	- Anexo 7: Vídeo sobre os Sólidos Geométricos; Computador; Projetos e Colunas de Som	14:20
		- Diálogo professora estagiária/aluno/ alunos sobre as tarefas a desenvolver no âmbito da Educação Ambiental.		14:30	
		- Observação visual de diapositivos (PowerPoint) e debate simultâneo acerca da importância das Florestas, dos problemas que as Florestas enfrentam e das medidas de proteção que devemos ter relativamente às mesmas.		- Anexo 8: PowerPoint sobre a importância das Florestas; Computador; Projetor	14:40
		- Observação de vídeo sobre a importância das Florestas e reflexão, com os alunos, sobre as principais ideias do		- Anexo 9: Vídeo sobre a importância das Florestas	14:55

Anexo 10 – Excerto do plano de aula de 15 de Junho de 2021

Áreas Disciplinares: Conteúdos	Objetivos	Atividades de Ensino- Aprendizagem	Avaliação	Recursos/Materiais	Tempo
Matemática - Figuras geométricas; Medidas: Volume, Capacidade e Massa; Dinheiro	<ul style="list-style-type: none"> <li>Identificar propriedades de figuras planas e de sólidos geométricos, bem como medir volumes, capacidades e massas, utilizando e relacionando as unidades de medida do SI.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Diálogo professora estagiária/aluno/ alunos sobre as tarefas a desenvolver no âmbito de Matemática.</li> <li>Conversa com os alunos sobre situações do quotidiano em que recorremos à utilização de medidas de volume; capacidade; massa e dinheiro.</li> <li>Realização de ficha de trabalho (elaborada pela professora estagiária), pelos alunos, de forma individual.</li> <li>Correção da ficha de trabalho anteriormente mencionada, pela professora estagiária no quadro de giz, com os contributos dos alunos.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Observação da capacidade dos alunos de identificar propriedades de figuras planas e de sólidos geométricos, bem como medir</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Anexo 1: Ficha de trabalho elaborada pela professora estagiária.</li> <li>Ficha de trabalho elaborada pela professora estagiária e quadro de giz.</li> </ul>	8:30
					8:40
					8:50
					9:20

Anexo 11 – Excerto do plano de aula de 17 de Maio de 2021

Matemática - Volume	<ul style="list-style-type: none"> <li>Medir volumes, utilizando e relacionando as unidades de medida do SI.</li> </ul>	- Diálogo professora estagiária/aluno/ alunos sobre as tarefas a desenvolver no âmbito de Matemática.		10:30
		- Construção de um cartaz informativo pela professora estagiária e os alunos sobre as unidades de medida do Volume e a fórmula do mesmo.		10:40
		-Resolução dos exercícios da página 123 do manual pelos alunos de forma individual.	- Cartolina; Marcadores; Cubo em 3D; Unidades de Medida do Volume em papel para colar; Fórmula do Volume para colar e Bostik. - Anexo 4: Exercícios da página 123 do manual.	11:00


2

---

		- Correção dos exercícios da página 123 do manual pela professora estagiária com os contributos dos alunos no quadro de giz.	- Observação da capacidade dos alunos de medir volumes, utilizando e relacionando as unidades de medida	- Exercícios da página 123 do manual e quadro de giz.	11:25
--	--	--	---	---	-------

Anexo 12 - Certificado de Formação Profissional

SHOOT ON REDMI 9  
AI QUAD CAMERA




## Certificado de Formação Profissional

Certifica-se que **Adriana Andreia Gomes Rodrigues** natural de Viseu nascida em 22/09/1994, com o N.º de Identificação Civil 14924816 válido até 06/09/2020, concluiu com aproveitamento o curso de Formação Profissional de Orientação Sexual e Identidade de Género, em 09/09/2020, com a duração de 1800 horas.

Unidades de Formação/Módulos/Outras Designações	Horas (h:mm)	Classificação 0-5
ESPECIFICIDADES DA DISCRIMINAÇÃO CONTRA PESSOAS LGBT	4:30	4
DIREITOS DAS PESSOAS LGBT: LEIS E INSTITUIÇÕES	2:30	4
CRIMES DE ÓDIO E VIOLÊNCIA DOMÉSTICA	3:00	4
REDE DE RECURSOS LGBT EXISTENTES	2:00	4
CASOS PRÁTICOS	6:00	4
Nota Final		4

Lisboa, 24 de setembro de 2020

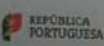
O(A) Responsável pelo(a) UMAR - União de Mulheres Alternativa e Resp.



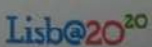
Atestado por: BARRA MARZELA  
 FUNÇÃO: RESPONSÁVEL TÉCNICO  
 Identificação: 902304652  
 Data: 2020-09-23 às 11:13:09

(Assinatura e selo eletrónico ou carimbo)

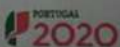
Certificado n.º 6/2020 de acordo com o modelo publicado na Portaria n.º 474/2010




REPÚBLICA PORTUGUESA



Lisbo@2020



PORTUGAL 2020



COMISSÃO EUROPEIA

Anexo 13 - Link de acesso à página do Projeto Giesta

Link: <https://www.facebook.com/projetogiesta>

Anexo 14 - Excerto dos planos de aula de Português e de H.G.P. de 24 de maio e de 8 de junho de 2022 respetivamente.

Instituto Politécnico de Viseu/Escola Superior de Educação de Viseu  
Curso de Mestrado em Ensino do 1.º CEB e Português e  
História Geografia de Portugal do 2.º CEB  
Prática de Ensino Supervisionada no 2.º CEB I  
2021/2022

Agrupamento de Escolas Grão Vasco  
Escola Básica 2,3 Grão Vasco  
Orientadora Cooperante: Ana Bernardo  
6º Ano do 2º Ciclo do Ensino Básico

Plano de Aula nº9

Data: 24 de maio de 2021

Áreas Disciplinares: Domínios/ Conteúdos	Descritores de desempenho	Aprendizagens Essenciais	Objetivos	Estratégias de Ensino-Aprendizagem	Avaliação	Recursos/ Materiais	Tempo
Português -Educação Literária e Escrita: Texto Poético	<ul style="list-style-type: none"> <li>Conhecedor/ Sabedor/ Culto/ Informado;</li> <li>Sistematizador/ Organizador;</li> <li>Participativo/ Colaborador;</li> <li>Criativo;</li> <li>Responsável/ autónomo;</li> <li>(A, B, C, D, E, F, G; H; I, J).</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Analisar o sentido conotativo de palavras e expressões.</li> <li>Analisar o modo como os temas, as experiências e os valores são representados.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Analisar a estrutura interna de um poema.</li> <li>Estabelecer relações/ ligações entre contextos.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Diálogo entre professora estagiária/aluno/alunos sobre as tarefas a desenvolver no âmbito de Português.</li> <li>Abertura da lição da presente aula, no quadro, por um aluno da turma, ao mesmo tempo que a restante turma procede à abertura no caderno diário (*1).</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Observação da aceitação dos alunos face às tarefas a cumprir.</li> <li>Aferição da abertura da lição por parte da turma, nos cadernos diários, bem como da não existência de incorreções aquando da abertura da lição no quadro.</li> </ul>	- Quadro; Caneta.	8:00
							8:03

Adriana Gomes, nº11361

Instituto Politécnico de Viseu/Escola Superior de Educação de Viseu  
Curso de Mestrado em Ensino do 1.º CEB e Português e  
História e Geografia de Portugal do 2.º CEB  
Prática de Ensino Supervisionada no 2.º CEB II  
2021/2022

Agrupamento de Escolas Grão Vasco  
Escola Básica 2,3 Grão Vasco  
Orientadora Cooperante: Ana Elias Pinheiro  
6º Ano do 2º Ciclo do Ensino Básico

Plano de Aula nº12

Data: 8 de junho de 2022

Áreas Disciplinares: Conteúdos	Descritores de desempenho	Aprendizagens Essenciais	Objetivos	Estratégias de Ensino-Aprendizagem	Avaliação	Recursos/ Materiais	Tempo
História e Geografia de Portugal -Portugal no século XX: Os anos da ditadura - o Estado Novo	<ul style="list-style-type: none"> <li>Conhecedor/ Sabedor/Culto/ Informado;</li> <li>Questionador/ Sistematizador/ Organizador;</li> <li>Crítico/analtico/ Comunicador;</li> <li>Respeitador (A, B, C, D, E, F, G, H, I, J).</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Sintetizar as principais características do Estado Novo, nomeadamente a ausência de liberdade individual, a existência da censura e de polícia política, a repressão do movimento sindical e a existência de um partido único.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Defender posições, previamente estabelecidas, relativamente ao regime do Estado Novo (ditadura) e à Democracia.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Diálogo entre professora estagiária/aluno/ alunos sobre as tarefas a desenvolver no âmbito de História e Geografia de Portugal.</li> <li>Conversa entre professora estagiária/aluno/alunos como forma de relembrar as atividades realizadas e os conteúdos abordados na última aula, com vista à escrita do sumário dessa mesma aula no Padlet de H.G.P da</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Observação da atenção dos alunos aquando da explicação das tarefas a desenvolver.</li> <li>Aferição do quão significativos foram para os alunos os conteúdos e as atividades desenvolvidas na última aula.</li> </ul>		8:00
							8:05

Adriana Gomes, nº11361

## Anexo 15 – Excertos dos relatórios de intervenção das semanas de 24 a 28 de Janeiro e de 9 a 13 de Maio de 2022

A somar à situação anterior, no dia 26 de Janeiro, durante a elaboração dos trabalhos de grupo, um dos alunos decidiu que não estava com vontade de realizar o trabalho com os colegas do seu grupo e, por isso, auto-excluiu-se. Neste cenário, procurei conversar com o aluno, perceber os motivos da sua atitude, motivando-o para que fizesse um esforço e colaborasse com os colegas a fim de construírem um bom trabalho. O aluno em questão apresenta alguns problemas psicológicos que as professoras, ainda, não me conseguiram explicar muito bem, até porque, pelo que percebi, não os conhecem. A dada altura, a orientadora cooperante, comunicou-me que iria sair da sala como o aluno para poder conversar com ele no exterior. De regresso à sala, o aluno manteve a postura anterior e já só quase no final da aula mostrou interesse pelo trabalho do seu grupo. Nesse momento, analisei o contributo que o mesmo queria prestar e valorizei-o por estar de acordo com os objetivos do trabalho do seu grupo. De acordo com Arends (1995), o elogio é o reforçador mais acessível ao professor no contexto de sala de aula, contudo, apenas elogiar não é suficiente e, por isso, os professores também podem encorajar comportamentos desejáveis por via da atribuição de recompensas e de privilégios aos alunos. De entre aqueles que o autor enumera temos: "Pontos atribuídos por certos tipos de trabalho ou de comportamento que podem melhorar a nota do aluno; símbolos como estrelas douradas, caras felizes ou certificados de realização; Quadro de honra para trabalho escolar e para conduta."

Quanto à adaptação de estratégias em função do retorno, importa salientar face à aula de 26 de Janeiro que, os alunos não conseguiram apresentar os seus trabalhos, tal como estava previsto e, nesse sentido, considerei oportuna a definição de um momento da aula para verificar o estado dos trabalhos de cada grupo. Deste modo foi possível que toda a turma acompanhasse o trabalho dos colegas e aperfeiçoasse ou completasse alguns aspetos, visto que atribui feedback conforme as apresentações que cada grupo ia efetuando.

### Relatório de Intervenção semanal

9 a 13 de maio

As atividades a desenvolver na aula de História e Geografia de Portugal, implementada no dia 9 de maio foram sugeridas pela professora cooperante, dado que esta aula seria da sua responsabilidade, no entanto, a mesma necessitou de se ausentar, dando-me a incumbência de orientar as atividades desenvolvidas na aula. Neste sentido, as estratégias de ensino adotadas, visavam que cada aluno procurasse organizar os conhecimentos construídos acerca da Implantação da República e do ano que a mesma ocorreu (1910). Tendo em conta a importância dos trabalhos individuais dos discentes para a constatação dos seus conhecimentos e, neste caso, para a motivar que cada aluno lesse os conteúdos em estudo, a cooperante estabeleceu e produção de um texto escrito.

Tal como já foi referido, a aula implementada desta semana contemplou estratégias de ensino a realizar de forma individual. A concretização de trabalhos individuais permite constatar os saberes que cada aluno compreende, o que em relação aos trabalhos em grupo é uma vantagem, pois o resultado de um trabalho elaborado em conjunto pode não retratar aquilo que cada aluno sabe sobre os conteúdos. Obviamente, o trabalho em grupo, também, convoca outras aprendizagens que o trabalho individual não consegue alcançar. Contudo, nesta turma, a gestão da sala de aula e dos comportamentos acaba por ser mais controlada, uma vez que os alunos se dispersam menos ao estarem expostos a uma menor interação.

Os docentes devem recorrer a "várias metodologias em sala de aula, mesmo que esta esteja organizada cooperativamente, dando também lugar a momentos de: i) trabalho individual, para que "(...) cada aluno disponha do tempo e da calma suficientes que lhes permitam reflectir sobre o que aprendeu"; ii) exposição pelo professor, "fundamentais para a clarificação e ilustração de conteúdos"; e iii) trabalho em grupo-turma, promovendo a partilha e o confronto de ideias." (Cochito, 2004, p. 81, citado por Rodrigues, 2015)

Anexo 16 - Excerto do plano de aula de 10 de Janeiro de 2022

Instituto Politécnico de Viseu/Escola Superior de Educação de Viseu  
 Curso de Mestrado em Ensino do 1.º CEB e Português e  
 História Geografia de Portugal do 2.º CEB  
 Prática de Ensino Supervisionada no 2.º CEB I  
 2021/2022

Agrupamento de Escolas Grão Vasco  
 Escola Básica 2,3 Grão Vasco  
 Orientadora Cooperante: Ana Elias Pinheiro  
 5º Ano do 2º Ciclo do Ensino Básico

Plano de Aula nº1

Data: 10 de janeiro de 2021

Áreas Disciplinares: Conteúdos	Descritores de desempenho	Aprendizagens Essenciais	Objetivos	Estratégias de Ensino-Aprendizagem	Avaliação	Recursos/Materiais	Tempo
Cidadania e Desenvolvimento - Igualdade de Género	<ul style="list-style-type: none"> <li>Participativo/ Colaborador;</li> <li>Questionador;</li> <li>Crítico/analítico/ Comunicador;</li> <li>Conhecedor/ Sabedor/Culto/ Informado.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Comunicar adequadamente usando vocabulário específico.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Compreender as diferenças entre sexo e género, assim como as discriminações que se sucedem no quotidiano em função do género.</li> </ul>	- Diálogo entre professora estagiária/aluno/ alunos sobre as tarefas a desenvolver no âmbito Cidadania e Desenvolvimento.	- Observação da atenção dos alunos aquando da explicação das tarefas a cumprir.	<ul style="list-style-type: none"> <li>Folhas brancas A4 e Lápis de Cor.</li> </ul>	9:40
				- Distribuição de folhas brancas (uma por aluno) e lápis de cor pela professora estagiária aos alunos.	- Aferição da disposição dos alunos face à tarefa proposta.		9:45
				-Produção de desenho pelos alunos, de forma individual, onde apresentem	- Análise do empenho dos alunos durante a realização da		9:50



Anexo 17 - Excerto do plano de aula de 14 de Janeiro de 2022

Instituto Politécnico de Viseu/Escola Superior de Educação de Viseu  
 Curso de Mestrado em Ensino do 1.º CEB e Português e  
 História Geografia de Portugal do 2.º CEB  
 Prática de Ensino Supervisionada no 2.º CEB I  
 2021/2022

Agrupamento de Escolas Grão Vasco  
 Escola Básica 2,3 Grão Vasco  
 Orientadora Cooperante: Ana Elías Pinheiro  
 6º Ano do 2º Ciclo do Ensino Básico

Plano de Aula nº2

Data: 14 de janeiro de 2021

Áreas Disciplinares: Conteúdos	Descritores de desempenho	Aprendizagens Essenciais	Objetivos	Estratégias de Ensino-Aprendizagem	Avaliação	Recursos/Materiais	Tempo
Cidadania e Desenvolvimento - Sexualidade	<ul style="list-style-type: none"> <li>Participativo/ Colaborador; Questionador; Sistematizador/ Organizador; Crítico/analítico/ Comunicador; Conhecedor/ Sabedor/Culto/ Informado.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Selecionar e organizar, informação de forma crítica, transformando-a em conhecimento mobilizável.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Conhecer personalidades femininas que desempenharam ou desempenham papéis importantes na História de Portugal.</li> </ul>	- Diálogo professora estagiária/aluno/ alunos sobre as tarefas a desenvolver no âmbito de Cidadania e Desenvolvimento.	- Observação da atenção dos alunos aquando da explicação das tarefas a cumprir.	-Anexo 1: Textos biográficos sobre mulheres da História de Portugal.	8:00
				- Distribuição de textos biográficos aos alunos sobre mulheres da História de Portugal (dois textos iguais para cada dois alunos), inseridos no livro "Portuguesas com M grande" de Lúcia Vicente.	- Aferição da disposição dos alunos face à tarefa proposta.		8:05
				- Leitura, em silêncio, do texto distribuído, por	- Observação da concentração		- Textos biográficos

Anexo 18 - Excerto do plano de aula de 24 de Janeiro de 2022

	(A, B, C, D, E, F, H, I, J)			- Diálogo entre	- Análise da	- Vídeo	8:10
--	-----------------------------	--	--	-----------------	--------------	---------	------

Adriana Gomes, nº11361

				professora estagiária/aluno/ alunos sobre o vídeo, anteriormente, observado, procurando que os discentes destaquem aspetos positivos e negativos desta revolução, entre eles os princípios provenientes da revolução e a ideia de autodeterminação dos povos.	compreensão e interpretação do vídeo efetuadas pelos alunos.	introdutório sobre a Revolução Francesa.	
--	--	--	--	---	--	--	--

Anexo 19 - Imagens da recolha de seres vivos do rio Pavia, em Viseu



Anexo 20 - Análise dos seres vivos recolhidos no rio Pavia com recurso a um fluxograma de identificação dos animais e um mapa elucidativo da (in) tolerância dos mesmos à poluição.



Anexo 21 - Excerto do plano de aula de 11 de março de 2022.

Anexo 3: Cinco vídeos relacionados com questões de inspiração feminista.

Violência de Género – Nascer mulher

Hiperligação: [https://www.youtube.com/watch?v=G\\_Hd1PPRppw](https://www.youtube.com/watch?v=G_Hd1PPRppw)

Roupas de menino e roupas de menina

Hiperligação: <https://www.facebook.com/watch/?v=1221927824530269>

Mulheres e profissões

Hiperligação: <https://www.youtube.com/watch?v=DtVe01vIMGM>

Desigualdade salarial

Hiperligação: <https://www.youtube.com/watch?v=Vb1c4GDplkQ>

Feminismo vs Femismo

Hiperligação: <https://www.facebook.com/watch/?v=1017701031727109>



Simulação do marcador final.

Anexo 22 - Excerto do plano de aula de 8 de junho de 2022

				<p>computador/projetor), das regras a cumprir durante a realização de um debate do tipo parlamentar, o qual se seguirá.</p> <p>- Debate entre os alunos (sob moderação da professora estagiária), agrupados em dois grupos: 12 primeiros alunos e 12 últimos alunos, para que cada um desses grupos possa formular argumentos que defendam: os modos de vida durante a ditadura (12 primeiros alunos) vs os modos de vida em Democracia (12 últimos alunos). Neste momento, cada aluno terá acesso ao seu caderno diário, onde compilou os seus argumentos.</p> <p>-Votação entre os alunos, com moderação da professora estagiária, em torno da questão "O país melhorou com a Democracia?" Para tal, os discentes votarão com o</p>	<p>regras do debate.</p> <p>- Aferição da coadunação das intervenções dos alunos à posição que defendem, bem como das reflexões expostas, de acordo com os conhecimentos construídos em sala de aula.</p> <p>-Observação da coerência dos alunos, no momento da votação, tendo em conta os argumentos</p>	<p>Projetor.</p> <p>- Cadernos diários; Regras do debate; Computador; Projetor.</p> <p>- Regras do debate; Computador; Projetor.</p>	<p>8:40</p> <p>9:15</p>
--	--	--	--	---	---	--	-------------------------

Anexo 23 - Excerto do plano de aula de dia 14 de Janeiro de 2022

				<p>cada um dos pares de alunos.</p> <p>- Análise das informações contidas em cada um dos textos biográficos, pelos pares de alunos, sob a supervisão da professora estagiária.</p> <p>- Elaboração de resumo ou esquema de ideias, no caderno diário, sobre cada uma das biografias analisadas, pelos respetivos pares de alunos, sob supervisão da professora estagiária.</p> <p>- Apresentação de cada um dos textos biográficos por cada par de alunos.</p>	<p>dos alunos durante a leitura silenciosa.</p> <p>- Aferição da atenção dos alunos face à exploração dos textos.</p> <p>- Análise do empenho dos alunos ao longo da exploração dos textos.</p> <p>- Observação da compreensão e da pertinência das informações selecionadas pelos alunos face aos textos biográficos.</p> <p>- Análise das intervenções dos alunos, nomeadamente no que diz</p>	<p>sobre mulheres da História de Portugal.</p> <p>- Textos biográficos sobre mulheres da História de Portugal.</p> <p>- Textos biográficos sobre mulheres da História de Portugal; Cadernos diários; Lápis e Borracha.</p> <p>- Cadernos diários.</p>	<p>8:20</p> <p>8:25</p> <p>8:45</p> <p>9:15</p>
--	--	--	--	--	--	---	---

Anexo 24 - Excerto do plano de aula de 14 de março de 2022

				- Distribuição pela professora estagiária aos alunos (um por aluno) de um documento orientador de atividade de escrita sobre o Texto Descritivo.	- Observação da recetividade dos alunos face ao documento distribuído.	- Anexo 1: Documento orientador da atividade de escrita sobre o Texto Descritivo.	8:50
				- Leitura, em voz alta, por parte da professora estagiária, do documento orientador da tarefa, procurando explicar a mesma à turma.	- Análise da atenção dos alunos durante a leitura do documento orientador.	- Documento orientador da atividade de escrita sobre o Texto Descritivo.	8:52
				-Elaboração por parte dos alunos (a pares, nos cadernos diários) de um texto descritivo, sob orientação da professora estagiária, tendo por base o documento orientador, anteriormente, distribuído. Revisões.	- Aferição das do empenho e das dificuldades dos alunos ao longo da elaboração do texto descritivo.	- Documento orientador da atividade de escrita sobre o Texto Descritivo; Lápis; Borracha; Cadernos diários.	8:55
				- Leitura do texto descritivo, produzido por cada par de alunos, aos restantes colegas, sob orientação da professora estagiária. A ordem de leitura dos textos será	- Análise das competências de escrita manifestadas pelos alunos, relativamente ao Texto Descritivo.	- Textos produzidos pelos pares de alunos; Recipiente com os nomes dos alunos para sorteio.	9:10



Anexo 25 - Excertos dos planos de aula de 30 de maio e de 6 de abril de 2022

			urbanas; os movimentos de oposição à ditadura.	<p>turma.</p> <p>- Escrita do sumário da última aula e abertura das lições da presente pela professora estagiária, no Padlet de H.G.P. da turma, ao mesmo tempo que este é projetado e os alunos o transcrevem para os cadernos diários.</p> <p>- Apresentação à turma, por parte de cada um dos grupos de trabalho, dos diapositivos (PowerPoint) desenvolvidos, na última aula, relativamente a cada subtema, sendo a professora estagiária a mediadora do momento.</p> <p>- Diálogo entre professora estagiária/aluno/ alunos sobre a qualidade do trabalho apresentado por cada um dos grupos e, também, com vista a complementar as informações recolhidas por cada grupo.</p>	<p>- Observação do cumprimento da escrita do sumário e da abertura das lições, pelos alunos, nos cadernos diários.</p> <p>- Análise dos conhecimentos construídos pelos alunos e consequentemente da capacidade crítica potenciada pelo trabalho.</p> <p>- Aferição das capacidades autoavaliativas e de avaliação entre pares expressas pelos alunos, bem como dos contributos da turma para completar cada um dos trabalhos.</p>	<p>- Padlet; Computador; Projetor; Canetas; Cadernos diários.</p> <p>- Diapositivos (Google Slides); Computador; Projetor.</p> <p>- Diapositivos (Google Slides); Computador; Projetor.</p>	<p>8:08</p> <p>8:10</p> <p>8:30</p>
--	--	--	--	---	--	---	-------------------------------------

				<p>- Formulação (por parte de cada grupo, sob orientação da professora estagiária), de três perguntas sobre: as reformas no ensino, as reformas na justiça e as características das artes</p>	<p>- Aferição do empenho e das dificuldades dos alunos, durante a formulação das perguntas e respostas.</p>	<p>- Anexo 2: Diapositivos (Google Slides); Padlet; Telemóveis.</p>	<p>8:40</p>
--	--	--	--	---	---	---	-------------

2

				<p>(uma perguntas sobre cada âmbito e <del>respostas</del> respostas: uma <del>correta</del> e duas <del>incorretas</del>) *. As perguntas e respostas (uma <del>correta</del> e duas <del>incorretas</del>) serão estruturadas por cada grupo de trabalho em diapositivos, online (Google Slides), disponibilizados no Padlet da turma, os quais poderão ser editados, simultaneamente, com recurso aos telemóveis.</p> <p>- Apresentação à turma,</p>	<p>- Análise da</p>	<p>- Diapositivos</p>	<p>9:10</p>
--	--	--	--	---	---------------------	-----------------------	-------------

Anexo 26 - Excerto de plano de aula de 31 de Janeiro de 2022

				- Escrita de uma frase, pela professora estagiária, no quadro branco, baseada no texto das páginas 98 e 99 do manual, lido e explorado na última aula "Uma beleza irreconhecível" de José Eduardo Agualusa.	- Observação da atenção dos alunos aquando da escrita da frase no quadro branco.	- Anexo 1: Frase baseada no texto "Uma beleza irreconhecível" de José Eduardo Agualusa; Quadro branco; Caneta.	8:49
				- Identificação, por parte dos alunos, das Funções Sintáticas (já abordadas): Sujeito: Simples e Composto; Predicado; Complemento Direto; Complemento Indireto e Vocativo, presentes na frase, anteriormente, escrita no quadro, tendo como ponto de partida a colocação de questões (Quem? Quem? ou O Quê? a Quem?), ao verbo da frase. Revisões.	- Análise da pertinência das intervenções dos alunos, no momento de relembrar conteúdos já abordados.	-Quadro branco; Caneta.	8:50
				- Explicação por parte da professora estagiária, à turma, sobre o facto de, para além das Funções Sintáticas já conhecidas, podermos identificar uma outra, o Predicativo	-Observação da atenção dos alunos no momento da explicação proferida.		8:58

Anexo 27 - Excerto de plano de aula de 24 de Janeiro de 2022

				- Atribuição de subtemas pela professora estagiária a cada um dos cinco* grupos de trabalho, direcionando, no mesmo momento, cada grupo, para os respetivos materiais, a explorar. Para tal, alguns dos materiais estarão compilados no Padlet da turma e outros serão entregues em papel.	- Observação da aceitação manifestada pelos grupos face aos subtemas e aos respetivos materiais disponibilizados.	- Anexo 2: Subtemas. - Anexo 3: Materiais a explorar. Padlet; Computador; Projetor.	8: 15
				-Elaboração de dois dos seguintes recursos por cada um dos grupos: entrevistas, reportagens e notícias – escritas ou	-Aferição do empenho, da autonomia e das dificuldades expressas pelos	- Anexo 4: Documentos orientadores da entrevista, da reportagem e	8:20

2

---

				orais, recorrendo, para tal, aos telemóveis dos elementos dos grupos e tendo como suporte os materiais disponibilizados, anteriormente. Iniciação dos trabalhos.	grupos no decorrer do trabalho.	da notícia; Telemóveis; Materiais a explorar.	8:45
--	--	--	--	--	---------------------------------	---	------

Anexo 28 - Excerto do plano de aula de 23 de maio de 2022

			mesma, enquanto Interjeição. Revisões.				
			- Questionamento (por parte da professora estagiária aos alunos) sobre a possibilidade de substituição da Interjeição presente no poema abordado por outras que se adequem ao contexto e a entoação.	- Observação da atenção dos discentes perante a questão colocada.	- Poema "Cidade" de Sophia de Mello Breyner Andresen.		9:08
			- Diálogo entre professora estagiária/aluno/alunos sobre as Interjeições que poderão substituir aquela que se encontra no poema.	- Análise da pertinência das intervenções dos alunos relativamente à estrutura interna do poema.	- Poema "Cidade" de Sophia de Mello Breyner Andresen.		9:10
			- Realização de um Quiz sobre as Interjeições, de forma individual por parte dos alunos e sob a supervisão da professora estagiária, com recurso aos telemóveis dos mesmos.	- Observação da existência de possíveis dúvidas dos alunos, relativamente às Interjeições.	- Anexo 4: Quiz sobre as Interjeições; Telemóveis.		9:15
			- Correção do Quiz, anterior, em grande	- Aferição do entendimento	- Quiz sobre as Interjeições;		9:21

Anexo 29 - Excerto do plano de aula de 7 de junho de 2022

				<p>professora estagiária aos alunos, das instruções presentes no Padlet de Português, com vista a orientar a elaboração das atividades de cada grupo.</p> <p>- Partilha, por parte da professora estagiária, com os alunos, de mapa,* presente no Padlet, onde se localizam os espaços da cidade de Viseu, inseridos no roteiro.</p> <p>-Elaboração de atividades (por parte de cada grupo, sob orientação da professora estagiária), que se adequem a cada um dos poemas distribuídos, com o intuito de integrarem um roteiro, intitulado "Roteiro de poesia pela liberdade na cidade de Viseu". Para efetuar esta tarefa os alunos deverão recorrer aos seus telemóveis para preencher os diapositivos do Google Slides.</p>	<p>concentração dos alunos durante a leitura das instruções.</p> <p>- Observação do reconhecimento dos espaços da cidade por parte dos alunos.</p> <p>- Aferição das competências colaborativas dos alunos, bem como das dúvidas que os mesmos poderão manifestar.</p>	<p>presentes no Padlet; Computador; Projetor.</p> <p>- Anexo 7: Mapa com os espaços da cidade que integram o roteiro; Computador; Projetor.</p> <p>- Cinco poemas sobre a falta de liberdade; Diapositivos (Google Slides);- Instruções presentes no Padlet; Telemóveis.</p>	<p>8:43</p> <p>8:45</p>
--	--	--	--	--	--	--	-------------------------

Anexo 30 - Excerto do plano de aula de 7 de junho de 2022

				-Apresentação das atividades elaboradas por cada grupo, com vista a integrarem o "Roteiro de poesia pela liberdade na cidade de Viseu", a partir dos respetivos poemas.	- Análise da criatividade/ imaginação dos alunos face à tarefa solicitada.	- "Roteiro de poesia pela liberdade na cidade de Viseu"; Diapositivos (Google Slides); Computados; Projetor.	9:05
				-Escrita do sumário da presente aula, no quadro, pelo aluno que abriu a lição, ao mesmo tempo que a restante turma procede à sua transcrição no caderno diário (*1).	- Observação da escrita do sumário, por todos os alunos, no caderno diário, bem como da não existência de incorreções aquando da escritura da mesma no quadro.	- Quadro; Canetas; Cadernos diários.	9:25
9:30							
<p>Observações:</p> <p>Nota: Desde o momento em que a turma entrar na sala de aula, os discentes serão orientados para a disposição por grupos (já formados no âmbito da disciplina de História e Geografia de Portugal).</p> <p>*O mapa com os locais por onde passa o roteiro ficará projetado para os alunos desde o momento em que for apresentado.</p> <p>1) Áreas de Competência do Perfil dos Alunos: A – Linguagens e textos; B – Informação e comunicação; C – Raciocínio e resolução de problemas; D – Pensamento crítico e pensamento criativo; E – Relacionamento interpessoal; F – Desenvolvimento pessoal e autonomia; G – Bem-estar, saúde e ambiente; H – Sensibilidade estética e artística; I – Saber científico, técnico e tecnológico; J – Consciência e Domínio do Corpo.</p>							

Anexo 31 - Excerto do plano de aula de 8 de junho de 2022

				braço no ar, dando uma das três respostas: Sim; Não; Abstenção. O resultado da votação será anotado pela professora estagiária, que o anunciará no final da aula.  -Justificação por parte dos alunos (sob moderação da professor estagiária), das opções de votação no momento da mesma.	apresentados ao longo do debate.  - Análise da pertinência das justificações dos alunos face à opção de votação.	- Regras do debate; Computador; Projetor.	9:20  9:30
<p><b>Observações:</b></p> <p>Nota: Desde o momento em que a turma entrar na sala de aula, os discentes serão orientados para a disposição em U, sendo que 12 alunos localizar-se-ão ao longo de metade do U e os outros 12 alunos localizar-se-ão ao longo da outra metade do U, de modo a poderem observar todos os colegas e a sentirem que estão num parlamento a defender as suas ideias.</p> <p>As regras do debate manter-se-ão projetadas desde o momento do debate até ao final da aula.</p> <p>1) Descritores de desempenho dos alunos:</p> <p>A-Linguagens e textos; B-Informação e Comunicação; C-Raciocínio e Resolução de Problemas; D-Pensamento crítico e pensamento criativo; E-Relacionamento Interpessoal; F-Desenvolvimento pessoal e autonomia; G-Bem-estar, saúde e ambiente; H-Sensibilidade estética e artística; I—Saber científico, técnico e tecnológico; J-Consciência e domínio do corpo.</p> <p>2) Anexos Anexo 1: Regras do debate.</p>							

## Anexo 32 - Excerto de plano de aula de 8 de junho de 2022

### Anexo 1: Regras do debate.

- 1º Os alunos deverão respeitar todas as orientações da moderadora;
- 2º Cada aluno deverá inscrever-se para expor os seus argumentos e as participações decorrerão de acordo com a ordem das inscrições;
- 3º Nenhum aluno deverá partilhar argumentos sem que a moderadora lhe dê a palavra;
- 4º Cada aluno só pode apresentar um argumento de cada vez que intervém, de modo a perceber se algum dos colegas o quer confrontar;
- 5º Cada aluno tem o tempo máximo de dois minutos para expor e defender o seu argumento;
- 6º Os alunos não deverão repetir argumentos;
- 7º Os alunos deverão ser coerentes ao apresentar os seus argumentos;
- 8º No momento da votação final, todos os alunos, podem votar de forma favorável ou não à proposta "Portugal melhorou com a Democracia?".



Anexo 33 - Excerto do plano de aula de 11 de março de 2022

Anexo 3: Cinco vídeos relacionados com questões de inspiração feminista.

Violência de Género – Nascer mulher

Hiperligação: [https://www.youtube.com/watch?v=G\\_Hd1PPRppw](https://www.youtube.com/watch?v=G_Hd1PPRppw)

Roupas de menino e roupas de menina

Hiperligação: <https://www.facebook.com/watch/?v=1221927824530269>

Mulheres e profissões

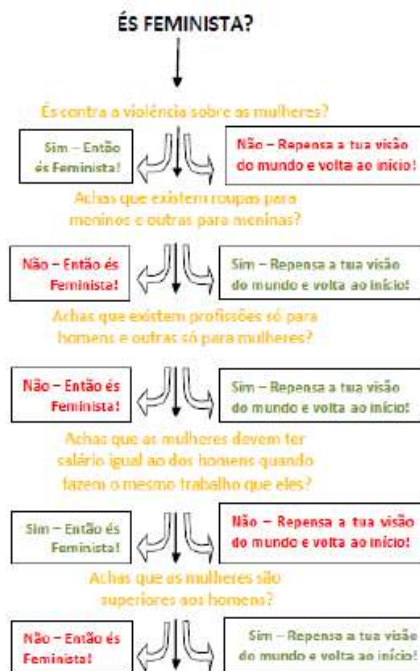
Hiperligação: <https://www.youtube.com/watch?v=DtVe01vIMGM>

Desigualdade salarial

Hiperligação: <https://www.youtube.com/watch?v=Vblc4GDplkQ>

Feminismo vs Femismo

Hiperligação: <https://www.facebook.com/watch/?v=1017701031727109>



Simulação do marcador final.

## Anexo 34 - Excerto de plano de aula de 25 de maio de 2022

Anexo 2: Subtemas a trabalhar pelos grupos de trabalho.

### Grupo 1

- Os ideais do Estado Novo (Deus, Pátria e Família).
- Educação e Mocidade Portuguesa (Propaganda).

### Grupo 2

- As influências do contexto europeu e internacional na ditadura salazarista.
- Regimes Totalitários.

### Grupo 3

- A repressão exercida por via da censura e dos atentados aos Direitos Humanos (Prisões; Torturas e Assassinatos).
- As limitações impostas aos Direitos das Mulheres.

### Grupo 4

- Os modos de vida das comunidades urbanas e rurais.
- A vida das comunidades rurais Alentejanas.

### Grupo 5

- Os movimentos de oposição ao Estado Novo.
- Os movimentos de resistência que reuniam escritores, cantores e intelectuais.

## Anexo 35 - Excerto de plano de aula de 18 de maio de 2022

### Anexo 1: Inquérito.

#### Inquérito

O presente inquérito, por questionário, realiza-se no âmbito de um estudo académico, integrado no Mestrado em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico e de Português e História e Geografia de Portugal no 2.º Ciclo do Ensino Básico e pretende avaliar a importância da consciência histórica para a formação da consciência social e política de alunos do 2.º Ciclo do Ensino Básico, mais especificamente, do 6.º ano de escolaridade.

Todos os dados recolhidos necessitam de identificação, para tratamento de dados, contudo, não serão divulgados no trabalho de investigação científica, assegurando-se, assim, a sua confidencialidade.

 [adrianandreiagomes@gmail.com](mailto:adrianandreiagomes@gmail.com) (não partilhado)  
[Mudar de conta](#)

 Rascunho restaurado

\*Obrigatório

Nome: \*

A sua resposta

Idade: \*

A sua resposta

Sexo (masculino ou feminino): \*

A sua resposta

Data: \*

Data

dd/mm/aaaa 

1. Nos períodos que estudaste, anteriores ao Estado Novo foi possível identificar valores de liberdade, igualdade e fraternidade. Quais foram esses períodos históricos? \*

A sua resposta

1.1. Indica situações do dia-a-dia do período salazarista (Estado Novo), onde osseos valores não eram respeitados. \*

Anexo 36 - Excerto de plano de aula de 1 de maio de 2022


				- Observação (por parte dos alunos, sob orientação da professora	- Aferição da atenção dos alunos durante a	- Anexo 2: Documentário: "Como era	8:15
--	--	--	--	--	--	------------------------------------	------

2

				estagiária de documentário "Como era Portugal antes da Democracia" sobre os modos de vida da sociedade portuguesa durante o período da ditadura salazarista, com recolha, em simultâneo de informações expressas, pelo mesmo, as quais serão estruturadas com base num guião.	observação do documentário.	Portugal antes da Democracia"; Guião; Computador; Projetor; Coluna de som.	
				- Diálogo entre professora	- Análise da compatibilidade	- Guião.	8:55

Anexo 37 - Excerto de plano de aula de 1 de maio de 2022

Anexo 1: Guião a preencher durante a observação do documentário.

 <b>ESCOLA BÁSICA GRÃO VASCO</b> HISTÓRIA E GEOGRAFIA DE PORTUGAL - 9º ANO - 2021/2022
Nome: _____ nº _____ Turma: _____ Data: ____/____/____

**Guião de observação do documentário "Como era Portugal antes da Democracia?"**

As longo da observação de um documentário sobre a vida durante o Estado Novo poderão tirar notas sobre o que viram/ouvirem, de modo a fornecer a sua opinião sobre este período histórico.

Deves ter em atenção os seguintes aspetos:

**1. Saúde:**

1.1. Havia hospitais e mistelidades em todo o país?

1.2. A taxa de mortalidade infantil era alta ou baixa?

**2. Trabalho:**

2.1. Com que idade se começava a trabalhar?

2.2. Que tipo de trabalhos era comum?

2.3. Era fácil arranjar emprego?

2.4. Qualquer pessoa podia desempenhar qualquer trabalho, com nenhum tipo de restrição?

2.5. Os salários eram iguais para homens e mulheres?

**3. Comunicações:**

3.1. As estradas eram boas?

3.2. Os correios e os telefones estavam ao alcance de todos?

**4. Educação e escolas:**

4.1. Era comum estudar?

4.2. As taxas de analfabetismo eram altas ou baixas?

4.3. Até que idade se obrigava à má escola?

4.4. Havia muitas escolas?

4.5. Como eram as condições das escolas?

4.6. Com que livros se aprendia?

**5. Comércio:**

5.1. Onde é que as pessoas normalmente compravam o que necessitavam ou vendiam os seus produtos?

**6. Casa:**

6.1. Toda a gente tinha água canalizada, luz, aquecimento e esgotos?

6.2. Como era a maioria das casas?

**7. Religião:**

7.1. Havia liberdade de religião?

7.2. A igreja tinha muito ou pouco poder?

**8. Sociedade:**

8.1. Os homens e as mulheres divertiam-se da mesma forma?

8.2. Havia muito turismo em Portugal?

8.3. Coisas que hoje são normais, como namorar na rua, divorciar-se, ser filho de pais separados ou viver juntos sem estar casados, eram normais nessa época?

8.4. As mulheres tinham os mesmos direitos que os homens?

**9. Política:**

9.1. Havia liberdade de expressão?

9.2. Como é que se manifestava a censura?

9.3. Todos podiam votar?

**10. Bem-estar:**

10.1. O que significava "felicidade" no tempo do Estado Novo?

Bom trabalho! 

Anexo 38 - Excerto de plano de aula de 25 de maio de 2022

Anexo 3: Fontes de trabalho.


Grupo 1

- Os ideais do Estado Novo (Deus, Pátria e Família).
- Educação e Mocidade Portuguesa (Propaganda).

Foi Deus, meu amor!

Mãezinha, quem fez as árvores?  
Quem pintou o azul dos céus?  
Quem fez as serras e os montes?  
Quem fez os rios e as fontes?  
-Meu amorzinho, foi Deus.

- Quem fez os frutos tão lindos e a graça de cada flor?  
- Quem fez os peixes do mar e os passarinhos do ar?  
- Quem foi? Foi Deus, meu amor!



Hiperligação:

<https://www.youtube.com/watch?v=GDWDMY9FgwE>



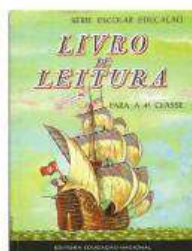
A nossa Pátria é uma grande família formada por todos os Portugueses, sem distinção de lugares ou de raças.

Como todas as famílias, tem um chefe que superiormente a dirige e a representa – é o Chefe do Estado, que se chama Presidente da República.

Numa família digna, o chefe, que é o pai, tem de ser querido, respeitado e obedecido pelos filhos. Também, numa nação cónscia dos seus deveres, o Chefe tem de ser estimado e honrado pelos que a constituem.

Tributar veneração ao nosso Chefe de Estado, prestar-lhe as honras devidas pelo cargo que exerce e cumprir o que ele manda é, pois, dever de lealdade para com a Pátria, que temos obrigação de amar e servir.

Se alguma vez, meus meninos, passar por vós Sua Excelência o Presidente da República, ou vos encontrardes na sua presença, saudai-o respeitosamente, vendo nele o Chefe Supremo da Nação que vos honra de pertencer, o Chefe da grande Família Portuguesa.



O pai e mãe, unidos pelo casamento, constituem o centro da família. Os indivíduos que a formam encontram-se ligados por um profundo sentimento de amor, nascido dos laços de sangue e da vida em comum.

[...] Um legislador, há mais de um século e meio, escreveu "Ninguém é bom cidadão, se não for bom filho, bom pai, bom irmão, bom amigo e bom esposo".

*Na família, o chefe é o Pai, na Escola, o chefe é o Mestre; no Estado, o chefe é o Governo.  
Honra em tudo e por tudo teu Pai e tua Mãe.*

## Anexo 39 - Excerto de plano de aula de 25 de maio de 2022

### Grupo 5

- Os movimentos de oposição ao Estado Novo.
- Os movimentos de resistência que reuniam escritores, cantores e intelectuais.

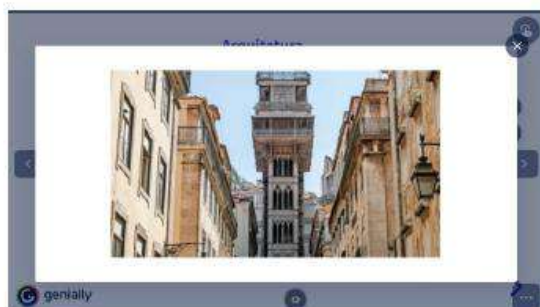
Hiperligação: <https://www.youtube.com/watch?v=7mfyUkCPPpw&list=PLEPWKcyTN-k2MaNV9CG-ehhQiCO4wr-6f&index=2>

Hiperligação: <https://www.youtube.com/watch?v=8ur7ne3SWwc>

Hiperligação: <https://www.youtube.com/watch?v=F31SL9LexoQ>

Anexo 40 - Excerto de plano de aula de 6 de abril de 2022

Anexo 1: Recurso interativo sobre as características das artes.





Anexo 41 - Excerto de plano de aula de dia 7 de dezembro de 2021

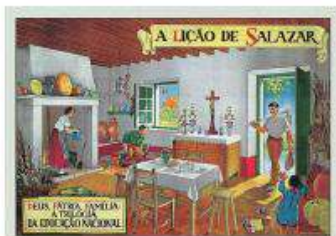
				- Observação de um vídeo, por parte dos	- Aferição da atenção dos	- Anexo 1: Vídeo sobre as	8:10
--	--	--	--	---	---------------------------	---------------------------	------

Adriana Gomes, nº11361

				alunos, sobre as características e a estrutura de um texto não literário - a Notícia.  - Diálogo entre professora estagiária/aluno/alunos, como forma de sintetizar as informações expressas pelo vídeo.	alunos durante a observação do vídeo.  - Análise do entendimento das informações expressas no vídeo pelos alunos.	características e a estrutura da Notícia; Computador e Projetor.	8:15
--	--	--	--	--	---	--	------

Anexo 42 - Excerto de plano de aula de 23 de maio de 2022

Anexo 2: Imagens.





Anexo 44 - Excerto de plano de aula de dia 29 de Novembro de 2021

				- Resolução de um Quiz, pelos alunos, projetado no quadro, sob orientação da professora estagiária, relativo à conjugação de verbos regulares no Presente do Conjuntivo.	- Observação do entendimento dos alunos face à conjugação de verbos regulares no Presente do Conjuntivo.	- Anexo 3: Quiz sobre o Presente do Conjuntivo; Computador; Projetor; Internet e aplicação Quizizz.	9:25
9:30							
<p><b>Observações:</b></p> <p>*1 Modos: Indicativo (Presente; Pretérito Perfeito; Pretérito Imperfeito; Pretérito mais que Perfeito (Simples e Composto); Futuro); Imperativo e Condicional.</p> <p>*2 O Manual de Português utilizado pela turma encontra-se de acordo com o Programa e Metas Curriculares.</p> <p>Anexos: Anexo 1: Página n.º75 do manual de Português. Anexo 2: Frases a escrever no quadro; Anexo 3: Quiz sobre o Presente do Conjuntivo.</p> <p>Descritores de Desempenho: A – Linguagens e textos; B – Informação e comunicação; C – Raciocínio e resolução de problemas; F - Desenvolvimento Pessoal e Autonomia; I - Saber científico, técnico e tecnológico; J - Consciência e Domínio do Corpo.</p>							

Anexo 45 - Excerto de plano de aula de 24 de maio de 2022

				<p>oliveira do meu avô" de Iciar Bollain, com o intuito de que os alunos procurem estabelecer relações/ligações entre este e o poema, anteriormente abordado.</p> <p>- Observação de vídeo divulgativo (trailer) do filme "A oliveira do meu avô" de Iciar Bollain.</p> <p>- Discussão entre professora estagiária/ aluno/alunos sobre as possíveis relações existentes entre o poema "A árvore é um ser para ser em nós" e o trailer do filme "A oliveira do meu avô".</p> <p>- Encaminhamento dos alunos, por parte da professora estagiária, com vista à formação de pares para a realização de uma tarefa.</p> <p>- Disposição dos alunos a</p>	<p>-Verificação da atenção dos alunos ao longo da observação do vídeo.</p> <p>- Análise da capacidade dos alunos face ao estabelecimento de relações entre os dois recursos.</p> <p>- Aferição da recetividade dos alunos quanto à formação de pares.</p> <p>- Observação</p>	<p>Computador e Projetor.</p> <p>- Vídeo-Trailer do filme "A oliveira do meu avô" de Iciar Bollain; Computador e Projetor.</p> <p>- Poema "A árvore é um ser para ser em nós"; Trailer do filme "A oliveira do meu avô".</p>	<p>8:22</p> <p>8:25</p> <p>8:40</p> <p>8:42</p>
--	--	--	--	---	---	--	---

Anexo 46 - Excerto de plano de aula de 24 de maio de 2022

				- Distribuição (por parte da professora estagiária a cada aluno) do poema "A árvore é um ser para ser em nós" de António Ramos Rosa.	- Observação da recetividade dos alunos perante o poema distribuído.	- Anexo 1: Poema "A árvore é um ser para ser em nós" de António Ramos Rosa.	8:05
				-Audição, por parte dos alunos, sob orientação da professora estagiária, da leitura do poema distribuído, o qual será declamado pela própria, com base num vídeo projetado.	- Análise da atenção dos alunos durante a audição da leitura do poema.	- Anexo 2: Vídeo com a declamação do poema "A árvore é um ser para ser em nós" de António Ramos Rosa; Melodia de fundo "Cinema Paradiso" de Morricone.	8:07
				- Diálogo entre professora estagiária/aluno/alunos sobre a interpretação que os alunos depreenderam do poema ouvido.	- Aferição da pertinência das intervenções dos alunos relativamente aos significados do poema.	- Poema "A árvore é um ser para ser em nós" de António Ramos Rosa.	8:10
				- Direcionamento dos alunos, por parte da professora estagiária, para o vídeo divulgativo (trailer) do filme "A	- Observação da recetividade dos alunos, relativamente à tarefa.	- Anexo 3: Vídeo- Trailer do filme "A oliveira do meu avô" de Iciar Bollain;	8:20

Anexo 47 - Excerto de plano de aula de 6 de junho de 2022

				- Audição e observação de vídeo pelos alunos, sob orientação da professora estagiária, no qual é efetuada a leitura da obra "Menino Menina" de Joana Estrela.	- Análise da atenção dos alunos durante a audição e observação do vídeo com a leitura da obra.	- Anexo 1: Vídeo com a leitura da obra "Menino Menina" de Joana Estrela; Computador; Projetor.	13:17
				- Diálogo entre professora estagiária/aluno/alunos em torno de algumas ilustrações e respetivos segmentos de texto da obra (os quais serão projetados), anteriormente mencionada, com o intuito de desconstruir estereótipos de género.	- Aferição da pertinência das intervenções dos alunos face às ilustrações e segmentos de texto que visam desconstruir estereótipos.	- Anexo 2: Ilustrações e segmentos de texto da obra a projetar; Computador; Projetor.	13:22
				- Observação de vídeo pelos alunos, sob orientação da professora estagiária, com o intuito de sensibilizar a turma para a Igualdade de Género.	- Verificação da atenção dos alunos ao longo da observação do vídeo.	- Anexo 3: Vídeo sobre Igualdade de Género; Computador; Projetor.	13:42
				- Diálogo entre professora estagiária/aluno/alunos,	- Observação da compreensão dos alunos em	- Vídeo sobre Igualdade de Género.	13:46

## Anexo 48 – Excerto de plano de aula de 23 de março de 2022

### Anexo 2: Texto dramático “Tempos frenéticos”, incompleto.

Escola Básica 2, 3, Grão Vasco, 6.º G  
História e Geografia de Portugal  
Segunda metade do século XIX: Vias, meios de comunicação e meios de transporte  
Nome: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_\_

No reinado de D. Maria II, iniciou-se um período de desenvolvimento e modernização da economia portuguesa, a que se deu o nome de Regeneração. Esta modernização ocorreu ao nível da agricultura, da indústria, tal como já estudaste e também, das vias, meios de comunicação e dos meios de transporte, como veremos de seguida.

1 – Depois da leitura do texto dramático (incompleto) que se segue, elabora as faixas finais a luz dos saberes construídos.

#### Tempos frenéticos

(Segunda metade do século XIX, em Lisboa: Fontes Pereira de Melo – Ministro das Obras Públicas, Comércio e Indústria - conversa com D. Maria II, no Palácio das Necessidades, em Lisboa, sobre a evolução que estava a decorrer nos meios de comunicação, em Portugal).

**Fontes Pereira de Melo** – Majestade, venho, comunicar-lhe que estamos prestes a colocar em prática a reforma de um dos nossos meios de comunicação a qual irá revolucionar Portugal... a reforma dos Correios!

**D. Maria II** – Sr. Ministro, o que está a dizer? Explique-me melhor como pretende fazer tal reforma?

**Fontes Pereira de Melo** – Majestade, a partir deste meio de comunicação, passaremos a ler a profissão de carteiros. Para que estes carteiros possam fazer o seu trabalho iremos atribuir nomes às ruas, números às portas de cada residência, marcos de correio para o depósito das correspondências e para que os carteiros não circulem com muito dinheiro, criaremos o selo postal adesivo que garante o pagamento da correspondência pelo remetente. Para homenagear a Majestade, o primeiro selo contará com a vossa efigie!

**D. Maria II** – Sr. Ministro, mas que grande notícia! Estou ansiosa para ver todo esse processo! Que maravilha...

**Fontes Pereira de Melo** – Majestade, não imagina como vossa aprovação é gratificante... Permita que me retire para dar continuidade aos trabalhos.

**D. Maria II** – Agradeço tão agradável visita.

**Fontes Pereira de Melo** – Com a vossa licença...

(Fontes Pereira de Melo retira-se do Palácio das Necessidades).

(Depois da morte de D. Maria II, surge o Telegrafo, sustentado no código Morse e anos mais tarde são instaladas as primeiras redes públicas de telefone. Entretanto, no reinado de D. Pedro V, também, ao nível das vias de comunicação e dos meios de transporte não tardaram as novidades! No dia da inauguração da primeira viagem do comboio a vapor, entre Lisboa e o Carregado, D. Pedro V, à chegada a cerimónia solene, percebe que o mesmo já havia partido.

Dias depois, Fontes Pereira de Melo reúne-se com D. Pedro V no Palácio das Necessidades).

**Fontes Pereira de Melo** – Vossa Majestade, como está? Lamento que não tenha conseguido chegar a tempo de experienciar a primeira viagem de comboio. Ainda, necessitamos de proceder a alguns ajustes para melhorar o desempenho deste meio de transporte, mas tudo a seu tempo!

**D. Pedro V** – Sr. Ministro foi realmente lamentável. Esperava não me atrasar tanto... Surgirão outras oportunidades!

**Fontes Pereira de Melo** – Sem dúvida, Majestade! Importa, agora, pensar na expansão da rede ferroviária e não só... Penso que podemos apostar nas estradas macadamizadas e até mesmo o meio de transporte, designado de “Mala-Posta”, para o transporte de passageiros, mercadorias e correio!

**D. Pedro V** – Sr. Ministro, o seu contributo para o desenvolvimento de Portugal é fundamental, apenas peço alguma contenção devido aos custos que toda esta modernização implica.

**Pereira de Melo Fontes** – Vossa Majestade, o desenvolvimento económico está a decorrer. Estas obras são o grande segredo do progresso! A circulação de pessoas e de mercadorias passará a ser mais rápida, segura e barata.

**D. Pedro V** – Acredito nas suas palavras, Sr. Ministro! Vamos em frente! Esta será a era do Portugal! Mantenha-me a par dos acontecimentos.

**Fontes Pereira de Melo** – Assim farei, Majestade. Agradeço o reconhecimento!

(Fontes Pereira de Melo retira-se.

Agum tempo depois, numa das suas deslocações, em trabalho, a Moncorvo, Fontes Pereira de Melo, encontra um mineiro que partilha alguns dos seus problemas).

---

---

---

---

---

---

---

---



Anexo 49 - Excerto do plano de aula de dia 24 de Janeiro de 2022



**D2** A Revolução Francesa de 1789 e seus reflexos em Portugal

**2.1 A Revolução Francesa e as invasões napoleónicas**

A Revolução Francesa vai ter um efeito revolucionário que vai mudar o mundo inteiro!

**A grande revolução de 1789**

A Revolução Francesa ocorreu no final do século XVIII, em 1789. O movimento revolucionário começou em Paris e espalhou-se de raiz para o resto da França. Os revolucionários franceses, nas suas ações, impuseram a guilhotina e a guilhotina, e a guilhotina com o poder absoluto do rei e com os seus poderes absolutos e absolutos, que lhes eram negados pelo rei e pela aristocracia. Os revolucionários em 1789, "marcos vitais". Defensores que tinham a palavra e a palavra de ordem para a liberdade, todos os direitos, todos os direitos, todos os direitos. O governo na França é baseado na liberdade, na liberdade, na liberdade e na liberdade absoluta e absoluta, de todos os direitos, de todos os direitos.

**Fig. 1 - Pintura de um revolucionário francês: "Liberté, égalité, fraternité"**

**Fig. 2 - Batalha de Marston em 1213**

Anexo 50 - Excerto de plano de aula de dia 24 de Janeiro de 2022

				<p>professora estagiária/aluno/ alunos sobre o vídeo, anteriormente, observado, procurando que os discentes destaquem aspetos positivos e negativos desta revolução, entre eles os princípios provenientes da <b>revolução e a ideia de autodeterminação dos povos.</b></p> <p>- Atribuição de subtemas pela professora estagiária a cada um dos cinco* grupos de trabalho, direcionando, no mesmo momento, cada grupo, para os respetivos materiais, a explorar. Para tal, alguns dos materiais estarão compilados no Padlet da turma e outros serão entregues em papel.</p> <p>-Elaboração de dois dos seguintes recursos por cada um dos grupos: entrevistas, reportagens e notícias – escritas ou</p>	<p>compreensão e interpretação do vídeo efetuadas pelos alunos.</p> <p>- Observação da aceitação manifestada pelos grupos face aos subtemas e aos respetivos materiais disponibilizados.</p> <p>- Aferição do empenho, da autonomia e das dificuldades expressas pelos</p>	<p>introdutório sobre a Revolução Francesa.</p> <p>- Anexo2: Subtemas. - Anexo 3: Materiais a explorar. Padlet; Computador; Projetor.</p> <p>- Anexo 4: Documentos orientadores da entrevista, da reportagem e</p>	<p>8: 15</p> <p>8:20</p>
--	--	--	--	---	--	--	--------------------------

Anexo 51 - Excerto de plano de aula de dia 24 de Novembro de 2021

				<p>alunos, sobre edifícios do período Barroco em Portugal (com base, inclusive, em sugestões de edifícios e respetivos sites, introduzidos no Padlet *) sob orientação da professora estagiária para posterior organização na aplicação "Genially".</p> <p>- Organização, por parte dos alunos, das imagens selecionadas e das informações obtidas a partir da investigação anterior, com recurso à aplicação " Genially", sob orientação da professora estagiária.</p> <p>- Regresso dos alunos e da professora estagiária à sala de aula.</p> <p>- Apresentação dos trabalhos realizados por cada grupo à turma.</p>	<p>informações fidedignas por parte dos alunos.</p> <p>- Análise da capacidade dos alunos para a estruturação das informações na aplicação, a partir da imagem selecionada por cada grupo.</p> <p>-Observação dos comportamentos ordeiros dos alunos aquando da deslocação à biblioteca.</p> <p>- Aferição da compreensão dos conhecimentos</p>	<p>Padlet, a partir dos quais os alunos poderão ter acesso a sites com informações fiáveis; Computadores e internet.</p> <p>-Computadores ; internet e aplicação "Genially".</p> <p>- Projetor; Computador; internet e aplicação</p>	<p>8:55</p> <p>9:10</p> <p>9:15</p>
--	--	--	--	--	---	--	-------------------------------------

Anexo 52 - Excerto de plano de aula de 30 de maio de 2022

			urbanas; os movimentos de oposição à ditadura.	<p>turma.</p> <p>- Escrita do sumário da última aula e abertura das lições da presente pela professora estagiária, no Padlet de H.G.P. da turma, ao mesmo tempo que este é projetado e os alunos o transcrevem para os cadernos diários.</p>	<p>- Observação do cumprimento da escrita do sumário e da abertura das lições, pelos alunos, nos cadernos diários.</p>	<p>- Padlet; Computador; Projetor; Canetas; Cadernos diários.</p>	8:08
				<p>- Apresentação à turma, por parte de cada um dos grupos de trabalho, dos diapositivos (PowerPoint) desenvolvidos, na última aula, relativamente a cada subtema, sendo a professora estagiária a mediadora do momento.</p>	<p>- Análise dos conhecimentos construídos pelos alunos e consequentemente da capacidade crítica potenciada pelo trabalho.</p>	<p>- Diapositivos (Google Slides); Computador; Projetor.</p>	8:10
				<p>- Diálogo entre professora estagiária/aluno/ alunos sobre a qualidade do trabalho apresentado por cada um dos grupos e, também, com vista a complementar as informações recolhidas por cada grupo.</p>	<p>- Aferição das capacidades autoavaliativas e de avaliação entre pares expressas pelos alunos, bem como dos contributos da turma para completar cada um dos trabalhos.</p>	<p>- Diapositivos (Google Slides); Computador; Projetor.</p>	8:30

Anexo 53 - Excerto de plano de aula de 14 de março de 2022

Anexo 1: Documento orientador da atividade de escrita sobre o Texto Descritivo.

Escola Básica 2, 3, Grão Vasco - Viseu  
Português, 5.ºG

Nome: \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_\_

Texto Descritivo



Na descrição são utilizados, frequentemente:

**Nomes** que identificam os elementos do espaço ou da paisagem, combinados com adjetivos;

**Expressões** com valor de lugar que ajudam a encadear o discurso (em cima, em baixo, à direita, à esquerda, à frente, ao lado...);

**Verbos** (ver, observar, encontrar, notar, sentir, ouvir...) no presente ou no pretérito imperfeito do indicativo;

**Recursos expressivos** como a comparação, a metáfora e a enumeração;

**Expressões** que traduzem sensações visuais, auditivas, olfativas, táteis e gustativas.

Não te esqueças de:

Usar vocabulário variado e rico em adjetivos, respeitar as regras de ortografia, acentuação, pontuação, sinais auxiliares de escrita e de verificar o texto produzido.

► **Elabora, no teu caderno diário, um Texto Descritivo acerca da pintura "O Tempo - Passado e Presente" de Paula Rego, tendo em consideração os seguintes aspetos:**

- 1) O ambiente que envolve as personagens (cores, luz e espaço);
- 2) As situações que se observam na pintura (ações e estados de espírito);
- 3) Os sentimentos e emoções que a pintura te provocou.

**Nota:** Na tua descrição refere todas as personagens e pelo menos dois dos quadros expostos nas paredes.

**Recorda:** A descrição obedece a uma ordem lógica, normalmente do geral para o particular e do mais próximo para o mais distante.

Anexo 54 - Excerto de ficha de avaliação

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS GRÃO VASCO, VISEU  

 PORTUGUÊS  
 6.º ANO – Data \_\_\_\_/\_\_\_\_/2022

Aluno/a: \_\_\_\_\_ N.º: \_\_\_\_\_ Turma: \_\_\_\_\_  
 Ficha por domínios:  
 Educação Literária: \_\_\_\_\_ Escrita: \_\_\_\_\_  
 A professora estagiária: \_\_\_\_\_

Domínio: Educação Literária

Lê, atentamente, o poema que se segue.

**Ao desconcerto do Mundo**

Os bons vi sempre passar  
 No mundo graves tormentos  
 E para más me espantar  
 Os más vi sempre nadar  
 5 Em mar de contentamentos.  
 Cuidando<sup>1</sup> alcançar assim  
 O bem tão mal ordenado  
 Foi mau mas fui castigado.  
 Assim que, só para mim,  
 10 Anda o mundo concertado.

Luís de Camões, in Sophia de Melo Breyner Andersen  
 (seleção), *Primeiro livro de poesia*, 14ª. Ed., Porto,  
 Porto Editora, 2015, p.61

<sup>1</sup> cuidando – pensando.

1. Assinala com um X, de 1.1. a 1.2., a opção que completa corretamente cada frase, de acordo com o sentido do texto.

1.1. O poema é constituído por:

- A. Um monóstico.                       C. Uma nona.  
 B. Uma décima.                         D. Uma oitava.

1.2. Atena nos versos " E para más me espantar / Os más vi sempre nadar." A rima que eles apresentam é:

- A. Interpolada.  
 B. Emparelhada.  
 C. Cruzada.

1.3. Os versos do poema têm todos

- A. Cinco sílabas métricas.                       C. Sete sílabas métricas.  
 B. Seis sílabas métricas.                       D. Oito sílabas métricas.

2. O sujeito poético fala de dois tipos de pessoas.

2.1. Indica os tipos de pessoas às quais ele se refere e transcreve do texto as duas palavras que utiliza para designar cada um desses tipos de pessoas.

\_\_\_\_\_

3. Explica a razão do espanto que o sujeito poético diz sentir no verso 3.

\_\_\_\_\_

4. Ao ver o modo como o mundo estava organizado, qual foi a decisão que o sujeito poético decidiu tomar?

\_\_\_\_\_

4.1. A consequência dessa decisão foi a esperada? Justifica a tua resposta com uma expressão do texto.

\_\_\_\_\_

6. Explica, por palavras tuas, os dois últimos versos do poema.

\_\_\_\_\_

8. "Os más vi sempre nadar/ Em mar de contentamentos" (versos 4 e 5).

Assinala com X a opção que completa a seguinte afirmação.

Nos versos transcritos, utiliza-se:

- A.  Comparação.                                      C.  Perífrase.  
 B.  Metáfora.                                        D.  Anáfora.

8.1. Rele os versos transcritos na pergunta 5 e assinala a opção que melhor justifica a ideia presente nos mesmos.

O sujeito poético pretende mostrar que:

A.  As alegrias dos "maus" eram muitas.

B.  As alegrias dos "maus" eram poucas.

C.  As tristezas dos "maus" eram muitas.

**Domínio:** Escrita

Tal como Luis de Camões escreveu no poema que leste, muitas vezes o mundo anda desconcerta tomando-se injusto para muitas pessoas.

Escreve um texto de opinião, no qual refiras algumas ideias para concertar o mundo, tomar-o num lugar melhor para todas as pessoas viverem.

O teu texto deve ter um mínimo de 140 e um máximo de 200 palavras.

Deves incluir um título, uma introdução, um desenvolvimento e uma conclusão.

Utiliza articuladores discursivos, tais como:

- |                       |                        |                 |
|-----------------------|------------------------|-----------------|
| * Na minha opinião... | * Em primeiro lugar... | * Por último... |
| * Eu penso que...     | * Em segundo lugar...  | * Deste modo... |
| * Parece-me que...    | * Por um lado...       | * Assim...      |
| * Acho que...         | * Por outro lado...    | * Concluindo    |

Não te esqueças de:

**Planificar** o teu texto:

- Apresenta o assunto do texto de opinião: o desconcerto do mundo.
- Identifica 3 problemas que as pessoas vivem no dia-a-dia por causa do desconcerto do mundo.
- Explicita soluções para resolver cada um desses problemas.

**Redigir** o teu texto de acordo com a planificação e tem cuidado com a divisão em parágrafos, ortografia, acentuação e a pontuação; utiliza vocabulário específico do assunto que está a ser tratado e cuida da apresentação final do texto.

**Rever** o teu texto, de forma cuidada e corrigir o que for necessário.

Bom trabalho!



## Anexo 55 – Projeto Interdisciplinar

	<b>Agrupamento de Escolas Grão Vasco</b>	
Projeto Interdisciplinar 6ºF		

Descrição	
<b>DOMÍNIO:</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Educação Sexual.</li> </ul>
<b>CALENDARIZAÇÃO:</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>3º Período.</li> </ul>
<b>PRODUTO FINAL:</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Sensibilização para a Igualdade de Género;</li> <li>Produção de trabalhos manuais de desconstrução de estereótipos.</li> </ul>
<b>OBJETIVOS:</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Compreender as diferenças entre "sexo" e "género";</li> <li>Desconstruir estereótipos;</li> <li>Sensibilizar para a igualdade de direitos e oportunidades.</li> </ul>
<b>COMPETÊNCIAS TRANSVERSAIS A DESENVOLVER:</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Integrar conteúdos das várias disciplinas;</li> <li>Identificar e usar adequadamente diferentes conceitos;</li> <li>Realizar atividades de forma autónoma, responsável e criativa;</li> <li>Trabalhar com os outros em tarefas e projetos comuns;</li> <li>Respeitar a diferença/ o (s) outro (s).</li> </ul>

CONTRIBUTO DAS DISCIPLINAS:	TAREFAS A DESENVOLVER:
CÍNCIAS	<ul style="list-style-type: none"> <li>Distinguir as diferenças entre "sexo" e "género" a partir da observação de um vídeo: <a href="https://www.youtube.com/watch?v=QHIFOP8ik">https://www.youtube.com/watch?v=QHIFOP8ik</a></li> <li>Leitura e interpretação do livro-álbum "Menino Menina" de Joana Estrela.</li> <li>Conhecer mulheres que marcaram a História de Portugal e que não constam nos manuais, através da obra "Mulheres com M Grande" de Lúcia Vicente.</li> <li>Audição da canção "As sete mulheres do Minho" de José Afonso e diálogo sobre as sensações e emoções dos alunos face à mesma, <a href="https://www.youtube.com/watch?v=8sET-Pcjl">https://www.youtube.com/watch?v=8sET-Pcjl</a></li> <li>Análise do poema "As sete mulheres do Minho" de José Afonso.</li> <li>Produção de um desenho de um rapaz e de uma rapariga por cada aluno, onde seja possível observar a ausência de estereótipos de género.</li> </ul>
ADT	
HGP	
E. MUSICAL	
PORTUGUÊS	
EV	

Página | 142

	<b>Agrupamento de Escolas Grão Vasco</b>	
Avaliação		
<ul style="list-style-type: none"> <li>Responsabilidade;</li> <li>Empenho;</li> <li>Empatia;</li> <li>Autonomia;</li> <li>Pertinência das intervenções/Espírito crítico;</li> <li>Aplicação dos conhecimentos construídos.</li> </ul>		
<b>Observações:</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>As tarefas, acima referidas, encontram-se dispostas pela ordem com que devem ser abordadas nas respetivas disciplinas, de modo a estabelecer um encadeamento eficiente e lógico entre as mesmas.</li> <li>No que concerne à atividade dedicada à disciplina de Ciências da Natureza será importante reiterar, nomeadamente, que as características biológicas incluem, quanto às raparigas, o desenvolvimento dos seios e em geral, um menor desenvolvimento da musculatura e do número de pêlos ao longo do corpo, em comparação com os rapazes. Em relação a estes últimos seria indispensável ressaltar que as características biológicas abarcam o aparecimento de barba e geralmente, um maior desenvolvimento da musculatura e do número de pêlos ao longo do corpo, comparativamente com as raparigas.</li> <li>A atividade relacionada com a disciplina de História e Geografia de Portugal deverá ser realizada, a pares ou em grupo, sendo necessária a seleção de alguns dos textos biográficos da obra mencionada, para que os discentes possam ler, analisar e extrair as ideias principais. No final da aula, cada par ou grupo partilhará com a restante turma os aspetos que considerou mais importantes, relativamente ao texto que abordou.</li> <li>A atividade a desenvolver na disciplina de Educação Visual deverá traduzir os conhecimentos construídos em relação à temática explorada e, por isso, pretende-se que cada aluno elabore um desenho, no qual represente um menino e uma menina desprovidos de estereótipos de género (menino: cabelo curto/roupa azul/brincando com carros/jogando futebol, etc.; menina: cabelo comprido/roupas cor-de-rosa/brincando com bonecas/fazendo ballet, etc.) Portanto, pretende-se que os alunos, nos seus desenhos, expressem que meninos e meninas podem ter cabelos curtos ou compridos, roupas azuis ou cor-de-rosa, brinquem com carros ou bonecas, joguem futebol ou façam ballet, entre outros.</li> </ul>		



Anexo 56 - Alguns dos desenhos finais dos/as alunos/as, no âmbito do Projeto Interdisciplinar



Anexo 57 - Cartaz divulgativo das atividades comemorativas do 25 de Abril de 1974



**Escola Básica 2, 3 Grão Vasco 2021/2022**

**COMEMORAÇÕES  
25 DE ABRIL**

**27 de abril a 6 de maio**

Público-Alvo: 6.º anos  
Local: Salas de aula de ADT e de Cidadania e Desenvolvimento

- Visualização de vídeos sobre o 25 de Abril de 1974 e elaboração de mensagens alusivas aos valores da revolução;
- Exposições na Biblioteca Escolar: Livros e notícias de jornais relacionados com o Estado Novo e o 25 de Abril de 1974.

**29 de abril**

8:00h - 9:30h/9:40h - 11:10h

Público-alvo: 6.º C; 6.º D; 6.º E; 6.º G  
Local: Auditório

- À conversa com Graça Marques: partilha de testemunho enquanto presa-política da ditadura salazarista.

Anexo 58 - Partilha de testemunho de uma ex-presa política, Graça Marques



Anexo 59 - Músicas de intervenção reproduzidas na Biblioteca Escolar



Anexo 60 - Notícias e capas de jornais expostos



Anexo 61 - Listagem de obras partilhadas nas redes sociais na escola.



Anexo 62 - Certificado de participação no “I Colóquio Internacional de Teoria e Crítica Literária e II Colóquio Nacional de Literatura, Memória e Subjetividade: Deslocamentos e Identidades”



Anexo 63 – Diferenças entre respostas antes e após a leção dos conteúdos relacionados com o período do Estado Novo

1. Nos períodos que estudaste, anteriores ao Estado Novo foi possível identificar valores de liberdade, igualdade e fraternidade. Quais foram esses períodos históricos?		
Antes	Depois	Diferenças
"Monarquia constitucional"; "1ª República"; "Revolução Francesa".	"Monarquia constitucional"; "1ª República"; "Revolução Francesa".	Não se registaram Diferenças.

1.1. Indica situações do dia-a-dia do período salazarista (Estado Novo), onde esses valores não eram respeitados.		
Antes	Depois	Diferenças
"Rapazes e raparigas não podiam conviver"; "As pessoas não podiam dar opinião"; "Prisão perante opiniões contrárias"; "Racismo"; "Machismo"; "Proibição do consumo de Coca-Cola"; "Não tinham direitos, nem podiam votar"; "Não tinham liberdade de expressão".	"Não havia liberdade de opinião, não se podia votar"; "As mulheres não podiam fazer coisas que os homens podiam"; "As pessoas eram presas e torturadas"; "Não se podiam ver filmes, nem ouvir as músicas e os livros que se queriam"; "Os homens mandavam nas mulheres e estas tinham menos direitos que eles"; "As pessoas eram torturadas por tentarem ter liberdade"; "Não se podia beber coca-cola"; "Não se podia cantar contra o Estado Novo"; "As mulheres tinham de ter autorização dos maridos e não podiam votar"; "Os homens recebiam mais do que as mulheres por qualquer trabalho que desempenhassem".	No 2.º inquérito, verifica-se que um maior número de alunos/as apresentou respostas que revelam maior conhecimento de conteúdos associados à consciência social e política, como o caso da tortura e no que se refere à situação das mulheres. Também ganharam maior sensibilidade para as liberdades individuais e culturais.



<p>2. Relativamente ao contexto escolar, da época do Estado Novo, as turmas eram mistas (integravam rapazes e raparigas) ou eram constituídas por alunos do mesmo sexo?</p>		
<p>Antes</p>	<p>Depois</p>	<p>Diferenças</p>
<p>"Não havia escolas para meninos e meninas separadamente"; "Escolas separadas"; "Turmas de meninos e turmas de meninas"; "As escolas eram separadas por sexo"; "Não havia escolas do mesmo sexo".</p>	<p>"As turmas eram todas do mesmo sexo"; "As escolas eram constituídas por alunos do mesmo sexo"; "As turmas não eram mistas".</p>	<p>No 1.º inquérito existiram respostas erradas, embora a maioria de alunos/as tivesse respondido corretamente. No 2.º inquérito nenhuma aluno/as respondeu de forma incorreta.</p>
<p>2.1. Atualmente, o ensino em Portugal é misto ou exige separação entre rapazes e raparigas?</p>		
<p>Antes</p>	<p>Depois</p>	<p>Diferenças</p>
<p>"Ensino misto"; "Agora todos/as podem estudar juntos".</p>	<p>"Ensino misto".</p>	<p>Não existem diferenças.</p>
<p>2.2. Na tua opinião, o que pode motivar a separação de rapazes de raparigas em contexto escolar?</p>		
<p>Antes</p>	<p>Depois</p>	<p>Diferenças</p>
<p>"O machismo"; "Para não haver relacionamentos"; "Desigualdade de género"; "Evitar agressões e relações amorosas"; "Pelo facto dos sexos serem diferentes em atitudes"; "Para não se apaixonarem, porque depois tinham de ir para a guerra"; "Porque os rapazes não eram delicados e as meninas eram cuidadosas"; "Para não existir bullying dos rapazes para as raparigas"; "Para estarmos mais atentos por causa dos namoricos"; "O ensino era diferente para cada sexo".</p>	<p>"Para que não haja relações em ambiente escolar"; "Para não haver relações sexuais"; "A atitude dos alunos"; "Desigualdade de género"; "Não se poder namorar na escola"; "Para os alunos não se distraírem"; "O ensino era diferente"; "Machismo e desigualdade"; "A moral e os costumes"; "Dizia-se que os homens eram melhores em tudo, mas não".</p>	<p>Não existem grandes diferenças nas respostas, no entanto no 2.º inquérito há referência à moral e aos bons costumes.</p>

3. No regime do Estado Novo, existiam direitos que estavam vedados tanto a homens como a mulheres? Indica dois desses direitos.		
Antes	Depois	Diferenças
<p>"Não podiam falar o que quisessem nem ouvir todas as músicas";            "Não se podia beber coca-cola e ter um voto contrário";            "Falar sobre o Estado e desafiar a censura";            "Expressar as suas opiniões";            "Falar mal do Estado Novo e viajar para fora do país";            "As mulheres não podiam votar, e os homens não sei";            "Os rapazes não se podiam envolver com as raparigas";            "Os homens que não tivessem um emprego não podiam votar e as mulheres não podiam votar porque Salazar achava que elas eram inferiores aos homens";            "O direito ao ensino e o direito de opinião";            "Não podiam beijar-se na rua, nem namorar".</p>	<p>"Expressar opiniões e trabalhar naquilo que quisessem";            "A liberdade e o direito de votar";            "Trabalhar e estudar";            "Beber coca-cola e ter uma opinião diferente";            "Tinham que obedecer ao Estado, podiam exercer a profissão que quisessem, desde que estivessem dentro dos limites que eram definidos";            "As mulheres não podiam votar e nem sair do país sem autorização de um homem";            "Os homens tinham de ir à tropa e sustentar a família";            "Não podiam ouvir música e ver filmes";            "Os homens tinham de ir para a guerra";            "Não tinham liberdade e só algumas pessoas podiam votar";            "Não podiam falar mal do Salazar e não podiam reclamar";            "As mulheres ficavam a cuidar da casa, enquanto os homens iam trabalhar";            "Não se podia namorar nem falar livremente".</p>	<p>Existem algumas diferenças que revelam maior consciência política: o problema da guerra (Os homens eram obrigados a ir à guerra). As mulheres surgem como cuidadoras no Estado Novo "As mulheres cuidavam da casa e os homens iam trabalhar". A ideia de que tinham de obedecer ao Estado Novo surge de forma mais clara, assim como as limitações que eram impostas para o exercício de algumas profissões.</p>

<p>3.1. Nesta época as mulheres estavam, ainda, mais limitadas que os homens nos seus direitos. Refere exemplos de direitos que, não estavam ao alcance das mulheres e que, hoje, estão garantidos.</p>		
Antes	Depois	Diferenças
<p>"As mulheres não podiam usar calças nem votar";          "Não podiam trabalhar e a maior parte não podia votar";          "Voto de alguma coisa e ser aceite em alguma coisa";          "Serem consideradas fracas";          "Votar e tomar decisões";          "As mulheres só podiam usar saias";          "As mulheres não podiam ir ao serviço militar";          "O direito ao voto e não podiam vestir-se como quisessem";          "Não podiam jogar futebol nem sair à noite sozinhas";          "As mulheres não podiam ter certas profissões";          "As mulheres não podiam ter um salário superior a um homem nem podiam sair do país sem autorização do homem".</p>	<p>"As mulheres hoje podem trabalhar onde quiserem";          "As escolas são as mesmas para ambos os sexos";          "Já não é preciso a permissão do marido ou pai para sair do país";          "Direito a votar";          "Direito a trabalhar e a ter os mesmos salários do que os homens";          "Poder trabalhar onde quiser"          "Votar e trabalhar fora de casa";          "Escolher com quem queriam casar, em quem votar, ter opinião própria";          "As mulheres não podiam ter um salário superior a um homem";          "As mulheres podem ir para o exército e vestirem o que entendem";          "As mulheres não podiam ir para os cafés";          "As mulheres não podiam ser polícias nem ser advogadas, nem ir para a guerra";          "As mulheres não podiam jogar à bola nem vestir-se como se vestem agora";          "As mulheres precisavam de uma autorização do homem para criar uma empresa";          "Não podiam trabalhar, votar e mandar";          "As mulheres não podiam ter certos empregos sem autorização dos homens".</p>	<p>As principais diferenças situam-se do 1.º para o 2.º inquérito nas limitações que as mulheres tinham nos contextos privados e públicos, como por exemplo, frequentar cafés, criar uma empresa, ser polícias, escolher com quem queriam casar. As mulheres não podiam "mandar". Existe, assim uma maior consciência sobre os direitos individuais e a Igualdade de Género.</p>

4. Durante o Estado Novo, as pessoas viviam da mesma forma que, hoje, nós vivemos?		
Antes	Depois	Diferenças
<p>"Não"; "Era bem diferente"; "Não viviam da mesma forma que nós"; "Não, porque viviam numa ditadura"; "Não, porque não tinham liberdade"; "Tudo era desigual entre homens e mulheres".</p>	<p>"Não tinham os mesmos direitos das pessoas de hoje em dia"; "Não tinham liberdade e hoje em dia temos"; "Não. Havia muitas limitações"; "Não"; "Antes viviam em casas velhas e hoje vivem em casas novas".</p>	<p>Não existem diferenças.</p>

4.1. Compara a forma como as pessoas viviam no período da ditadura com a atualidade ao nível de:		
4.1.1. Vestuário		
Antes	Depois	Diferenças
<p>"As mulheres não podiam usar calças"; "Os homens não podiam vestir saias, só podiam vestir calções"; "Era um vestuário pobre e velho"; "Mulheres de saias e os homens de calças"; "Existiam vestuário pré-definido e hoje toda a gente pode usar o que quiser"; "As meninas não podiam usar calças e os meninos só usavam calças"; "Hoje em dia as meninas vestem calças, se quiserem e os meninos podem usar calções"; "As mulheres usavam saias enormes e panos na cabeça e os homens usavam uma roupa humilde"; "Agora as mulheres usam uma roupa adequada ao clima e usam o que querem"; "Os homens usam uma roupa adequada ao seu trabalho e o que quiserem"; "As raparigas eram obrigadas a usarem saias e os rapazes uniforme e hoje podemos utilizar o que quisermos"; "Antigamente as mulheres não podiam mostrar a barriga e hoje em dia podem vestir o que quiserem"; "Os homens não podiam usar calções curtos na rua, nem roupas cor-de-rosa e hoje podem".</p>	<p>"As mulheres eram obrigadas a usar saias e vestidos e os homens não usavam calções, apenas calças"; "As mulheres não podiam usar calças"; "O vestuário era muito pobre"; "O vestuário era pior, menos confortável e caro"; "Mulheres tinham que usar saias compridas, panos na cabeça e os homens tinham que andar vestidos com roupas mais humildes"; "As mulheres não podiam vestir o que quisessem"; "As raparigas tinham de usar vestidos ou saias até passar o joelho"; "As mulheres tinham de usar saias que tapassem as pernas e os homens de usar calças e fato"; "Era muito raro haver calçado e vestuário novo e nas escolas havia uniforme próprio"; "As pessoas vestiam-se muito mal e às vezes as roupas estavam rasgadas, enquanto agora vestem-se muito bem e de forma elegante".</p>	<p>As diferenças do 1.º para o 2.º inquérito não são muito significativas, contudo, alguns alunos ressaltam algumas questões como o conforto, o preço das roupas e o tamanho das mesmas "Tinham de usar vestidos ou saias até passar o joelho."</p>

4.1 Compara a forma como as pessoas viviam no período da ditadura com a atualidade ao nível de:		
4.1.2. Profissões/Emprego		
Antes	Depois	Diferenças
<p>"Só os homens podiam trabalhar e as mulheres não";</p> <p>"Muitas pessoas eram pobres";</p> <p>"A maioria do trabalho era muito pesado e feito à mão";</p> <p>"O trabalho era muito intensivo e o ordenado muito baixo";</p> <p>"As mulheres eram donas de casa e os homens eram quem trabalhava mais e não recebiam o devido ordenado";</p> <p>"Trabalhavam nos campos e hoje em dia trabalham nas cidades, na maioria das vezes";</p> <p>"Os cargos mais baixos eram para as mulheres e hoje em dia não";</p> <p>"Antigamente os empregos não eram tão bons e não se recebia tão bem";</p> <p>"Os homens na tropa e as mulheres em casa";</p> <p>"As mulheres podiam ser enfermeiras de guerra e professoras primárias";</p> <p>"As mulheres faziam costura em casa e os homens candidatavam-se a presidentes e agora trabalham todos juntos e no que quisermos".</p>	<p>"As mulheres tinham poucos empregos";</p> <p>"Trabalhavam em escolas, fábricas, agricultura e pescas";</p> <p>"Havia profissões só para homens";</p> <p>"Não podiam escolher os empregos que queriam";</p> <p>"As mulheres eram enfermeiras";</p> <p>"As mulheres não podiam exercer algumas profissões";</p> <p>"As oportunidades de emprego para homens e mulheres eram diferentes";</p> <p>"Ganhavam pouco salário";</p> <p>"Os homens trabalhavam mais na agricultura e pescas";</p> <p>"Os trabalhos eram piores e ganhava-se menos dinheiro";</p> <p>"As mulheres eram donas de casa e hoje em dia não";</p> <p>"A maioria dos homens trabalhava nas fábricas e agricultura e as mulheres eram principalmente professoras";</p> <p>"Mulheres limpavam as casas e os homens trabalhavam nas minas";</p> <p>"As mulheres só podiam ser professora, trabalhar nos campos, serem boas donas de casa e boas mães"; "Os homens tinham mais oportunidades que elas".</p>	<p>Do 1.º para o 2.º inquérito cresce a ideia de que "as oportunidades de emprego para homens e mulheres eram diferentes". São citadas algumas profissões de mulheres como enfermeiras e professoras. As mulheres estavam destinadas a ser boas donas de casa e boas mães.</p>

4.1 Compara a forma como as pessoas viviam no período da ditadura com a atualidade ao nível de:		
4.1.3. Tempos Livres		
Antes	Depois	Diferenças
<p>           "As mulheres apenas faziam tarefas domésticas";            "Ambos dançavam e cantavam canções da época";            "Caminhavam e estavam com os amigos, liam um bom livro";            "Estudavam e divertiam-se";            "Não existiam tempos livres como agora";            "Antes trabalhavam as terras e agora vão para o vício dos ecrãs";            "Os homens trabalhavam e as mulheres ficavam em casa a trabalhar nas tarefas de casa";            "Hoje podem andar na rua a passear e a mexer nos telemóveis";            "Naquela altura ficavam em casa a trabalhar";            "Não sei, nunca ouvi falar";            "Antes as pessoas trabalhavam e as crianças brincavam e hoje mexem no telemóvel ou vêm televisão";            "Antes as pessoas iam ao cinema ou ficavam em casa";            "Estudavam e hoje caminham";            "Antes viviam e hoje jogam computador";            "Os homens iam aos cafés e as mulheres cuidavam dos filhos";            "Hoje ficamos a ver vídeos ou vamos sair com amigos";            "Não sei, acho que não faziam nada".         </p>	<p>           "As pessoas costuravam e iam para o campo";            "Nos tempos livres ajudavam a cuidar dos filhos";            "As mulheres nos tempos livres arrumavam a casa e tratavam dos filhos";            "As mulheres eram donas de casa e os homens iam para o café";            "Estudar";            "Nos tempos livres ficavam em casa";            "Não tinham tempos livres porque trabalhavam muito";            "A ocupação dos tempos livres era ajudar os pais a trabalhar e no caso dos homens iam para os cafés".         </p>	<p>           Surge pela primeira vez no 2.º inquérito a ideia de que as pessoas trabalhavam muito e por isso não tinham tempos livres, em especial as mulheres que ficavam em casa a cuidar dos filhos e os homens iam para os cafés.         </p>

5. Na época do Estado Novo havia preocupação com a garantia dos Direitos Humanos?		
Antes	Depois	Diferenças
10- "Não"; 3 – "Sim"; 2 – "Não sei"	9- "Não"; 1 – "Sim";	Praticamente não existem diferenças.

5.1. No caso de teres respondido que não, refere que direitos consideras não terem sido assegurados?		
Antes	Depois	Diferenças
"Direitos à Saúde e Educação"; "Salário mínimo e boas condições para o trabalhador"; "Não havia liberdade e liberdade de escolha"; "Não havia liberdade de expressão e de ter certas coisas"; "As mulheres vestirem-se como quisessem e não se podia dar opiniões"; "A maior parte das mulheres não tinha direito a votar"; "A igualdade, liberdade e a paz"; "Liberdade e Fraternidade"; "Igualdade das mulheres".	"A liberdade"; "Não podiam fazer o que queriam porque tinham regras"; "O direito a votar e a liberdade"; "Não podiam criticar sobre política"; "Não havia liberdade para se expressarem"; "Os direitos das mulheres e liberdade de expressão"; "As mulheres não poderem trabalhar no que quisessem".	No 2.º inquérito existe a referência à falta de direitos políticos, mas no 1.º inquérito são mencionados 2 direitos sociais direito à saúde e à educação.

6. Na tua opinião o facto de existirem, atualmente, vários partidos políticos, representa uma vantagem ou uma desvantagem? Justifica a tua resposta.		
Antes	Depois	Diferenças
"Uma vantagem"; "Uma vantagem para nós votarmos"; "Uma vantagem para cada pessoa poder escolher"; "Uma vantagem, porque não ficamos presos a escolher um único político"; " Porque há mais opções para votar"; "Uma vantagem pois nem todas as pessoas pensam do mesmo jeito"; "Vantagem porque podem defender as pessoas, cuidam do País e gostam do povo"; "Uma vantagem porque se algum der uma má ideia os outros não o apoiam"; "Não precisa de ser só uma pessoa com os poderes todos"; "Mais partidos, mais mentiras".	"Uma vantagem pois mesmo que haja partidos ruins, sempre há uma boa opção"; "Uma vantagem"; "Mais escolhas e mais pontos de vista"; "Vantagem liberdade de expressão"; "Vantagem por podermos ter opiniões diferentes e assim levar a um futuro melhor"; "Vantagem: mais opções de escolha"; "Vantagens porque se fosse só um a controlar o país seria muito difícil"; "Desvantagem porque há mentiras".	Não existem diferenças significativas, mas consolida-se a ideia da importância da liberdade de pensamento e de opinião para fazer escolhas.

6.1. Na tua perspetiva, porque é que durante a ditadura do Estado Novo existia apenas um único partido político?	Antes	Depois	Diferenças
	<p>"Para o mesmo partido estar sempre a governar";</p> <p>"Porque o País era censurado";</p> <p>"Para existir apenas uma opinião";</p> <p>"Para as pessoas terem uma só opção";</p> <p>"Para ser sempre ele a ganhar";</p> <p>"Porque não queria perder o Estado";</p> <p>"Porque não havia mais pessoas para assumir a responsabilidade de ser presidente";</p> <p>"Porque era uma ditadura";</p> <p>"Porque não havia direito de escolha";</p> <p>"Ninguém se poderia candidatar";</p> <p>"Para eles terem mais oportunidades de ganhar";</p> <p>"Porque os restantes eram assassinados pelo que vencia".</p>	<p>"Para que não tivessem outra escolha de voto e só um assegurasse o poder";</p> <p>"Para as pessoas não terem escolha e só existir um governante";</p> <p>"Porque éramos um país censurado";</p> <p>"Porque era uma época ruim com poucas vantagens";</p> <p>"Para não ter opiniões diferentes, não se entrar em conflito";</p> <p>"Porque não havia pessoas a quererem ser presidentes e quem mandava era o Salazar e ele preferia que houvesse um só partido";</p> <p>"Para o partido do Salazar ganhar sempre";</p> <p>"Porque não tinham outra escolha";</p> <p>"Para a oposição não vencer as eleições";</p> <p>"Para não roubar o lugar ao ditador".</p>	<p>Nota-se nas respostas do 2.º inquérito uma maior sistematização com a ideia de que a oposição não podia vencer para que se mantivesse a ditadura.</p>



<p>7. 7.1. Durante o Estado Novo, este era um exemplo de tortura aplicado às pessoas que se opunham ao regime de Salazar. Qual a tua opinião sobre estes procedimentos?</p>		
<p>Antes</p> <p>"Não acho bem as pessoas serem torturadas";          "Acho errado porque as pessoas nem sequer tinham um pano para se limpar quando estivessem com a menstruação";          "As pessoas nem tinham o direito a fazer as suas necessidades em local apropriado";          "As torturas não têm pontos positivos porque mexem com a parte psicológica";          "As torturas fazem muito mal física e psicologicamente";          "Estes procedimentos não são necessários";          "São muito agressivos, horrorosos e desumanos";          "É mau pois as pessoas não tinham direito a dormir nem ir à casa de banho, o que leva a problemas psicológicos";          "É mau porque não faziam investigações para saber se era verdade ou não";          "Salazar foi o pior presidente de sempre";          "Eram muito dolorosos";          "É mau pois as pessoas não tinham os seus direitos";          "A tortura era um crime";          "Eram exagerados nas torturas quase levando a vítima a uma morte lenta".</p>	<p>Depois</p> <p>"Acho que estes procedimentos afetaram psicologicamente as pessoas e deixaram uma marca muito funda de dor";          "É horrível porque prejudica as pessoas física e mentalmente";          "As mulheres deviam ter pelo menos um papel para se limparem";          "A tortura pode acabar por matar a vítima";          "Eram maus e dolorosos e injustos porque muitas pessoas inocentes morriam";          "Eram horrorosos";          "Eram poucas as pessoas a cometerem crimes pois não queriam ser torturadas";          "Era desumano";          "A tortura devia ser proibida.";          "Havia pessoas acusadas mas que eram inocentes";          "A tortura é contra os direitos humanos";          "Pode levar ao suicídio".</p>	<p>Diferenças</p> <p>No 2.º questionário consolida-se a ideia de que a tortura é contra os Direitos Humanos.</p>

8. Consideras que a Guerra Colonial levada a cabo pelo Estado Novo foi positiva para Portugal? Justifica a tua resposta.			
	Antes	Depois	Diferenças
	<p>"Não porque morriam muitas pessoas na guerra";</p> <p>"Não porque gastaram muitos recursos de Portugal";</p> <p>"Não porque Portugal ficou muito destruído";</p> <p>"Não porque enfraqueceu o País";</p> <p>"Não sei";</p> <p>"Não porque Portugal perdeu as colónias";</p> <p>"Não porque só foi perda de homens";</p> <p>"Não porque era desnecessário fazer uma guerra";</p> <p>"Não porque as colónias queriam tornar-se independentes e Portugal levou para lá o seu exército para isso não acontecer";</p> <p>"Não, deixou de haver comida e os soldados voltaram doentes";</p> <p>"Não porque estavam a matar pessoas e outras morriam à fome";</p> <p>"Foi positivo para Portugal";</p> <p>"Não porque o País estava a ficar mais pobre e muitas pessoas morreram na Guerra";</p> <p>"Não porque a violência não ajuda em nada".</p>	<p>"Não, muitas pessoas morreram";</p> <p>"Não porque gastaram recursos e morreram pessoas";</p> <p>"Não porque tiveram mais dificuldades e várias mortes";</p> <p>"Não porque as forças armadas portuguesas ficaram em choque";</p> <p>"Não porque muitos soldados ficaram doentes";</p> <p>"Não porque o País gastou dinheiro em armas e o povo passava fome";</p> <p>"Não porque muitas pessoas ficaram com trauma";</p> <p>"Não porque muitas famílias ficaram destruídas";</p> <p>"Não porque morria muita gente e outros ficaram incapacitados";</p> <p>"Não porque o País ficou com problemas sociais, económicos e demográficos".</p>	<p>No 2.º inquérito surge uma visão mais global dos problemas sociais, económicos e demográficos do País. Também se verifica uma maior consciência dos problemas que emergiam após a guerra, como os traumas e as pessoas incapacitadas.</p>

<p>8.1. Ao longo de anos faleceram milhares de homens na Guerra Colonial. Entre estas pessoas que perderam a vida encontravam-se muitas que lutavam pelo direito à independência. Achas justo que um povo tenha o direito a lutar pela sua autodeterminação (independência)? Explica a tua resposta.</p>		
<p>Antes</p> <p>"Não vale a pena morrerem tantas pessoas só para serem comandados por eles mesmos";  "Sim porque podem ajudar o seu país";  "Sim, porque estão a mostrar coragem";  "Sim, porque a liberdade é muito importante";  "Sim porque cada um tem direito às suas opiniões e ao seu jeito de pensar";  "Sim, porque eles têm que se defender";  "Sim porque não precisam de estar dependentes de ninguém";  "Sim porque têm governo próprio";  "Sim porque querem ser livres e não serem censurados";  "Não porque deviam ser os militares";  "Sim porque assim não somos obrigados a fazer o que eles querem";  "É justo para defender o seu país";  "Sim porque somos todos humanos e todos temos opinião";  "Sim para tentar melhorar o país";  "Sim porque todos devem ter liberdade, pelo menos uma vez na vida";</p>	<p>Depois</p> <p>"Acho que estão certos em querer lutar pela sua liberdade e independência";  "Sim, porque podem mudar o seu país";  "Sim, porque o povo não queria ser comandado por outro país";  "Deviam ter esse direito e não arriscar a vida por ele";  "Sim porque todos deviam lutar pelos seus sonhos e pela sua independência";  "Sim, porque a independência era importante";  "Sim porque cada pessoa merece a sua liberdade";  "Sim porque os povos tinham direito à sua soberania";  "Sim porque querem ter uma vida melhor";  "Sim é justo porque têm o direito de mandar no seu país";  "Sim, pois toda a gente pode ser livre e não dependente de alguém";  "Sim porque devemos lutar pelos nossos direitos e pela nossa autonomia".</p>	<p>Diferenças</p> <p>No 2.º inquérito as ideias surgem mais sistematizadas e são introduzidos conceitos como autonomia e soberania. Surge também a ideia de que todos os povos deviam ter esse direito e não ter que lutar por ele.</p>

9. Na tua perspetiva, a ditadura do Estado Novo representou uma época vantajosa para Portugal? Justifica a tua resposta.			
	Antes	Depois	Diferenças
	<p>"Não porque aconteceram coisas muito más";</p> <p>"Não porque perdemos muitos recursos e soldados";</p> <p>"Não porque Portugal ficou meio pobre";</p> <p>"Não porque o povo não estava em boas condições";</p> <p>"Não causou traumatismo nas pessoas que passaram por isso e deixou a História marcada por um mau período";</p> <p>"Não porque as pessoas não tinham liberdade";</p> <p>"Não porque as pessoas não tinham direitos e assim o país não desenvolvia";</p> <p>"Sim, porque tiveram mais liberdade";</p> <p>"Foi mau porque só podíamos escolher uma coisa";</p> <p>"Não porque a vida na ditadura era horrível";</p> <p>"Mau, porque as mulheres não tinham direitos";</p> <p>"Não porque as pessoas não tinham direito ao voto, no que dizer e vestir";</p> <p>"Não porque não podíamos fazer o que queríamos";</p> <p>"Não porque não teve vantagens";</p> <p>"Não, porque o País não evoluiu";</p> <p>"Não pois as pessoas por não terem direitos revoltavam-se e com essas revoltas eram presas e torturadas, o que causava traumas nas pessoas";</p> <p>"Não porque ficou Salazar a governar Portugal";</p> <p>"Sim porque Salazar impunha regras";</p> <p>"Não porque Salazar era muito mau com as pessoas e deixava muitos a morrer à fome só para ter mais dinheiro";</p> <p>"Não uma vez que muita gente inocente foi assassinada, grande parte torturada e não existia liberdade";</p> <p>"Não havia grandes oportunidades para as crianças se divertirem e como se não bastasse era proibido namorar".</p>	<p>"Não, representou uma época de um doloroso sofrimento";</p> <p>"Não porque as pessoas viviam infelizes";</p> <p>"Não porque éramos um país censurado";</p> <p>"Não, porque não houve liberdade";</p> <p>"Não porque as pessoas viviam em más condições e Salazar não fazia nada";</p> <p>"Sim, porque essa época fez com que tivéssemos a maior reserva de ouro do mundo e que evoluíssemos para a democracia";</p> <p>"Não porque as mulheres não podiam fazer nada";</p> <p>"Não porque estávamos proibidos de muita coisa";</p> <p>"Não porque o Presidente não ajudava o povo";</p> <p>"Não porque não existiam muitos direitos nessa época";</p> <p>"Não porque muitas pessoas sofreram ou morreram durante a ditadura";</p> <p>"Não porque o país estava muito atrasado".</p>	<p>Não existem diferenças significativas.</p>

<p>9.1. O Estado Novo era uma ditadura e por isso, um regime totalitário (domínio absoluto de uma só pessoa ou de um só partido). Como já foi referido, atualmente vivemos numa democracia onde existem diversos partidos políticos. Achas que seria possível voltarmos a viver em ditadura? Explica o teu raciocínio.</p>		
<p><b>Antes</b></p> <p>"Não porque o país evoluiu e não voltaremos à ditadura";          "Não, porque aprendemos com os erros do passado";          "Não porque os poderes estão divididos e para voltarmos a uma ditadura, os poderes tinham de ficar nas mãos de uma só pessoa";          "Eu acho que não pela qualidade de vida que temos agora";          "Não porque não haveria liberdade de expressão";          "Acho que sim porque nos dias de hoje há partidos que querem governar sem outras opiniões e maneiras diferentes de pensar";          "Não porque agora há outras maneiras de pensar, mas tudo pode ser possível";          "Não porque acho que não existe mais nenhuma pessoa queira o Estado Novo";          "Não porque assim iríamos ter menos liberdade e porque seríamos comandados por alguém como se fossemos marionetas";          "Não porque não teríamos liberdade de escolha";          "Não porque o Presidente e nós todos não gostamos mais da ditadura";          "Não porque existem vários partidos que impossibilitariam isso";          "Não porque agora não é normal haver um país a viver em ditadura";          "Sim, porque o país ainda não evoluiu";          "Não porque vivemos num mundo onde todos temos opinião sobre as situações";          "Sim, pode voltar porque pode haver uma pessoa parecida com o Salazar no partido em que as pessoas votarem";          "Sim porque se votarmos em alguém que não seja boa pessoa esta pode fazer com que voltemos à ditadura".</p>	<p><b>Depois</b></p> <p>"Com tantas pessoas no mundo que só pensam em si mesmas, talvez um dia possamos chegar a uma ditadura, mas acho que não durará muitos anos";          "Não porque aprendemos com os nossos erros";          "Não porque iríamos perder direitos e partidos políticos";          "Não porque os direitos que temos agora nada têm a ver com o que tínhamos antes";          "Não porque depois daquele tempo em ditadura acho que agora nenhum presidente iria ter a ideia de voltar ao mesmo regime";          "Não porque a maioria das pessoas gosta de viver em democracia e iria odiar viver em ditadura";          "Para além disso hoje existem vários partidos e ter apenas um em que votar iria ser difícil";          "Sim porque pode chegar alguém com poder e dominar através dos votos";          "Sim porque podem existir pessoas contra a democracia";          "Não porque as pessoas não querem sofrer outra vez por causa da ditadura".</p>	<p><b>Diferenças</b></p> <p>Surge no 2.º inquérito uma visão mais clara de que as pessoas gostam de viver em democracia e por isso iriam odiar viver em ditadura.</p>

Anexo 64 - Mapeamento das respostas dadas pelos/as alunos/as com base nas diferenças entre as respostas da 1.ª aplicação e da 2.ª aplicação do questionário.

Aluno/a	Sexo	1.Nos períodos que estudaste, anterior ao Estado Novo foi possível identificar valores de liberdade, igualdade e fraternidade. Quais foram esses períodos históricos?	1.1 – Indica situações do dia- a -dia do período salazarista (Estado Novo), onde esses valores não eram respeitados.	2.2 – Na tua opinião, o que pode motivar a separação de rapazes de raparigas em contexto escolar?
A	M	Regista mais informação no 2º Q de forma correta [+]	Do 1º para o 2º Q descreve situações [+]	Respostas descontextualizadas em ambos os questionários [=]
B	F	Regista mais informação no 2º Q de forma correta [+]	Do 1º para o 2º Q descreve situações [+]	Responde incorretamente em ambos os questionários [=]
C	F	Regista informações corretas, mas incompletas nos dois questionários [=]	A resposta do 1º para o 2º Q não revelou evolução [=]	Responde incorretamente em ambos os questionários [=]
D	F	Regista informação correta no 2º Q em detrimento do 1.º [+]	Regista informação correta no 2º Q em detrimento do 1.º [+]	Responde incorretamente em ambos os questionários [=]
E	M	Responde incorretamente em ambos os questionários [=]	Regista informações corretas, mas incompletas nos dois questionários [=]	Responde incorretamente em ambos os questionários [=]
Aluno/a	Sexo	1.Nos períodos que estudaste, anterior ao Estado Novo foi possível identificar valores de liberdade, igualdade e fraternidade. Quais foram esses períodos históricos?	1.1 – Indica situações do dia- a -dia do período salazarista (Estado Novo), onde esses valores não eram respeitados.	2.2 – Na tua opinião, o que pode motivar a separação de rapazes de raparigas em contexto escolar?
F	F	Responde de forma mais completa no 2.º Q em detrimento do 1.º [+]	Responde corretamente em ambos os Q, embora de forma incompleta [=]	Regista informação correta no 2.º Q em detrimento do 1.º [+]
G	M	Responde de forma incorreta no 2.º Q e corretamente no 1.º, ainda que esteja incompleto [-]	Responde corretamente em ambos os Q, embora de forma incompleta [=]	Responde de forma mais completa no 2.º Q em detrimento do 1.º [+]
H	F	Responde incorretamente em ambos os questionários [=]	Responde corretamente nos dois Q., embora o 1.º esteja mais completo [=]	Responde de forma mais correta do 1.º Q, comparativamente com o 2.º [-]
I	M	Responde de forma mais correta no 2.º Q em detrimento do 1.º [+]	Responde de forma mais correta no 2.º Q em detrimento do 1.º [+]	Responde incorretamente em ambos os questionários [=]
J	F	Responde de forma mais completa no 1.º Q em detrimento do 2.º [-]	Responde de forma correta no 2.º Q em detrimento do 1.º [+]	Responde incorretamente em ambos os questionários [=]
K	F	Responde de forma mais completa no 2.º Q em detrimento do 1.º [+]	Responde corretamente nos dois Q, embora o 1.º esteja mais completo [=]	Responde corretamente no 2º Q em detrimento do 1º Q. [+]
L	M	Responde de forma mais completa no 2.º Q em detrimento do 1.º [+]	Responde de forma mais completa no 2.º Q em detrimento do 1.º [+]	Responde corretamente no 2º Q em detrimento do 1º Q.[+]

Aluno/a	Sexo	1. Nos períodos que estudaste, anterior ao Estado Novo foi possível identificar valores de liberdade, igualdade e fraternidade. Quais foram esses períodos históricos?	1.1 – Indica situações do dia-a-dia do período salazarista (Estado Novo), onde esses valores não eram respeitados.	2.2 – Na tua opinião, o que pode motivar a separação de rapazes de raparigas em contexto escolar?
M	M	Responde de forma mais completa no 2.º Q em detrimento do 1.º [+]	Responde de forma mais completa no 2º Q detrimento do 1.º [+]	Responde incorretamente em ambos os questionários [-]
N	F	Responde de forma mais completa no 2.º Q em detrimento do 1.º [+]	Responde de forma mais completa no 2.º Q em detrimento do 1.º [+]	Responde de forma mais correta no 2ºQ [+]
O	M	Respostas fora do contexto nos dois questionários [=]	Responde de forma mais completa no 2º Q detrimento do 1.º [+]	Responde corretamente em ambos os questionários. [=]
P	F	Responde incorretamente em ambos os questionários [=]	Respostas fora do contexto nos dois questionários [=]	Responde incorretamente em ambos os questionários [-]
Q	M	Responde de forma mais completa no 1º Q [-]	Responde de forma mais completa no 1º Q [-]	Responde de forma mais correta no 2ºQ [+]
R	M	Responde de forma mais completa no 2º Q detrimento do 1.º [+]	Responde de forma mais completa no 2º Q detrimento do 1.º [+]	Responde incorretamente em ambos os questionários [-]
S	M	Responde corretamente no 1º Q em detrimento do 2º [-]	Responde mais corretamente no 1º Q, ainda que de forma incompleta. [-]	Responde incorretamente em ambos os questionários. [-]

Aluno/a	Sexo	3. No regime do Estado Novo, existiam direitos que estavam vedados tanto a homens como a mulheres? Indica dois desses direitos.	3.1. Nesta época as mulheres estavam, ainda, mais limitadas que os homens nos seus direitos. Refere exemplos de direitos que, não estavam ao alcance das mulheres e que, hoje, estão garantidos.	4. Durante o Estado Novo, as pessoas viviam da mesma forma que, hoje, nós vivemos?	4.1. Compara a forma com as pessoas viviam no período da ditadura com a atualidade ao nível de: 4.1.1. a) Vestuário:	4.1. Compara a forma com as pessoas viviam no período da ditadura com a atualidade ao nível de: 4.1.2. b) Profissões/Emprego:
A	M	Responde de forma mais correta no 2ºQ [+]	Responde corretamente em ambos os questionários. [=]	Responde corretamente em ambos os questionários. [=]	Responde corretamente em ambos os questionários. [=]	Responde de forma mais correta no 2ºQ [+]
B	F	Responde de forma mais correta no 2ºQ [+]	Responde corretamente em ambos os questionários. [=]	Responde corretamente em ambos os questionários. [=]	Responde corretamente em ambos os questionários. [=]	Responde de forma mais correta no 2ºQ [+]
C	F	Responde corretamente em ambos os questionários. [=]	Responde de forma mais correta no 2ºQ [+]	Responde corretamente em ambos os questionários. [=]	Responde corretamente em ambos os questionários. [=]	Responde de forma mais completa no 1º Q, ainda que de forma não totalmente correta. [-]
D	F	Responde de forma mais completa no 2ºQ [+]	Responde de forma mais completa no 2ºQ [+]	Responde corretamente em ambos os questionários. [=]	Responde de forma mais completa no 2º Q, ainda que de forma não totalmente correta. [+]	Responde de forma mais completa no 1º Q, ainda que de forma não totalmente correta. [-]
E	M	Responde de forma mais completa no 2ºQ [+]	Responde de forma mais completa no 2ºQ [+]	Responde corretamente em ambos os questionários. [=]	Responde de forma mais completa no 2ºQ [+]	Responde de forma mais completa no 2ºQ ainda que não de forma totalmente correta. [+]

Aluno/a	Sexo	3. No regime do Estado Novo, existiam direitos que estavam vedados tanto a homens como a mulheres? Indica dois desses direitos.	3.1. Nesta época as mulheres estavam, ainda, mais limitadas que os homens nos seus direitos. Refere exemplos de direitos que, não estavam ao alcance das mulheres e que, hoje, estão garantidos.	4. Durante o Estado Novo, as pessoas viviam da mesma forma que, hoje, nós vivemos?	4.1. Compara a forma com as pessoas viviam no período da ditadura com a atualidade ao nível de: 4.1.1. a) Vestuário:	4.1. Compara a forma com as pessoas viviam no período da ditadura com a atualidade ao nível de: 4.1.2. b) Profissões/Emprego:
F	F	Responde de forma mais correta no 1ºQ [-]	Responde corretamente em ambos os questionários. [=]	Responde corretamente em ambos os questionários. [=]	Responde de forma mais correta no 2ºQ ainda de forma não totalmente completa. [+]	Responde corretamente em ambos os questionários, ainda que de forma incompleta. [=]
G	M	Responde de forma mais completa no 2ºQ ainda que não de forma totalmente correta. [+]	Responde de forma mais correta no 1ºQ [-]	Responde corretamente em ambos embora não questionários. [=]	Responde corretamente em ambos os questionários., embora incompleta. [=]	Responde de forma mais correta no 1ºQ., embora não completa. [-]
H	F	Responde de forma mais correta no 2.º Q [+]	Responde de forma mais correta no 2º Q [+]	Responde corretamente em ambos os questionários. [=]	Responde de forma mais completa no 1ºQ [-]	Responde de forma mais completa no 1.º Q., embora não totalmente correta. [-]
I	M	Responde de forma mais completa no 1ºQ [-]	Responde de forma mais correta no 1ºQ [-]	Responde corretamente em ambos os questionários. [=]	Responde de forma mais completa no 1ºQ., embora não totalmente correta. [-]	Responde de forma mais completa no 1ºQ embora não totalmente correta. [-]
J	F	Responde de forma pouco correta em ambos os questionários [=]	Responde de forma mais correta no 2º Q [+]	Responde corretamente em ambos os questionários. [=]	Responde de forma mais completa no 1º Q, embora não totalmente correto. [-]	Responde de forma mais completa 2º Q., embora não totalmente correta. [+]
K	F	Responde de forma mais descritiva no 2.º Q [+]	Responde de forma mais correta no 2º Q [+]	Responde corretamente em ambos os questionários. [=]	Responde de forma mais completa no 2º Q [+]	Responde de forma mais correta no 2.º Q, ainda que de não totalmente completa [+].
Aluno/a	Sexo	3. No regime do Estado Novo, existiam direitos que estavam vedados tanto a homens como a mulheres? Indica dois desses direitos.	3.1. Nesta época as mulheres estavam, ainda, mais limitadas que os homens nos seus direitos. Refere exemplos de direitos que, não estavam ao alcance das mulheres e que, hoje, estão garantidos.	4. Durante o Estado Novo, as pessoas viviam da mesma forma que, hoje, nós vivemos?	4.1. Compara a forma com as pessoas viviam no período da ditadura com a atualidade ao nível de: 4.1.1. a) Vestuário:	4.1. Compara a forma com as pessoas viviam no período da ditadura com a atualidade ao nível de: 4.1.2. b) Profissões/Emprego:
L	M	Responde de forma mais correta no 1ºQ [-]	Responde de forma mais correta no 2.º Q [+]	Responde corretamente em ambos os questionários. [=]	Responde de forma mais completa no 1º Q, embora não totalmente correto. [-]	Responde incorretamente em ambos os questionários [=]
M	M	Responde de forma mais completa no 1ºQ [-]	Responde de forma mais correta no 1ºQ [-]	Responde corretamente em ambos os questionários. [=]	Responde de forma mais correta no 1ºQ., embora não completa [-]	Responde de forma mais correta no 2.º Q, ainda que de não totalmente completa [+]
N	F	Responde de forma mais correta no 2º Q [+]	Responde de forma mais correta no 2º Q [+]	Responde corretamente em ambos os questionários. [=]	Responde de forma mais completa no 1º Q, embora não totalmente correto [-]	Responde de forma mais correta no 2.º Q, ainda que de não totalmente completa [+]
O	M	Responde corretamente em ambos os questionários. [=]	Responde de forma mais correta no 2º Q [+]	Responde corretamente em ambos os questionários. [=]	Responde de forma mais correta no 2.º Q, ainda que de não totalmente completa [+]	Responde de forma mais correta no 2.º Q, ainda que de não totalmente completa [+]



P	F	Responde de forma mais correta no 1.º Q, embora não completa [-]	Responde de forma mais correta no 2.º Q [+]	Responde corretamente em ambos os questionários. [=]	Responde de forma mais completa no 1.º Q, embora não totalmente correta [-]	Responde de forma mais correta no 2.º Q, ainda que de não totalmente completa [+]
Aluno/a	Sexo	3. No regime do Estado Novo, existiam direitos que estavam vedados tanto a homens como a mulheres? Indica dois desses direitos.	3.1. Nesta época as mulheres estavam, ainda, mais limitadas que os homens nos seus direitos. Refere exemplos de direitos que, não estavam ao alcance das mulheres e que, hoje, estão garantidos.	4. Durante o Estado Novo, as pessoas viviam da mesma forma que, hoje, nós vivemos?	4.1. Compara a forma com as pessoas viviam no período da ditadura com a atualidade ao nível de: 4.1.1. a) Vestuário:	4.1. Compara a forma com as pessoas viviam no período da ditadura com a atualidade ao nível de: 4.1.2. b) Profissões/Emprego:
Q	M	Responde de forma mais correta no 2.º Q [+]	Responde de forma mais correta no 1.º Q [-]	Responde corretamente em ambos os questionários. [=]	Responde de forma mais completa no 1.º Q, embora não totalmente correta [-]	Responde de forma mais completa no 1.º Q, embora não totalmente correta [-]
R	M	Responde de forma mais completa no 1.º Q embora não totalmente correta [-]	Responde de forma mais correta no 2.º Q [+]	Responde corretamente em ambos os questionários. [=]	Responde de forma mais correta no 2.º Q, ainda que de não totalmente completa [+]	Responde de forma mais correta no 2.º Q, ainda que de não totalmente completa [+]
S	M	Responde incorretamente em ambos os questionários [=]	Responde em ambos os questionários de forma pouco correta [=]	Responde corretamente em ambos os questionários. [=]	Responde em ambos os questionários de forma pouco correta [=]	Responde em ambos os questionários de forma pouco correta [=]

Aluno/a	Sexo	4.1. Compara a forma com as pessoas viviam no período da ditadura com a atualidade ao nível de: 4.1.3. c) Ocupação de tempos livres:	5. Na época do Estado Novo havia preocupação com a garantia dos Direitos Humanos?	5.1. No caso de teres respondido que não, refere que direitos consideras não terem sido assegurados?	6. Na tua opinião o facto de existirem, atualmente, vários partidos políticos, representa uma vantagem ou uma desvantagem? Justifica a tua resposta.	6.1. Na tua perspetiva, porque é que durante a ditadura do Estado Novo existia apenas um único partido político?
A	M	Responde de forma mais correta no 2.º Q, ainda que de não totalmente completa [+]	Responde corretamente em ambos os questionários. [=]	Responde corretamente em ambos os questionários Ainda que de forma incompleta [=]	Responde de forma correta no 1.º Q em detrimento do 2.º [-]	Responde corretamente em ambos os questionários. [=]
B	F	Responde corretamente em ambos os questionários, embora de forma incompleta [=]	Responde corretamente em ambos os questionários. [=]	Responde mais descritivamente no 2.º Q [+]	Responde corretamente em ambos os questionários. [=]	Responde de forma mais correta no 1.º Q em detrimento do 2.º [-]
C	F	Responde de forma mais completa no 1.º Q, embora não totalmente correta [-]	Responde corretamente em ambos os questionários. [=]	Responde corretamente em ambos os questionários. [=]	Responde corretamente em ambos os questionários. [=]	Responde corretamente em ambos os questionários. [=]
D	F	Responde de forma mais completa no 1.º Q, embora não totalmente correta [-]	Responde corretamente em ambos os questionários. [=]	Responde mais descritivamente no 2.º Q [+]	Responde corretamente no 2.º Q [+]	Responde mais descritivamente no 2.º Q [+]
E	M	Responde de forma mais correta no 2.º Q, embora incompleta [+]	Responde corretamente em ambos os questionários. [=]	Responde de forma mais correta no 1.º Q em detrimento do 2.º [-]	Responde de forma mais correta no 1.º Q em detrimento do 2.º [-]	Responde mais descritivamente no 2.º Q [+]
F	F	Responde a ambos os Q de forma correta mas incompleta [=]	Responde corretamente em ambos os questionários. [=]	Responde a ambos os Q de forma correta mas incompleta [=]	Responde de forma correta no 2.º Q [+]	Responde mais descritivamente no 2.º Q [+]
G	M	Responde de forma mais completa no 2.º Q, ainda que não de forma totalmente correta. [+]	Responde corretamente em ambos os questionários. [=]	Responde corretamente em ambos os questionários. [=]	Responde corretamente em ambos os questionários. [=]	Responde corretamente em ambos os questionários. [=]

H	F	Responde de forma pouco correta em ambos os questionários. [=]	Responde corretamente em ambos os questionários. [=]	Responde de forma mais completa no 1º Q [-]	Responde de forma correta no 2º Q [+]	Responde mais descritivamente no 2.º Q [+]
Aluno/a	Sexo	4.1. Compara a forma com as pessoas viviam no período da ditadura com a atualidade ao nível de: 4.1.3. c) Ocupação de tempos livres:	5. Na época do Estado Novo havia preocupação com a garantia dos Direitos Humanos?	5.1. No caso de teres respondido que não, refere que direitos consideras não terem sido assegurados?	6. Na tua opinião o facto de existirem, atualmente, vários partidos políticos, representa uma vantagem ou uma desvantagem? Justifica a tua resposta.	6.1. Na tua perspetiva, porque é que durante a ditadura do Estado Novo existia apenas um único partido político?
I	G	Responde de forma mais completa no 2.º Q, ainda que não totalmente correta [+]	Responde corretamente em ambos os questionários. [=]	Responde de forma mais correta no 1º Q [-]	Responde de forma correta no 1º Q [-]	Responde corretamente em ambos os questionários. [=]
J	F	Responde corretamente em ambos os questionários. [=]	Responde incorretamente em ambos os questionários. [=]	Responde incorretamente em ambos os questionários. [=]	Responde corretamente em ambos os questionários. [=]	Responde de forma mais completa no 2º Q [+]
K	F	Responde de forma mais completa no 2º Q [+]	Responde incorretamente em ambos os questionários. [=]	Responde incorretamente em ambos os questionários. [=]	Responde mais descritivamente no 2.º Q [+]	Responde mais descritivamente no 2.º Q [+]
L	M	Responde incorretamente em ambos os questionários. [=]	Responde corretamente em ambos os questionários. [=]	Responde de forma mais correta no 1º Q [-]	Responde corretamente em ambos os questionários. [=]	Responde concretizando a ideia no 2.º Q [+]
M	M	Responde de forma mais completa no 2º Q, ainda que não totalmente correta [+]	Responde corretamente em ambos os questionários. [=]	Responde mais descritivamente no 2.º Q [+]	Responde de forma mais correta no 2º Q [+]	Responde de forma mais correta no 1º Q [-]
N	F	Responde mais descritivamente no 2.º Q [+]	Responde corretamente no 2º Q [+]	Responde corretamente no 2º Q [+]	Responde corretamente em ambos os questionários. [=]	Responde mais descritivamente no 2.º Q [+]
Aluno/a	Sexo	4.1. Compara a forma com as pessoas viviam no período da ditadura com a atualidade ao nível de: 4.1.3. c) Ocupação de tempos livres:	5. Na época do Estado Novo havia preocupação com a garantia dos Direitos Humanos?	5.1. No caso de teres respondido que não, refere que direitos consideras não terem sido assegurados?	6. Na tua opinião o facto de existirem, atualmente, vários partidos políticos, representa uma vantagem ou uma desvantagem? Justifica a tua resposta.	6.1. Na tua perspetiva, porque é que durante a ditadura do Estado Novo existia apenas um único partido político?
O	M	Responde mais descritivamente no 2.º Q [+]	Responde corretamente no 2º Q [+]	Responde mais descritivamente no 2.º Q [+]	Responde de forma mais correta no 2º Q [+]	Responde corretamente em ambos os questionários. [=]
P	F	Responde a ambos os Q de forma correta mas incompleta [=]	Responde corretamente no 2º Q [+]	Responde corretamente no 2º Q [+]	Responde corretamente no 2º Q [+]	Responde incorretamente em ambos os questionários. [=]
Q	M	Responde mais descritivamente no 2.º Q, embora incompleto [+]	Responde corretamente em ambos os questionários. [=]	Responde corretamente em ambos os questionários. [=]	Responde mais descritivamente no 2.º Q [+]	Responde de forma mais correta no 2º Q [+]
R	M	Responde incorretamente em ambos os questionários. [=]	Responde corretamente em ambos os questionários. [=]	Responde corretamente em ambos os questionários. [=]	Responde corretamente em ambos os questionários. [=]	Responde de forma mais correta no 1º Q [-]
S	M	Responde de forma mais correta no 2º Q [+]	Responde corretamente em ambos os questionários. [=]	Responde corretamente em ambos os questionários. [=]	Responde corretamente em ambos os questionários, ainda que de forma incompleta. [=]	Responde corretamente em ambos os questionários, ainda que de forma pouco completa. [=]

Aluno/a	Sexo	7.1. Durante o Estado Novo, este era um exemplo de tortura aplicado às pessoas que se opunham ao regime de Salazar. Qual a tua opinião sobre estes procedimentos?	8. Consideras que a Guerra Colonial levada a cabo pelo Estado Novo foi positiva para Portugal? Justifica a tua resposta.	8.1. Ao longo de anos faleceram milhares de homens na Guerra Colonial. Entre estas pessoas que perderam a vida encontravam-se muitas que lutavam pelo direito à independência. Achas justo que um povo tenha o direito a lutar pela sua autodeterminação (independência)? Explica a tua resposta.	9. Na tua perspetiva, a ditadura do Estado Novo representou uma época vantajosa para Portugal? Justifica a tua resposta.	9.1. O Estado Novo era uma ditadura e por isso, um regime totalitário (domínio absoluto de uma só pessoa ou de um só partido). Como já foi referido, atualmente vivemos numa Democracia onde existem diversos partidos políticos. Achas que seria possível voltarmos a viver em ditadura? Explica o teu raciocínio.
A	M	Responde de forma mais correta no 1º Q [-]	Responde de forma mais correta no 2º Q [+]	Responde corretamente em ambos os questionários. [=]	Responde corretamente em ambos os questionários [=]	Responde de forma mais explícita no 2º Q [+]
B	F	Responde de forma mais correta no 2º Q [+]	Responde de forma mais explícita no 2º Q [+]	Responde de forma mais correta no 1º Q [-]	Responde de forma mais explícita no 2º Q [+]	Responde corretamente em ambos os questionários [=]
C	F	Responde de forma mais reflexiva no 2º Q [+]	Responde de forma mais correta no 2º Q [+]	Responde de forma mais explícita no 2º Q [+]	Responde de forma mais explícita no 2º Q [+]	Responde corretamente em ambos os questionários [=]
D	F	Responde de forma mais reflexiva no 2º Q [+]	Responde de forma mais reflexiva no 2º Q [+]	Responde de forma mais reflexiva no 2º Q [+]	Responde de forma mais correta no 2º Q [+]	Responde de forma mais reflexiva no 2º Q [+]
E	M	Responde corretamente em ambos os questionários [=]	Responde de forma mais reflexiva no 2º Q [+]	Responde de forma mais correta no 2º Q [+]	Responde de forma mais correta no 1º Q [-]	Responde de forma mais correta no 2º Q [+]
F	F	Responde corretamente em ambos os questionários [=]	Responde corretamente em ambos os questionários [=]	Responde de forma mais correta no 1º Q [-]	Responde corretamente em ambos os questionários [=]	Responde de forma mais correta no 2º Q [+]
Aluno/a	Sexo	7.1. Durante o Estado Novo, este era um exemplo de tortura aplicado às pessoas que se opunham ao regime de Salazar. Qual a tua opinião sobre estes procedimentos?	8. Consideras que a Guerra Colonial levada a cabo pelo Estado Novo foi positiva para Portugal? Justifica a tua resposta.	8.1. Ao longo de anos faleceram milhares de homens na Guerra Colonial. Entre estas pessoas que perderam a vida encontravam-se muitas que lutavam pelo direito à independência. Achas justo que um povo tenha o direito a lutar pela sua autodeterminação (independência)? Explica a tua resposta.	9. Na tua perspetiva, a ditadura do Estado Novo representou uma época vantajosa para Portugal? Justifica a tua resposta.	9.1. O Estado Novo era uma ditadura e por isso, um regime totalitário (domínio absoluto de uma só pessoa ou de um só partido). Como já foi referido, atualmente vivemos numa Democracia onde existem diversos partidos políticos. Achas que seria possível voltarmos a viver em ditadura? Explica o teu raciocínio.
G	M	Responde de forma mais reflexiva no 2º Q [+]	Responde de forma mais reflexiva no 2º Q [+]	Responde corretamente em ambos os questionários [=]	Responde de forma mais reflexiva no 2º Q [+]	Responde de forma mais explícita no 2º Q [+]
H	F	Responde de forma mais reflexiva no 2º Q [+]	Responde de forma mais reflexiva no 2º Q [+]	Responde de forma mais correta no 1º Q [-]	Responde corretamente em ambos os questionários [=]	Responde corretamente em ambos os questionários [=]
I	M	Responde de forma mais reflexiva no 2º Q [+]	Responde de forma mais reflexiva no 2º Q [+]	Responde de forma mais correta no 1º Q [-]	Responde corretamente em ambos os questionários [=]	Responde de forma mais reflexiva no 2º Q [+]
J	F	Responde de forma mais correta no 1º Q [-]	Responde de forma mais correta no 1º Q [-]	Responde de forma mais correta no 1º Q [-]	Responde de forma mais reflexiva no 2º Q [+]	Responde de forma mais reflexiva no 2º Q [+]
K	F	Responde corretamente em ambos os questionários [=]	Responde de forma mais correta no 1º Q [-]	Responde de forma mais reflexiva no 2º Q [+]	Responde de forma mais correta no 1º Q [-]	Responde de forma mais correta no 1º Q [-]
L	M	Responde corretamente em ambos os questionários [=]	Responde de forma mais reflexiva no 2º Q [+]	Responde corretamente em ambos os questionários [=]	Responde de forma mais reflexiva no 2º Q [+]	Responde de forma mais correta no 1º Q [-]

Aluno/a	Sexo	7.1. Durante o Estado Novo, este era um exemplo de tortura aplicado às pessoas que se opunham ao regime de Salazar. Qual a tua opinião sobre estes procedimentos?	8. Consideras que a Guerra Colonial levada a cabo pelo Estado Novo foi positiva para Portugal? Justifica a tua resposta.	8.1. Ao longo de anos faleceram milhares de homens na Guerra Colonial. Entre estas pessoas que perderam a vida encontravam-se muitas que lutavam pelo direito à independência. Achas justo que um povo tenha o direito a lutar pela sua autodeterminação (independência)? Explica a tua resposta.	9. Na tua perspetiva, a ditadura do Estado Novo representou uma época vantajosa para Portugal? Justifica a tua resposta.	9.1. O Estado Novo era uma ditadura e por isso, um regime totalitário (domínio absoluto de uma só pessoa ou de um só partido). Como já foi referido, atualmente vivemos numa Democracia onde existem diversos partidos políticos. Achas que seria possível voltarmos a viver em ditadura? Explica o teu raciocínio.
M	M	Responde de forma mais explícita no 2º Q [+]	Responde de forma mais correta no 2º Q [+]	Responde de forma mais correta no 1º Q [-]	Responde de forma mais correta no 2º Q [+]	Responde de forma mais correta no 2º Q [+]
N	F	Responde de forma mais reflexiva no 2º Q [+]	Responde de forma mais reflexiva no 2º Q [+]	Responde de forma mais reflexiva no 2º Q [+]	Responde de forma mais reflexiva no 2º Q [+]	Responde de forma mais reflexiva no 2º Q [+]
O	M	Responde de forma mais reflexiva no 2º Q [+]	Responde corretamente em ambos os questionários [-]	Responde de forma mais reflexiva no 2º Q [+]	Responde de forma mais reflexiva no 2º Q [+]	Responde corretamente em ambos os questionários [-]
P	F	Responde incorretamente nos dois questionários [-]	Responde de forma mais reflexiva no 2º Q [+]	Responde incorretamente nos dois questionários [-]	Responde de forma mais reflexiva no 2º Q [+]	Responde corretamente em ambos os questionários [-]
Q	M	Responde de forma mais reflexiva no 2º Q [+]	Responde de forma mais correta no 1º Q [-]	Responde de forma mais reflexiva no 2º Q [+]	Responde de forma mais correta no 1º Q [-]	Responde de forma mais reflexiva no 2º Q [+]
R	M	Responde de forma mais reflexiva no 2º Q [+]	Responde incorretamente nos dois questionários [-]	Responde incorretamente nos dois questionários [-]	Responde de forma mais correta no 1º Q [-]	Responde de forma mais correta no 1º Q [-]
S	M	Responde corretamente em ambos os questionários [-]	Responde de forma mais correta no 1º Q [-]	Responde de forma mais correta no 2º Q [+]	Responde corretamente em ambos os questionários [-]	Responde corretamente em ambos os questionários [-]

Anexo 65 – Textos reflexivos elaborados pelos/as discentes.

Aluno/a D

O que fosse hoje sou, dizem  
e fazem que não podia, durante  
te a ditadura?

O que sou hoje?

Na ditadura avia muitas restrições  
não se podia fazer várias coisas por exem-  
plo: não se podia beber coca-cola porque a coca-  
cola porque ela foi inventada pela América  
e o Salazar não gostava da América, as mulhe-  
res não podiam ter sentos emnegos nem ver  
tin sentos novas! Na escola, todas as escolas,  
ou eram de nazarés ou de nazarigas não  
eram mistas e também as escolas de nazarig-  
as só tinham professoras e a das nazarés  
só tinham professores isto tudo porque o  
Salazar não queria misturas!

Hoje em dia, nós podemos fazer tudo  
aque disse: beber coca-cola, podemos ter os  
chnegos que quisermos, na escola, as escolas  
são mistas.

Este é o que acho sobre a ditadura  
e o que sou hoje!

Aluno/a F

A ditadura e hoje em dia.

Hoje em dia as mulheres podem votar, já  
antes não podiam. Antes não podiam beber coca-cola,  
Antes também as mulheres  
não podiam receber um salário maior do  
do marido.

Os homens trabalham em empregos as mulheres  
eram donas de casa. Também as mulheres  
não podiam ser militares...

As mulheres não podiam sair fora do  
país sem autorização do marido,  
se não tivesse marido era com autorização  
do pai se não tivesse pai era com autorização  
do irmão mais velho. No ensino os  
rapazes tinham professor masculinos e  
as raparigas professoras femininas. Também  
no tempo da ditadura os rapazes não  
podiam usar ~~calças~~<sup>saias</sup> e as raparigas tinham  
que usar vestidos ou saias assim de  
joelho. Hoje em dia podemos usar o que  
quisermos. Se se fodea votar num  
unido partido, todos os candidatos que se  
apresentarem assassinados.

SHOT ON REDMI 9  
AI QUAD CAMERA

Aluno/a G

Antigamente as mulheres não podiam votar e hoje já podem. Os homens recebiam mais mesmo que as mulheres trabalhassem no mesmo trabalho porque, antigamente, pensavam que os homens eram superiores às mulheres. Elas não podiam sair de casa sem a autorização do marido ou do irmão... E para não haver namoros a escola estava dividida por sexos. Também, antigamente, ser homossexual era uma doença. Para além disto, as mulheres não podiam vestir o que quisessem e hoje já podem vestir o que querem e concordo que possam vestir o que querem. Para mim os salários deviam ser iguais para todos, homens e mulheres.

Naquela altura era proibido beber coca-cola porque a ela veio da América e Salazar não gostava do país nem do vício que a bebida provocava. Eu acho que tudo era injusto e devia ser como hoje.

Aluno/a I

Antes de depois da ditadura

Antigamente as mulheres não podiam votar ao contrário daquilo que acontece hoje. Em vez de trabalhar ficavam a cuidar da sua casa.

Não podíamos dizer o que queríamos, o que nos viesse à boca, porque não tínhamos liberdade de expressão. Hoje existem vários partidos e na ditadura só havia um partido, sendo sempre ele a ganhar as eleições. Nas escolas havia separação por sexos para não haver namoricos. Também não se podia gostar de uma pessoa do mesmo sexo, assim como hoje mas naquela altura era mais representativo. Os homens ganhavam mais dinheiro mesmo que trabalhassem menos do que as mulheres. As mulheres para sair do país tinham de pedir autorização aos homens.

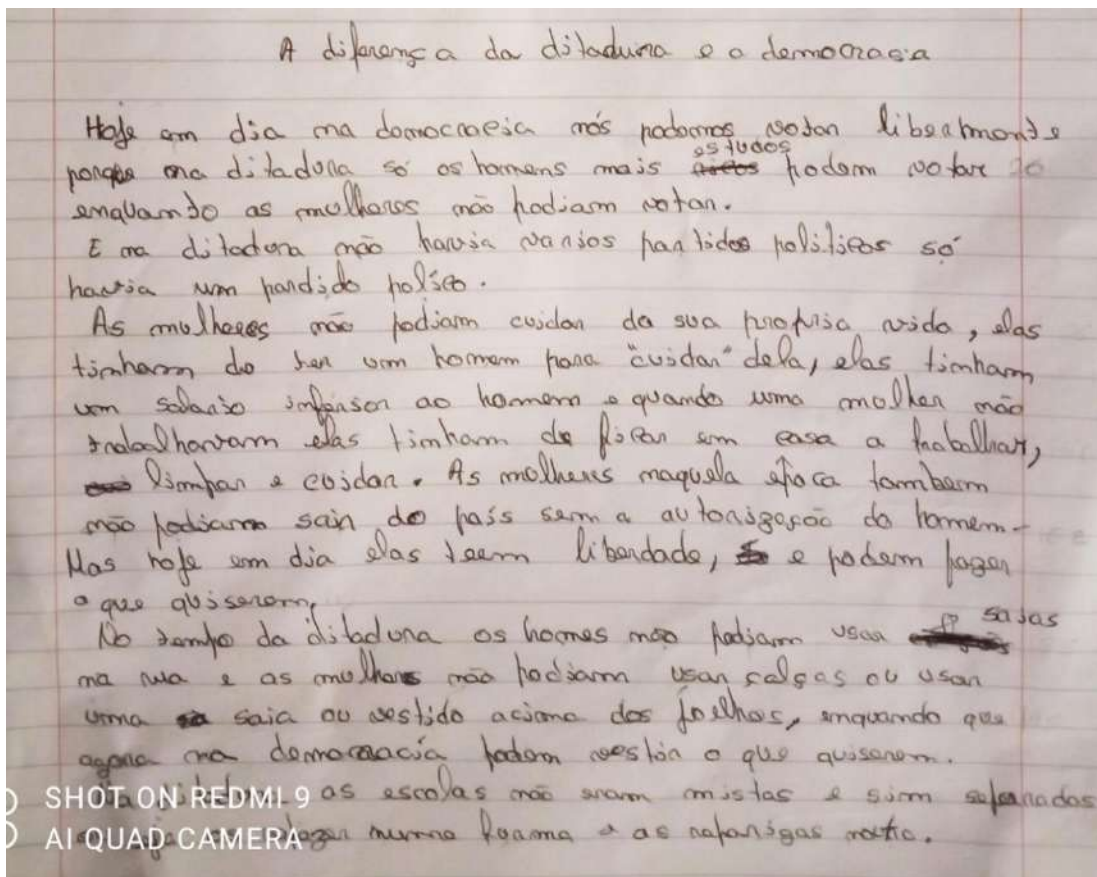
Na minha opinião eu prefiro a democracia porque já temos mais liberdade e agora podemos falar o que quisermos.

Aluno/a J

Comparando a ditadura com os dias de hoje, existem várias coisas que hoje podemos ser, fazer e dizer que naquela época não podíamos. Nós podemos ser bombeiros, carpinteiros, cabeleireiros, etc., no fundo o que quisermos. Na ditadura, não. Eras o que o governo quisesse que fosses. Os homens não tinham muitas oportunidades e as mulheres ainda menos. Tinham restrições.

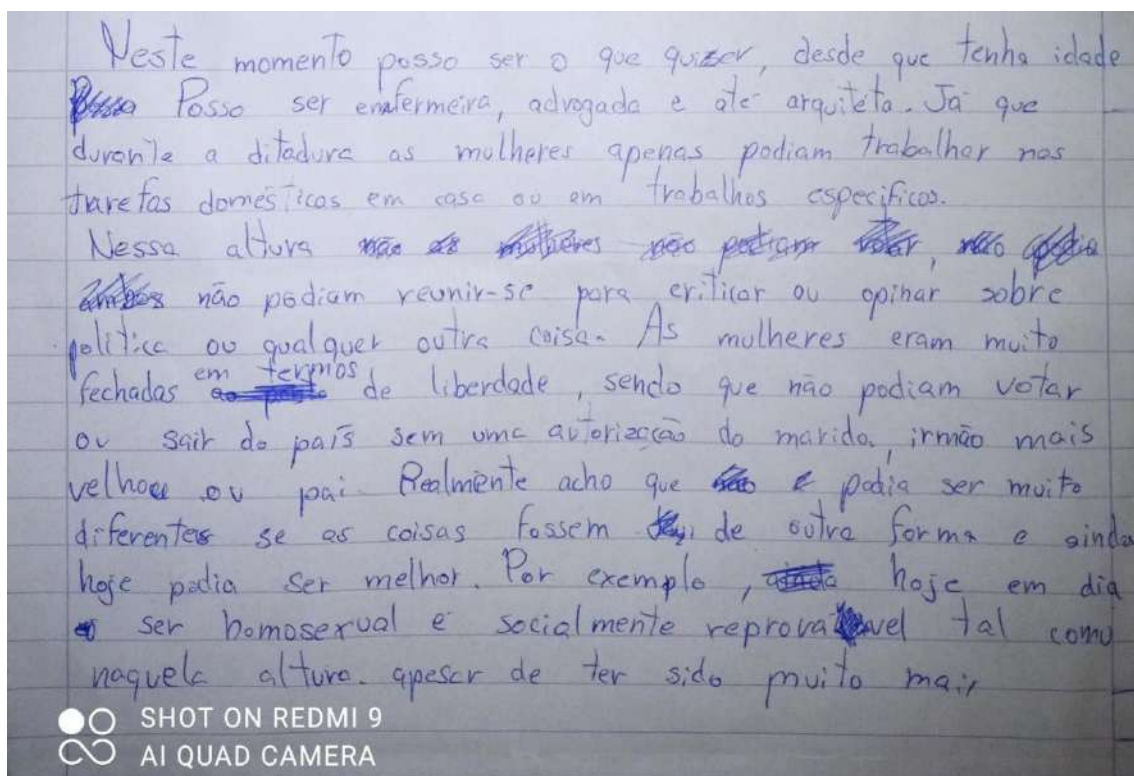
Hoje podemos votar, casar com quem quisermos, festejar as datas importantes, ouvir músicas e ver filmes estrangeiros... Ir para outro país viajar, etc. Na ditadura o que podíamos fazer era respeitar as leis e em especial o governo. Hoje em dia podemos falar com um grupo de pessoas ou até discutir ideias, dar a nossa opinião. Podem rapazes e raparigas conviver, falar e estar nas mesmas turmas. Naquela época gostavam muito de separar as pessoas por sexos e aí de quem se atrevesse a falar ou a publicar nos jornais coisas contra o governo.

Aluno/a K





Aluno/a N



Aluno/a O

Olá sou o Pedro [nome fictício pensado pelo/a próprio/a aluno/a] e estou aqui para dizer 5 coisas que podemos fazer agora mas não antes na ditadura.

A primeira é que não tínhamos liberdade de voto, a segunda era que hoje temos direitos que antes não tínhamos, a terceira é as mulheres não puderem sair do país sem a autorização do homem e a quarta que também é de mulheres, é que elas, pelo menos algumas não podiam trabalhar e tinham que ficar em casa mas hoje isso todo não existe e elas podem fazer todo isso sem problema.

A quinta é das crianças que só podiam ir à escola até aos 10,11,12 anos mas hoje não, já vão à escola até aos 22 anos se conseguirem

Aluno/a P

O que posso hoje ser, dizer e fazer que não podia durante a ditadura?

naquele tempo era diferente por ser a ditadura e hoje democracia, a Gota temos mais liberdade. coisas que eram proibido antes, e são comuns, a Gota, naqu... etc ca não podia ~~ter~~ não podia demonstrar afeto, e não podia ter Homossexualidade. Porque era considerado doenças não podia dizer sua própria opinião na Política <sup>Por exemplo</sup> ter direito do seu próprio voto, quando em <sup>34</sup> <sup>79</sup> <sup>55</sup> <sup>Grã-bretanha</sup> eles não fosse aquele e o governo queria eles trocavam os votos para o outro "Presidente". não tinham qualidades de vida para ter qualquer emprego, a maioria trabalhava na agricultura as mulheres não tinham o mesmo respeito de hoje em dia, não podiam fazer o que bem quisesse, por exemplo: sair de casa precisava da autorização de um marido. e se não tivesse devia ser do pai ou do irmão mais velho. as mulheres com família não eram consideradas donas da casa e sim o chefe da família, o Pai. Porque ele que sustentava então as mulheres da casa tinham que fazer tudo ao seu fazer, elas só limpavam, arrumavam e cuidavam das crianças no tempo livre. e homens era como o pai na família da mulher, só mandava e na vida dos seus filhos, que também com uns 10-12 começavam a trabalhar para ajudar com o pai por dificuldades financeiras, menos as ~~que elas faziam~~ <sup>sete</sup> ~~da casa~~

SHOT ON REDMI 9  
AI QUAD CAMERA

22

Aluno/a Q

O que posso hoje ser, dizer e fazer que não podia fazer na ditadura

Hoje em dia nós podemos ser o que quisermos. Se estudarmos bastante podemos ser advogados, polícias e militares. No tempo da ditadura apenas os homens desempenhavam estas funções. As mulheres eram, principalmente, professoras ou trabalhavam em casa. As pessoas, também, não podiam dizer o que queriam, pois nessa altura não havia liberdade de expressão, havia censura prévia. As pessoas que falassem mal do regime eram torturadas e por vezes mortas pela P.I.D.E.. Naquela altura era proibido namorar na rua e era proibido, também, beber coca-cola, porque tinha sido importada pela América e Salazar odiava o espírito americano.

Concluindo, na ditadura não se podia fazer nada e deviam ser proibidas as torturas.

Aluno/a R

O que eu não podia fazer.

Eu não podia ser da profissão que eu quisesse, hoje em dia já posso\* ser o que eu quiser.

Eu não podia dizer a minha opinião sobre os políticos, hoje todas as pessoas estão\* em liberdade e podem dizer a sua opinião.

Não podiam fazer ~~relações~~ ou ter relações na escola, o que complicava esta que\* as turmas estavam para um único sexo, não podiam fazer dinheiros com a sua opinião, não podiam ser homossexuais.

Entim\* não se podia fazer nada que quisessemos, era uma situação desumana, uma vergonha hoje em dia é tudo melhor, já\* é uma maravilha e muito maravilhoso.

Podia fazer quase tudo.

SHOT ON REDMI 9  
AI QUAD CAMERA

Aluno/a S

Antes, durante a ditadura, não podíamos falar contra o governo e agora podemos. Portugal era um país censurado, tudo o que falávamos contra o governo era censurado. Não podíamos beber coca-cola e não podíamos votar. Toda a nossa atividade era vigiada pelo governo. Não tínhamos notícias do exterior e era muito difícil ter um emprego.

A maioria das pessoas era analfabeta porque tinham de trabalhar desde cedo. As mulheres não tinham o direito de sair do país sem a autorização dos homens, para além de não poderem ser militares ou polícias. As pessoas que se opunham contra o governo, normalmente, eram presas em armadilhas e mortas. Não tínhamos muitos Direitos Humanos. Era muito raro existir mulheres que eram “chefes de família” e ainda não podiam usar calções ou calças.

Aluno/a T

